



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL  
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA**

**ANTONIO CARLOS ROCHA DE SOUSA**

**GILBERTO FREYRE, UMA PERSPECTIVA DE PROCESSO CIVILIZADOR  
BRASILEIRO?**

**Porto Alegre  
2022**

**ANTONIO CARLOS ROCHA DE SOUSA**

**GILBERTO FREYRE, UMA PERSPECTIVA DE PROCESSO CIVILIZADOR  
BRASILEIRO?**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas (IFCH) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), como requisito final para obtenção do título de Mestre em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Enio Passiani

**Porto Alegre  
2022**

#### CIP - Catalogação na Publicação

Rocha de Sousa, Antonio Carlos  
Gilberto Freyre, uma perspectiva de processo  
civilizador brasileiro? / Antonio Carlos Rocha de  
Sousa. -- 2022.  
105 f.  
Orientador: Enio Passiani.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal do  
Rio Grande do Sul, Instituto de Filosofia e Ciências  
Humanas, Programa de Pós-Graduação em Sociologia,  
Porto Alegre, BR-RS, 2022.

1. Gilberto Freyre. 2. Norbert Elias. 3. Processo  
civilizador. 4. Brasileiro. 5. Casa-grande & Senzala.  
I. Passiani, Enio, orient. II. Título.

**ANTONIO CARLOS ROCHA DE SOUSA**

**GILBERTO FREYRE, UMA PERSPECTIVA DE PROCESSO CIVILIZADOR  
BRASILEIRO?**

Este trabalho de dissertação foi analisado e julgado adequado para a obtenção do título de mestre em Sociologia e aprovado em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora designada pelo Programa de Pós-graduação de Sociologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Aprovada em: Porto Alegre, 26 de agosto de 2022.

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Enio Passiani (UFRGS) – orientador.

---

Profa. Dra. Leticia Maria Schabbach (UFRGS) – membro interno.

---

Profa. Dra. Andréa Borges Leão (UFC) – membro externo.

---

Profa. Dra. Márcia Barros Ferreira Rodrigues (UFES) – membro externo

**Porto Alegre  
2022**

*O saber deve ser como um rio, cujas águas doces, grossas, copiosas, transbordem do indivíduo, e se espraíem, estancando a sede dos outros. Sem um fim social, o saber será a maior das futilidades.*

*Gilberto Freyre*

## **Agradecimentos**

Após dois anos de muito estudo e uma pandemia que impôs um isolamento social, tendo que realizar o mestrado a distância; gostaria agradecer primeiramente a Deus, por ter tido a oportunidade de chegar até aqui. Não posso deixar que agradecer *in memoriam* aos meus pais José Calixto e Josefina Sebastiana, que a vida toda, me apoiaram e acreditaram em mim sempre muito orgulhosos. Agradeço também *in memoriam* ao meu irmão Agnaldo, por sempre me superestimar, me mostrando que posso ser sempre melhor do que imagino e pelo exemplo de esperança e vontade de viver até mesmo nos piores momentos e situações mais difíceis. Agradeço a minha esposa Elaís não só pelo incentivo e apoio, mas pelo carinho, companheirismo e amor. Não posso deixar de agradecer meus irmão Angelo Paulo e minha irmã Neuzeni pela fraternidade e incentivo. Agradeço a meus sobrinhos Renan Cardozo, Hillary Shara, Teyllon Luís, Emilly Victória, Bryan Victor e Pedro Henrique, Ariane, Samuel, Tadeu Filipe e Vicente por saber que serei sempre querido por eles. Não posso deixar de agradecer também aos meus cunhados Adrison, Abner e cunhada Ediana, e aos concunhados Felipe e Sheila, pela convivência e paciência. Agradeço também imensamente aos meu sogro Edson e sogra Adriana, não só pelo apoio e guarida na hora da dificuldade, mas por todo apoio, consideração e carinho. Gostaria de agradecer também todos os amigos, colegas e conhecidos que me apoiaram nesses anos até aqui, com um agradecimento especial a: Marcelo Marques pelos papos lúdicos e conselhos nas horas difíceis de dúvidas sobre o futuro, pela amizade pelo coleguismo e incentivo para realizar esse mestrado; agradeço Gustavo Gomes pelo incentivo e apoio moral; agradeço Rodrigo Ferreira, amigo de infância sempre torcendo para que conquiste meus objetivos. Enfim agradeço aos professores que de alguma maneira contribuíram para a realização desse trabalho com especial agradecimento aos professores Cláudio Marcio e Márcia Barros e Adélia Miglievich Ribeiro pelas orientações durante a graduação que me permitiram trilhar o caminho até o mestrado. Agradeço imensamente ao professor Enio Passiani, cuja orientação foi fundamental e determinante para o bom desenvolvimento da presente pesquisa; também agradeço a todos os professores do Programa de pós-graduação em Sociologia da UFRGS, que nas disciplinas contribuíram para meu aperfeiçoamento acadêmico, enfim gostaria de agradecer a todos e todas que eventualmente não agradei aqui.

*Obrigado a todos!*

## Resumo

Propomos neste trabalho uma aproximação teórico-metodológica entre Norbert Elias, por meio de sua sociologia configuracional e Gilberto Freyre tomando como objeto de análise o ensaio Casa Grande & Senzala (1933), onde por meio de uma pesquisa bibliográfica realizamos uma aproximação entre suas teorias sociais visando aprimorar fundamentos teóricos e condições explicativas da realidade social exposta no ensaio para demonstrar que Freyre nos apresenta e revela em Casa Grande & Senzala as configurações sociais que nos ajudam a pensar uma perspectiva de processo civilizador brasileiro, demonstrando as relações de interdependência entre europeus, ameríndios e negros africanos escravizados no contexto social da colônia brasileira. A partir dessa compreensão, nosso problema de pesquisa consistiu em aproximar a teoria sociológica de Gilberto Freyre sobre a formação do Brasil com a teoria do processo civilizador de Norbert Elias no intuito de mostrar que é possível “utilizar”, “ler” ou “traduzir” Casa-grande & Senzala por meio de uma abordagem civilizadora do país, propondo, assim, a possibilidade de pensar o ensaio freyreano a partir de um novo enfoque, aproximando seu relato da formação social e cultural do Brasil da teoria dos processos civilizadores elaborada pelo sociólogo alemão Norbert Elias, que buscou por meio da sociologia configuracional superar as dicotomias para alcançar uma multidisciplinaridade na observação dos fenômenos sociais de modo global, não ignorando, mas sim destacando as redes de interdependências recíprocas entre os indivíduos e suas sociedades. Por fim, procuramos destacar a influência alemã na obra de Gilberto Freyre que ao nosso ver contribuiu grandemente para suas formulações teóricas e metodológicas, que embora indiretas, nos ajudam a entender como suas obras possuem características destacadas de intelectuais alemães.

**Palavras-chave:** Gilberto Freyre; Norbert Elias; Processo civilizador; brasileiro; Casa-grande & Senzala.

## Abstract

We propose in this work a theoretical-methodological approach between Norbert Elias, through his figurational sociology, and Gilberto Freyre, through his essay Master and Slaves (1933). With a bibliographical research, we carried out an approximation between their social theories, aiming to improve theoretical grounds and explanatory conditions of the social reality exposed in Freyre's essay, in order to demonstrate that, by considering the interdependence relations between Europeans, Amerindians and black Africans enslaved in the social context of the Brazilian colony, the author reveals social figurations that help us to understand perspectives of the Brazilian civilizing process. Therefore, our research problem consisted in bringing together Gilberto Freyre's sociological theory about Brazil's formation with Norbert Elias's theory of the civilizing process, in order to show that it is possible to "use", "read" or "translate" Master and Slaves through a civilizing approach to the country and proposing the possibility of thinking the Freyrean essay from a new understanding, bringing his narrative of the social and cultural formation of Brazil closer to the theory of civilizing processes developed by the German sociologist Norbert Elias. This author aimed through figurational sociology to overcome dichotomies and achieve multidisciplinarity in the observation of social phenomena in a global way, not ignoring, but rather highlighting, the networks of reciprocal interdependencies between individuals and their societies. Finally, we seek to highlight the German influence on the work of Gilberto Freyre, which, in our view, greatly contributed to his theoretical and methodological formulations, and, although in an indirect way, help us to understand how his works have characteristics of German intellectuals.

**Keywords:** Gilberto Freyre; Norbert Elias; Brazilian Civilizing Process; Master and Slaves.

## Sumário

<b>1. Introdução .....</b>	<b>6</b>
1.1. Norbert Elias, literatura e os processos civilizadores .....	7
1.2. Civilização numa abordagem ética versus êmica .....	10
1.3. A influência alemã .....	11
1.4. Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro .....	13
1.5. Metodologia .....	18
<b>2. Norbert Elias: arte e literatura utópicas e as configurações sociais</b>	
2.1. Sociologia da literatura e sociologia configuracional .....	21
2.2. Arte e Literatura utópicas .....	29
<b>3. Gilberto Freyre e Casa-grande &amp; Senzala .....</b>	<b>37</b>
3.1. Influência alemã? .....	40
3.2. Gilberto Freyre, Norbert Elias e a sociologia simmeliana .....	46
3.3. Por que Casa-grande & Senzala? .....	51
<b>4. Gilberto Freyre e um processo civilizador brasileiro? .....</b>	<b>58</b>
4.1. Casa-grande & Senzala e um novo processo civilizador .....	61
4.2. Uma proposta de civilização .....	78
<b>5. Conclusão: Um processo civilizador brasileiro .....</b>	<b>88</b>
<b>Referências bibliográficas .....</b>	<b>98</b>
<b>Anexo .....</b>	<b>105</b>



## 1. Introdução

Propomos pensar a perspectiva de um processo civilizador brasileiro a partir do ensaio *Casa-grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, procurando aproximar o relato de formação social e cultural do Brasil, conforme exposto pelo autor, com a teoria dos processos civilizadores do sociólogo alemão Norbert Elias. Este, por meio da sociologia configuracional, propõe superar as dicotomias<sup>1</sup> da sociologia tradicional<sup>2</sup> em nome da multidisciplinaridade na observação dos fenômenos sociais de longa duração.

Acreditamos que Gilberto Freyre, como pensador do Brasil, tem grande contribuição para o que chamaremos aqui de processo civilizador brasileiro. Nossa hipótese fundamenta-se numa aproximação da obra freyreana com a teoria sociológica de processo civilizador desenvolvida por Norbert Elias em *O processo civilizador – volume I* (1939), obra na qual o autor, ao analisar a história dos costumes, nos apresenta o processo de formação do homem civilizado, destacando os processos de interiorização dos constrangimentos que permitem o aprendizado da vida em grupo – conduta que caracterizaria o “bem viver em sociedade”<sup>3</sup>, no sentido de viver de maneira a tornar as pessoas mais sensíveis às pressões sociais umas das outras.

Assim, buscamos compreender, a partir do ensaio freyreano, o relato que criou certo “mito fundador” do Brasil, o que poderia sugerir, em algum grau, a existência de um processo civilizador brasileiro. É nesse sentido que suas ideias estão disseminadas na sociedade como um ideal a ser alcançado – ou como uma “ilusão” a ser criticada, – pois diversas

---

<sup>1</sup> “Tanto para Elias quanto para Latour, as separações e as dicotomias que caracterizaram a tradição sociológica, foram temas de seus interesses. [...] Além disso, para Elias esta perspectiva tradicional apresenta uma ideia de um indivíduo adulto, sem relações com ninguém, centrado em si mesmo, completamente sozinho que, aliás, nunca foi criança, o que traz segundo ele outro problema: a noção de indivíduo como situação (estático) e não como processo (dinâmico). Para Elias, o indivíduo foi pensado assim por sociólogos como Weber, Durkheim e Parsons. Weber, por exemplo, desenvolveu a ideia de um ‘indivíduo absoluto’ como realidade e de uma sociedade como um conjunto de ações individuais desordenadas que não lhe permitiu dar solução intelectual ao problema da relação do indivíduo com a sociedade” (CANAL, 2011, p.140-142).

<sup>2</sup> “Com Elias e Latour, é possível seguir compreendendo que não estamos mais sozinhos nem afastados do mundo. Eles ajudam na tarefa de compreender que o mundo não está fora de nós e que tentar deixar fora de nós aos outros, como se nossa pele fosse uma barreira que afasta e diferencia, faz do ato da criação do mundo algo desumanizado, ilusório e sem mistério. Isto é o que se escuta destes autores e como isto vai se mudando a ideia de que nos deixaram alguns dos pressupostos da sociologia tradicional: a coisificação dos outros e a coisificação das coisas” (CANAL, 2011, p.148).

<sup>3</sup> Forçadas a viver de uma nova maneira em sociedade, as pessoas tornam-se mais sensíveis às pressões das outras. Não bruscamente, mas bem devagar, o código de comportamento toma-se mais rigoroso e aumenta o grau de consideração esperado dos demais. (ELIAS, 1994a, p.91)

características sociais brasileiras, como compadrio, autoritarismo e religiosidade, por exemplo, presentes no imaginário social brasileiro, foram expostas ou inspiradas no ensaio *Casa-grande & Senzala* (1933) de Gilberto Freyre.

Assim, ao aproximar a teoria sociológica de freyreana sobre a formação do Brasil à teoria do processo civilizador de Norbert Elias, procuraremos mostrar que é possível “utilizar”, “ler”, “traduzir” o ensaio *Casa-grande & Senzala* por uma abordagem civilizadora do país; propondo a possibilidade de pensar Gilberto Freyre a partir de um novo enfoque, qual seja, da perspectiva de um processo civilizador nacional.

Objetivo geral do nosso estudo, é aproximar a teoria sociológica da formação social do Brasil à teoria do processo civilizador de Norbert Elias, e dessa forma realizar um novo exame do tema sob novo enfoque. Como objetivos específicos; procuraremos demonstrar que as coincidências entre os autores não se dão apenas no plano teórico, mas também no metodológico a partir da perspectiva de longa duração e da utilização de fontes consideradas inovadoras e inesperadas nas ciências sociais utilizadas pelos autores nos seus contextos históricos.

Nesse sentido, as hipóteses aqui expostas são de que ao aproximarmos a teoria sociológica de Gilberto Freyre à teoria do processo civilizador de Norbert Elias, observaremos como a “imagem de Brasil” apresentada pela teoria freyreana subsidia tanto uma visão “idílica” daquilo que marca o “ser brasileiro”, divulgando uma imagem do país que, em nossa perspectiva, pode ser lido em chave “civilizadora”, sendo possível encontrar uma equivalência entre as noções de “equilíbrio de tensões” (Freyre) e “(auto) controle dos impulsos” (Elias), ou seja, para ambos a formação de uma configuração social depende do controle da violência. Nesse sentido, a utopia de Freyre compõe e participa igualmente da constituição de uma “civilização nos trópicos”. Assim, propomos essa aproximação entre a teoria sociológica de Gilberto Freyre e a teoria do processo civilizador de Norbert Elias.

### 1.1. Norbert Elias, literatura e os processos civilizadores

A sociologia configuracional ou figuracional eliasiana – neste trabalho utilizaremos o termo configuracional, que é o mais adotado nos textos em português – é dotada de uma perspectiva processual e de longo prazo, ao utilizar fontes pouco usuais na Sociologia, como obras de arte e de literatura ficcionais e científicas, por exemplo, para compreender as sociedades nas quais essas obras foram produzidas e suas relações de interdependência com sociedade a que pertence.

Tal compreensão se dá a partir do conceito de configuração<sup>4</sup> ou figuração, que procura superar a ideia de uma separação entre indivíduo e sociedade como estruturas autônomas e independentes, ideia segundo a qual o indivíduo é um ente indivisível e a sociedade uma superestrutura formada por um conjunto de elementos isolados.

Nos anos 1930, Norbert Elias desenvolveu sua pesquisa sobre o processo civilizador com o intuito de compreender as transformações sociais que ocorrem nas sociedades ocidentais ao longo do tempo, transformações que, em sua perspectiva, levariam as sociedades na direção de um processo civilizador que contribui para a transformação da afetividade e do comportamento humanos, produzindo e sendo produzidas por um controle das emoções individuais por meio da imposição externa (num primeiro momento) e do autocontrole (num momento seguinte) (ELIAS, 1994a).

Norbert Elias visa entender a relação entre as estruturas das personalidades individuais e as regras sociais de determinada sociedade, pois é por meio da dinâmica social que estas são produzidas e reproduzidas e exercem pressão sobre os indivíduos e controlam suas emoções, sendo que ambas as dimensões, social e individual, são incorporadas pelos sujeitos como *habitus*<sup>5</sup> social (ELIAS, 1997).

A perspectiva eliasiana do processo civilizador dessa maneira não é centrada fundamentalmente nos indivíduos, pois supera a ideia de que estes são entidades fechadas e autônomas, uma vez que se encontram em constante processo de transformação, não podendo, portanto, serem pensados em seu tempo presente, mas sempre em processos de longa duração nos quais se transmite aos indivíduos as regras sociais. Sendo assim, sua teoria é contrária à noção dicotômica que separa social e individual.

Nessa perspectiva, Norbert Elias pensa o indivíduo e a sociedade a partir do conceito de configuração, segundo o qual a personalidade individual é fluida e mutável, sendo livre e autônoma apenas em parte, já que o indivíduo se torna interdependente nas relações com

---

<sup>4</sup> “Aquilo a que chamamos ‘configuração’ em relação às partes constituintes é semelhante àquilo a que chamamos ‘estrutura’ em relação à unidade composta. Se falamos da estrutura das sociedades e da configuração ou padrão de vinculação dos indivíduos que formam essas sociedades, estamos de fato a falar da mesma coisa encarada de diferentes ângulos” (ELIAS, 2008, p. 194).

<sup>5</sup> “Por ‘*habitus*’ – uma palavra que usou muito antes de sua popularização por Pierre Bourdieu – Elias significa basicamente ‘segunda natureza’ ou ‘saber social incorporado’. O conceito não é, de forma alguma, essencialista; de fato, é usado em grande parte para superar os problemas da antiga noção de ‘caráter nacional’ como algo fixo e estático. Assim, Elias afirma que ‘os destinos de uma nação ao longo dos séculos vêm a ficar sedimentados no *habitus* de seus membros individuais’ (p.30), e daí decorre que o *habitus* muda com o tempo precisamente porque as fortunas e experiências de uma nação (ou de seus agrupamentos constituintes) continuam mudando e acumulando-se. O conceito de *habitus* implica um equilíbrio entre continuidade e mudança” (DUNNING; MENNELL, 1997 *apud* ELIAS, 1997, p. 09)

outras pessoas. Na obra *O processo civilizador – volume I: uma história dos costumes* (1939), Elias busca diferenciar os significados de cultura e civilização de acordo com o local e a época em que esses termos surgiram, destacando as distinções entre os termos *Kultur*, em alemão, e *Culture*, em francês (originado do latim *civilité*). Após essa distinção, o autor passa a descrever de forma empírica como ocorriam essas mudanças de comportamento e das emoções diante das estruturas de controle social ao longo do tempo, relatando as mudanças de longa duração no período compreendido entre os séculos XVI e XIX, perpassando desde o cavaleiro medieval, pelo cortesão até o burguês, sobretudo na Inglaterra, França e Alemanha.

Já no segundo volume de *O processo civilizador II - Formação do Estado e Civilização* (1939), Norbert Elias se ocupa de outra questão: após demonstrar essas transformações nas emoções e estruturas de controle humano, o autor propõe que essas mudanças na personalidade humana estariam relacionadas a mudanças políticas e sociais ocorridas durante a formação dos Estados Nacionais Modernos na Europa. Para Elias, o surgimento dos Estados Nacionais aumentou o grau de diferenciação e integração existente nas sociedades europeias ao prolongar as teias de interdependência entre os grupos sociais, mudança permitida pela consolidação dos controles estatais. Com este enfoque teórico e empírico, o sociólogo procura entender essas mudanças estruturais de longa duração e descrever a conexão entre estrutura social e estrutura da personalidade dos indivíduos.

Desta forma, a teoria do processo civilizador eliasiana se constitui a partir das transformações de longo prazo destas configurações sociais, observando tanto a articulação entre suas estruturas políticas, econômicas, sociais e da personalidade dos indivíduos, quanto o modo como essas estruturas se transformam ao longo do tempo, constituindo a base do processo civilizador. Para tal constatação Norbert Elias se utiliza de várias fontes: livros de etiqueta, obras de arte, pinturas, romances, literatura científica etc.

Nesse sentido, propomos uma aproximação entre a teoria sociológica de Gilberto Freyre e Norbert Elias e, para isso, nos atentaremos ao uso da sociologia configuracional eliasiana para análise de obras literárias, realizada de forma distinta daquela dos estudos de Sociologia da Literatura por exemplo, pois o sociólogo alemão as utiliza como fontes sócio-históricas que remontam o “cenário” social no qual foram produzidas, permitindo compreender como ocorreram os processos civilizadores de suas sociedades. Assim procuramos ler o ensaio *Casa-grande & Senzala* como uma obra híbrida, literária e acadêmica, e, dessa maneira, observar como, enquanto produção literária, se correlaciona com

a realidade social que a rodeia e com a época na qual foi escrita, e a partir dessa compreensão realizar aproximação entre as teorias sociais de Freyre e Elias.

A sociologia configuracional eliasiana utiliza a arte e a literatura como umas das fontes para compreensão dos processos civilizadores de longa duração das sociedades, expandindo as fronteiras da Sociologia a partir da perspectiva das relações e configurações sociais do período, propondo superar as dicotomias da Sociologia tradicional e pretendendo, senão alcançar, reconhecer aquela multidisciplinaridade que fundamenta os fenômenos sociais de modo global. A análise configuracional eliasiana da literatura e da arte, nesse sentido, objetiva demonstrar como essas fontes podem ser utilizadas para entender tanto as relações sociais quanto as relações de interdependência entre os indivíduos e a sociedade em que vivem, sendo uma fonte que não deixa de representar a hierarquia social em um determinado tempo histórico, pois podemos observar, na literatura, as configurações sociais da realidade vivida pelo autor literário.

## 1.2. Civilização numa abordagem ética & êmica

Cabe aqui lembrar que uma teoria dos processos civilizadores não tem como fim fazer projeções positivas ou negativas dos “resultados” deste processo, nem o quanto próximo ou distante está de uma “modernidade ocidental”, mas apenas demonstrar como os processos psíquico-sócio-históricos são particulares a cada configuração social. Portanto, ao aproximar as teorias de Gilberto Freyre e Norbert Elias, nosso objetivo é averiguar as contribuições do primeiro acerca de um processo civilizador brasileiro como propomos. Para isso é necessário compreendermos a noção de civilização nas abordagens ética e êmica.

Numa abordagem êmica de civilização, como nos apresenta Milton Rosa e Daniel Clark Orey, os membros dos grupos culturais têm a própria interpretação de sua cultura em oposição a uma interpretação ética da civilização dos pesquisadores e investigadores sociais (ROSA; OREY, 2012), uma vez que tal abordagem ética da civilização é etnocêntrica, que não assume outra civilidade.

[...] a abordagem êmica procura compreender determinada cultura com base nos referenciais dela própria. Em outras palavras, a abordagem ética é a visão externa, dos observadores e investigadores que estão olhando de fora, em uma postura transcultural, comparativa e descritiva, enquanto a abordagem êmica é a visão interna, dos observados que estão olhando de dentro, em uma postura particular, única e analítica (ROSA; OREY, 2012, p. 867).

Tendo em vista essas duas abordagens, ética e êmica de civilização, verificaremos por meio da análise de processos civilizadores na teoria de Gilberto Freyre o quanto essas abordagens nos ajudam a compreender a descrição do processo de formação sociocultural do Brasil relatada no ensaio *Casa-grande & Senzala*; e para isso retomaremos essas abordagens civilizacionais na discussão do que chamamos aqui de processo civilizador brasileiro, que ocorre numa realidade colonial, de encontro de civilizações, cujos europeus intentam “ofensivas civilizadoras”<sup>6</sup> planejadas, organizadas e desenvolvidas pelas elites como meios de distinção das ordens inferiores de suas próprias sociedades (MENNELL, 2015) e mais tarde de aculturação e dominação de ameríndios nativos e negros escravizados.

### 1.3. A influência alemã de Gilberto Freyre

Gilberto de Mello Freyre foi um pesquisador, escritor e intérprete do Brasil que procurou revelar a formação da sociedade brasileira. Freyre descreveu, de forma ensaística e quase literária, como se deu a conquista dos povos nativos ameríndios e a escravização dos negros africanos pelo colonizador europeu, bem como, a partir da miscigenação de raças e culturas, formou-se a população brasileira. Sua perspectiva culturalista procurou deslocar as discussões do lócus racial para o cultural.

Nos anos de 1910, o eugenismo brasileiro havia ganhado força, principalmente na esteira do sanitarismo. Esse, que em si não era um problema, contudo, encontrava-se dividido em dois grupos: de um lado, intelectuais voltados a questões de saúde pública; de outro, os eugenistas que queriam “purificar a raça” através de propostas políticas contrárias à miscigenação. As diferenças entre tais grupos, entretanto, eram tênues como veremos adiante. Posteriormente, sobretudo a partir da realização da Semana de Arte Moderna de 1922, o movimento modernista brasileiro, muito influenciado pela *Belle Époque* francesa, inicia a crítica àqueles intelectuais eugenistas que acreditavam ser a formação populacional miscigenada o grande mal do país, formação que, segundo os defensores da eugenia, fadava o Brasil ao fracasso.

---

<sup>6</sup> ‘Processos civilizadores’, no sentido técnico ou ‘ético’ de Elias, são processos de longo prazo, intergeracionais, não planejados e não intencionais, envolvendo mudanças no equilíbrio do habitus social típico, paradoxalmente, as “ofensivas civilizadoras” são, em contraste, planejadas, organizadas e pretendidas, e, em geral a curto prazo (tradução nossa). Original: ‘Civilising processes’, in Elias’s technical or ‘etic’ sense, are long-term, intergenerational, unplanned and unintended processes, involving changes in the balance of the typical social habitus. Paradoxically, ‘civilising offensives’ are in contrast planned, organised and intended, and generally fairly short-term (MENNELL, 2015, p.03).

Notaremos que, se até meados dos anos 1920 eram poucos os intérpretes brasileiros que buscavam “descobrir” o Brasil e suas origens, a partir dos anos 1930 essa ideia de “descobrimento” tornou-se predominante, e nesse período foi lançado *Casa-grande & Senzala*, ensaio que inova metodologicamente não apenas por propor descobrir as origens do Brasil, mas porque procura revelá-lo em suas emoções, sua intimidade, seus comportamentos rotineiros, sua culinária etc., indo muito além de uma análise das estruturas econômicas, políticas e sociais, relatando o cotidiano, o dia-a-dia do brasileiro no período colonial.

Gilberto Freyre revelou em seu ensaio não somente a formação, mas também o “nascimento” do Brasil ao propor uma interpretação inovadora do período colonial brasileiro: buscando ir além de uma visão socioeconômica da sociedade colonial, apresentando uma perspectiva renovadora para os parâmetros teóricos e metodológicos discutidos pelos precursores das Ciências Sociais no Brasil de 1930.

No presente trabalho trataremos também de uma influência pouco destacada, mas que contribuiu muito para as formulações teóricas e metodológicas de Gilberto Freyre: a influência alemã, reconhecida pelo próprio autor. A primeira e mais destacada certamente vem do professor alemão Franz Uri Boas, um dos fundadores da moderna antropologia cultural, cuja orientação levou Gilberto Freyre a reconhecer a diferença fundamental entre raça e cultura. Além dessa influência de Franz Boas, destacaremos também a influência germânica do pouco conhecido Rüdiger Bilden, cuja convivência e amizade teve grande importância na trajetória intelectual do pernambucano, e a literatura de Herman Sudermann, autor de novela inglês que influenciou diretamente a futura grande obra freyreana (*Casa-grande & Senzala*), pois inspirou Freyre a narrar a formação do Brasil como um “romance” cujo palco se forma nas estruturas da Casa-grande e da senzala.

Outra influência germânica no desenvolvimento teórico de Gilberto Freyre pode ser observada no uso da metodologia sociológica baseada no sociólogo alemão Georg Simmel – verificável pelas várias citações ao sociólogo no livro *Sociologia* de 1945 –, nas suas preocupações quanto à natureza do estudo sociológico e sua distinção do social: na perspectiva freyreana, nem tudo o que se refere ao social é objeto da Sociologia, – principalmente o conceito simmeliano de *societalização*, que exprimiria com maior vigor do que a ideia de socialização o processo ou o mecanismo de reciprocidade ou de interpenetração de influências pelo qual se torna social o que o indivíduo traz para a vida de associação com outro indivíduo ou para a vida em grupo. É esse conceito sociológico de Georg Simmel que

oportuniza a Gilberto Freyre formular sua perspectiva sociológica e delimitar o que de sociológico existe em sua análise.

Por fim, veremos a influência do germanismo da Escola do Recife, instituição que surge de um movimento intelectual e cultural a partir da Faculdade de Direito, ampliando seus estudos das questões jurídicas para problematizar questões de ordem política, histórica e social. Essa influência germânica se apresenta de forma marcante na trajetória intelectual de Gilberto Freyre, pois, após seus estudos nos Estados Unidos, ele retorna ao Brasil e se filia exatamente à Escola do Recife, algo que sem dúvida teve influência importante sobre sua teoria. Destacar esta vasta influência alemã no percurso intelectual de Gilberto Freyre, que marca sua perspectiva social e histórica, que perpassa sua teoria e método, é importante para realizar uma leitura de *Casa-grande & Senzala* sob as lentes de Norbert Elias, pois percebemos que as influências alemãs sobre a obra de Freyre nos permitem uma comparação de sua teoria com a teoria eliasiana dos processos civilizadores.

#### 1.4. Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro

Gilberto Freyre, no ensaio *Casa-grande & Senzala*, “inventou” o Brasil, criou seu “mito” de fundação a partir das relações entre as casas-grandes e as senzalas e da inter-relação entre as raças ocorrida por meio da miscigenação, tornando essas estruturas um tipo de “arquétipo” das relações sociais brasileiras. A importância da “invenção” freyreana reside no fato de seus significados, além de marcarem a trajetória intelectual do próprio autor, marcarem também a trajetória intelectual dos intérpretes nacionais que o sucederam: *Casa-grande & Senzala* não repercutiu somente na academia, mas também na política e na sociedade brasileiras, nas quais transformou determinadas e decisivas visões; adeptos ou críticos, nenhum pensador passou incólume à teoria freyreana, pois ela influenciou diretamente os debates e discussões, dentro do pensamento social brasileiro, acerca da formação do Brasil.

Propomos uma perspectiva de leitura do processo civilizador brasileiro tendo como objeto a interpretação sócio-psico-histórica apresentada por Gilberto Freyre em seu ensaio *Casa-grande & Senzala* (1933), levando em conta que, possivelmente, suas ideias centrais foram incorporadas ao imaginário social brasileiro, seja no meio acadêmico, seja no senso

comum. Noutros termos, pensar o Brasil e os brasileiros sem de alguma forma referir ou recorrer ao autor é uma tarefa muito difícil.

Dentre todas as obras de Freyre, destacamos aqui *Casa-grande & Senzala* (1933), ensaio no qual o autor cria um “mito de fundação” do Brasil. É nesta obra que encontraremos as bases de sua argumentação acerca da formação do país, propondo, talvez, a parte mais consistente de sua perspectiva teórica e metodológica. Este livro lançou Gilberto Freyre como grande intérprete do Brasil, tornando-o protagonista de diversos comentários e críticas – sejam positivas, ao exaltar sua inovação analítica, sejam negativas ao acusar a obra de “suavizar” as mazelas nacionais.

Não queremos mistificar o autor ou sua obra, apenas acreditamos que Gilberto Freyre criou certo “mito” de fundação do Brasil ao assumir o desafio de “desvendá-lo”: “Era como se tudo dependesse de mim e dos de minha geração; da nossa maneira de resolver questões seculares. E dos problemas brasileiros, nenhum que me inquietasse tanto como o da miscigenação” (FREYRE, 2003, p. 31). Como vemos, o autor busca na miscigenação o surgimento do brasileiro: Gilberto Freyre propõe “revelar” o Brasil, tomando como missão explicar o país e o seu povo.

Para isso, inova na análise sócio-histórico-antropológica e propõe o conceito de “equilíbrio dos antagonismos” ou “equilíbrio de tensões” em sua explicação da sociedade brasileira. A perspectiva do equilíbrio é utilizada por Gilberto Freyre para entender como as relações sociais, familiares e sexuais, ainda que violentas, não levaram ao esgarçamento do tecido social no Brasil, tentando explicar dialeticamente o processo de moldura da sociedade brasileira em conflito. Esse equilíbrio é o conceito que permite o autor explicar a complexa relação de miscigenação ocorrida entre as três grandes raças do Brasil, a formação de uma sociedade colonial miscigenada que, por sua vez, resultou numa civilização dos trópicos.

Nesse sentido, aproximaremos essa concepção sócio-psíquico-cultural de equilíbrio de antagonismos na formação do Brasil com a de processo civilizador proposta por Norbert Elias. Essa última pode ser definida como “(...) uma transformação de toda a economia das paixões e afetos rumo a uma regulação mais contínua, estável e uniforme dos mesmos, em todas as áreas de conduta, em todos os setores de sua vida” (ELIAS, 1993, p. 202). Ou seja, um processo de longa duração no qual a conduta e os modos de sentir dos indivíduos mudam e se transformam. Porém, essas mudanças não são planejadas por sujeitos isolados, uma vez que a “civilização” ocorre gradualmente por meio de transformações sociais nem sempre conscientes, racionais ou deliberadas ao longo de séculos.

Tanto Norbert Elias quanto Gilberto Freyre, ao estudarem a formação de suas respectivas sociedades, se preocuparam em realizar uma análise do cotidiano, do comportamento humano e da vida psíquica dos indivíduos e grupos, partindo de temas bastante incomuns para a Sociologia anterior aos meados do século XX. Ambos os autores partem de fontes históricas inusitadas, fazem uso de fontes primárias, realizam uma pesquisa sócio-histórica da vida cotidiana a partir de fontes inesperadas e fazem uso de documentos como, por exemplo, manuais de boas maneiras.

Gilberto Freyre encarou suas fontes como documentos reveladores, considerando suas especificidades no quebra-cabeça histórico-social brasileiro: o passado é interpretado como um outro meio de procurar o “tempo perdido” e de nos sentirmos nos outros – nos que viveram antes de nós, servindo para analisar e explicar a formação da sociedade e da família patriarcal brasileiras. Gilberto utiliza um método de pesquisa centrado em dados da vida cotidiana para observar a conjuntura histórica e social do Brasil, valorizando aquelas fontes que traziam as minúcias do cotidiano moldadas pelo equilíbrio das tensões, o que tratamos aqui como a versão eliasiana do autocontrole dos impulsos.

Mesmo havendo semelhanças quanto ao uso das fontes, e até mesmo metodológicas, a teoria social de Gilberto Freyre é anterior à eliasiana. Freyre se concentra em condicionamentos estritamente macrossociológicos, muito semelhantes àqueles que guiariam a reflexão de Norbert Elias posteriormente. Na aproximação teórica, verificamos que Gilberto Freyre procura entender, assim como Elias, a ocorrência do processo de assimilação de regras sociais e repressão dos instintos – inovando em suas análises sociológicas com sua teoria do processo civilizador ancorado em sua sociologia configuracional. Essas e outras coincidências justificam a aproximação teórica e metodológica dos autores conforme propomos.

Contudo, Gilberto lidou com dilemas sociais não estudados por Norbert Elias, mais precisamente, as questões de raça, miscigenação e colonização, todos temas importantes para compreendermos o processo civilizador brasileiro. Sendo assim, consideramos essas questões as maiores diferenças entre suas “teorias civilizadoras”. De qualquer modo, Freyre é herdeiro de uma tradição que buscava na miscigenação a identidade do homem e da nação brasileira, sendo um dos principais construtores do imaginário coletivo que legitimou e preservou uma “modernização conservadora” fundada em um passado patriarcal e escravocrata. Baseando seu argumento sobre um viés culturalista racial, Freyre cria o “mito fundador” do Brasil e dos brasileiros.

Assim sendo, compreender a obra de Gilberto Freyre nos exige analisar seu discurso sobre raça e identidade, questões centrais para o pensamento social brasileiro desde o final do século XIX. Além disso, não podemos esquecer suas análises sobre o elemento colonizador português, pois, diferentemente da formação dos Estados Nacionais europeus, o Brasil surge a partir de um processo de colonização, e esse dado é relevante para compreendermos as relações entre indivíduo e sociedade e entre estes e o surgimento do Estado no Brasil; Freyre considera todas as consequências do fato de que a família é a unidade básica, dada a distância do Estado português e de suas instituições, da formação social brasileira. Assim, podemos ver que o autor estava ávido por explicar como se dava a regulação da sociedade nacional, de modo a compreender a aparente ausência de “conflito político e social” no Brasil. Ou seja, fundamentalmente, Gilberto Freyre era um homem de seu tempo, marcado por uma forte permanência da tradição patriarcal e escravista. Todavia, sua obra segue sendo crucial para quem estuda e pesquisa a formação do Brasil.

Politicamente, *Casa-grande & Senzala* mostrou-se importante, já nos anos 1930, para o regime intervencionista de Getúlio Vargas, para o qual o ensaio trouxe os argumentos daquilo que o governo queria valorizar e estabelecer no país: a criação de uma autoestima nacional e a valorização da “cultura do povo” – entendida também como valorização da cultura africana –, levando para as políticas públicas a ideia de que a cultura do povo brasileiro era reconhecida pelo governo federal.

O ensaio freyreano descreve a formação social, o nascimento da sociedade brasileira, constituída da miscigenação de ameríndios, europeus e africanos num processo de quatro séculos que formou um povo novo, forjado na exploração do território, na assimilação da maior parte dos nativos e na escravização do africano negro. *Casa-grande & Senzala* é capaz de condensar essas influências distintas que se fundem, se “miscigenam”, sintetizando como se deu o desdobramento do processo de formação que engendrou a sociedade brasileira atual. Nesse sentido, propomos neste trabalho dissertativo que o ensaio *Casa-grande & Senzala* pode ser lido como uma descrição de um processo civilizador brasileiro, pois, ao descrevê-lo em pormenores, mesmo que numa forma um tanto romanceada, não deixa de ser, também, uma obra densa que propõe muitos conceitos e ideias que nos ajudam a compreender como se deu o processo nacional de formação social, de configuração que cria um *habitus* brasileiro. A obra nos dá condições de compreender o Brasil, sua sociedade, sua formação e seu particular processo civilizador.

Nesse sentido, o período colonial brasileiro, compreendido do início do século XVI até o início do XIX, caracterizou-se por um processo de formação social marcado tanto por forças civilizadoras quanto descivilizadoras. Propomos pensar esse processo, em sua dimensão civilizadora, mas consciente de que uma contraforça descivilizadora, a partir da teoria sociológica eliasiana, que consiste em pensar a civilização por meio do conceito de *civilité* europeia.

No caso aqui tratado, falamos de uma civilização dos trópicos caracterizada por uma configuração distinta da ocorrida na Europa, pois a civilização freyreana consistiu-se em um processo de colonização territorial, uma “hibridização civilizacional” ocorrida por meio de uma miscigenação genética, racial e cultural, que se evidencia ao observamos que sociedades colonizadas como a brasileira passaram por um processo de mistura de raízes – no caso do Brasil, europeias, ameríndias e africanas –, num processo que não reproduziu nenhuma das culturas originais, caracterizando-se como um processo civilizador diferente do ocorrido no ocidente europeu, sobretudo ao considerarmos as influências das culturas ameríndia e africana.

O processo civilizador brasileiro, como veremos, é apresentado como uma formação social equilibrada em antagonismos, o que orienta a principal ideia do “mito” de fundação nacional criado por Gilberto Freyre, “mito” que, por sua vez, cria a utopia de uma sociedade formada a partir da miscigenação cultural e sexual, supostamente criadora de uma civilização colonial dos trópicos equilibrada sobre antagonismos e sem conflitos sociais – ou, pelo menos, conflitos sociais mitigados.

Partindo desta narrativa de equilíbrio de antagonismos, Gilberto Freyre reforça uma visão utópica da colonização portuguesa no Brasil sustentada pelo descarte dos conflitos sociais: o autor enfatiza a capacidade de adaptação do colonizador e a tolerância recíproca de intercâmbio cultural e sexual entre colonizador, nativos e africanos escravizados, gerando um processo de equilíbrio e aproximação que levou a uma hibridização recíproca dos povos no processo de formação social do Brasil.

Nesse sentido, propomos pensar que Gilberto Freyre, ao descrever e revelar a formação social do Brasil, está de certa maneira revelando um outro tipo de processo civilizador, um processo civilizador nacional que se deu por meio da hibridização das culturas existentes na colônia. Destacamos aqui o que o autor chamou de “confraternizações das raças”, um encontro no qual as violências existentes nas relações entre brancos, indígenas e negros não gerou grandes conflitos, não perturbando o equilíbrio de tensões e apaziguando-os

sob antagonismos equilibrados, fazendo prevalecer a ideia de confraternização ocorrida pela miscigenação, marcada por uma moral flexível e com pouco controle sobre as posturas e os gestos cotidianos. Essa realidade foi combatida pelos missionários católicos jesuítas cujas missões tiveram a incumbência de “levar a civilização” e cristianizar o nativo ameríndio, além de disciplinar o colono europeu e educar as crianças aos modos da civilidade europeia. Nesse sentido, a base de uma certa concepção de civilidade colonial advém do europeu.

Em suma, a obra de Freyre tem permanecido como um desafio constante aos comentadores, e a vitalidade de seu pensamento se mostra no crescente interesse por sua obra. Freyre é, talvez, o mais “moderno” entre os clássicos do pensamento social brasileiro.

Sua atualidade para se pensar o Brasil, acreditamos, é indiscutível, pois é, quiçá, a principal fonte para compreendermos o imaginário social do brasileiro, a imagem existente do país. Assim sendo, ao aproximar sua obra da teoria dos processos civilizadores de Norbert Elias estamos inovando e demonstrando como a teoria sociológica freyreana subsidia uma interpretação do processo de formação do Brasil em chave civilizadora, tal qual desenvolvido por Norbert Elias acerca das civilizações europeias.

### 1.5. Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento deste trabalho consistiu numa pesquisa teórica, baseada em levantamento bibliográfico, propondo-se a realizar uma aproximação entre teorias e visando aprimorar fundamentos teóricos e condições explicativas da realidade social a partir de revisão bibliográfica, promovendo discussões e diálogos teóricos entre Gilberto Freyre e Norbert Elias por meio de fontes diretas (obras dos próprios) e comentadores dos autores; de modo a discutir a hipótese de um processo civilizador brasileiro.

A justificativa da pesquisa consiste na aproximação teórica entre as sociologias brasileira e alemã. Ainda que não se trate de uma novidade, a aproximação da teoria sociológica freyreana com a teoria sociológica do processo civilizador de Norbert Elias não resultou, até o presente momento, em muitas dissertações ou teses com esta abordagem. Nossa proposta, além de realizar tal aproximação teórica, busca verificar como a teoria do processo civilizador eliasiana pode contribuir para explicar a formação do Brasil desenvolvida e apresentada por Gilberto Freyre.

Trata-se aqui, portanto, de uma pesquisa teórica e bibliográfica, sendo nossas fontes primárias os seguintes livros: *O processo civilizador - volume I: uma história dos costumes* (1939), do sociólogo Norbert Elias, e *Casa-grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Como fontes secundárias, selecionamos obras relevantes já publicadas em livros e artigos com a finalidade de mapear o “estado da arte” do que foi escrito tanto sobre a teoria de processo civilizador quanto sobre o “equilíbrio de antagonismos” de Gilberto Freyre.

Para a realização da pesquisa utilizamos o esquema proposto por Eva Maria Lakatos e Marina de Andrade Marconi, que consiste nas seguintes etapas: “a) escolha do tema; b) elaboração do plano de trabalho; c) identificação; d) localização; e) compilação; f) fichamento; g) análise e interpretação; h) redação” (LAKATOS; MARCONI, 2003, p. 44). Tendo escolhido o tema, elaboramos um plano de trabalho no qual traçamos as estratégias de levantamento de bibliografias relevantes sobre o tema, mapeando artigos, livros, dissertações, teses e coletâneas que discutiam as seguintes questões: processo civilizador, sociologia configuracional ou figuracional eliasiana, equilíbrio de antagonismos, formação do Brasil, colonização, teoria freyreana e *Casa-grande & Senzala*. Para orientarmos as discussões sobre nossa hipótese acerca de um processo civilizador brasileiro, passamos também a mapear as fontes secundárias, selecionando as mais relevantes para realização do fichamento.

Realizamos, em seguida, levantamento das bibliografias elencadas de Gilberto Freyre e Norbert Elias, dentre outras obras correlacionadas dos autores, bem como das fontes secundárias sobre o tema proposto. Na medida em que organizamos as obras, selecionamos as fontes de referência e realizamos as leituras e a compilação, utilizando-nos de leitura dinâmica das bibliografias e do tratamento por palavras-chave e conceitos no software *QSR Nvivo 13*. Após a leitura e compilação, selecionamos as fontes mais relevantes para o tema e realizamos os fichamentos das fontes de referência e das fontes secundárias selecionadas na etapa anterior.

O trabalho de fichamento é um método de pesquisa pessoal que pode ser realizado de várias maneiras e que nos permite a fácil manipulação e ordenação do assunto, possibilitando uma seleção constante da documentação. Nesse sentido realizamos o fichamento de modo digital, utilizando o editor de planilhas *Microsoft Excel 2019*, o que consistiu em três tipos de notações: 1) seleção de trechos para citação direta, dos quais transcrevemos os dados relevantes em fichas (célula de citação), buscando o máximo de exatidão e cuidado; 2) resenha para citação indireta; 3) interpretação do conteúdo para desenvolvimento de ideia da hipótese proposta.

Nesse sentido, a análise e a interpretação do material bibliográfico se deram pela leitura crítica, por meio da crítica externa e interna das bibliografias selecionadas na etapa de compilação e fichamentos.

Nessa etapa, realizamos a análise e a interpretação do material bibliográfico fichado a partir da crítica externa da bibliografia selecionada e da crítica interna do conteúdo produzido, concluindo com a redação da dissertação no prazo especificado no cronograma da pesquisa.

Tendo concluído a fase de compilação, fichamento, análise e interpretação, passamos a tratar nosso problema de pesquisa, o que consistiu em aproximar a teoria sociológica de Gilberto Freyre sobre a formação do Brasil com a teoria do processo civilizador de Norbert Elias no intuito de mostrar que é possível “utilizar”, “ler” ou “traduzir” *Casa-grande & Senzala* por meio de uma abordagem civilizadora do país, propondo, assim, a possibilidade de pensar o ensaio freyreano a partir de um novo enfoque, no caso, pela perspectiva de um processo civilizador brasileiro no sentido ético de civilização.

Nosso objetivo geral foi, portanto, aproximar a teoria sociológica da formação social brasileira, conforme apresentada na principal obra de Gilberto Freyre (*Casa-grande & Senzala*), da teoria do processo civilizador de Norbert Elias, procurando demonstrar que é possível compreender Freyre como um autor que propõe uma utopia civilizadora para o Brasil. Dessa forma, a pesquisa não foi mera repetição do que já foi dito ou escrito sobre o assunto, uma vez que propôs um novo exame do tema, realizado sob um novo enfoque e/ou abordagem para chegar à conclusão inovadora da existência de um outro processo civilizador ocidental, o que chamamos aqui de processo civilizador brasileiro.

Como objetivos específicos, buscamos demonstrar coincidências entre os autores, não somente no plano teórico, mas também no metodológico, o que foi possível a partir de uma perspectiva de longa duração e da utilização de fontes consideradas inesperadas, até aquele momento, nas histórias das Ciências Sociais nos contextos de cada autor.

Trabalhamos, portanto, a seguinte hipótese: ao aproximarmos a teoria sociológica apresentada por Gilberto Freyre da teoria do processo civilizador de Norbert Elias, observamos como a “imagem de Brasil” apresentada pelo primeiro subsidia uma visão tanto “idílica” quanto utópica daquilo que marca o “ser brasileiro”, divulgando uma imagem do país que pode ser lido em chave “civilizadora”, sendo possível encontrar uma equivalência entre as noções de “equilíbrio de tensões” (Freyre) e “(auto)controle dos impulsos” (Elias). Ou seja, para ambos os autores, a formação de uma configuração social depende do controle

da violência. Nesse sentido, a utopia de Freyre compõe e participa igualmente da constituição de uma “civilização nos trópicos”.

## **2. Norbert Elias: arte e literatura utópicas e as configurações sociais**

### **2.1. Sociologia da literatura e sociologia configuracional**

A arte e a literatura são objetos de interesse desde os primórdios das ciências sociais e da análise sociológica. Na literatura, podemos destacar: Gustave Lanson (*A história literária e a sociologia*, 1904), Georg Lukács (*A teoria do romance*, 1920) e Lucien Goldman (*Sociologia do romance*, 1964). Já na sociologia da arte, destacam-se autores como: Walter Benjamin (*A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, 1936) e Theodor Adorno (*A crise da crítica literária*, 1953), por exemplo. O estudo sociológico da literatura buscava compreender não só a produção literária como expressão da sociabilidade humana, mas também as estruturas sociais que se apresentam na obra literária, procurando observar como sua produção se correlaciona com a realidade social que a rodeia e com a época na qual a literatura foi produzida.

Trata-se do momento em que a sociologia passa a utilizar a literatura para compreender as relações destas com a sociedade, tratando-as como fontes que exprimem a realidade social. A sociologia da literatura, cujo interesse foca no estudo não só da prática literária, mas também na análise dela como um elemento que representa o mundo social e sua influência na vida das pessoas e da sociedade como um todo.

De outra parte, as artes em geral tornaram-se também objeto de estudo sociológico, criando assim outra vertente de estudo: a sociologia da arte. Esse ramo da sociologia tem como campo de estudo as artes nos seus mais variados tipos de expressão, tais como: a música, a pintura, o teatro, o cinema etc., buscando analisar e compreender não só seus campos de atuação e suas interpretações da dinâmica social a partir das expressões artísticas, mas também suas relações com a sociedade no que diz respeito às estruturas de poder – o mecenato, a comercialização da arte, a crítica da arte, os tipos de arte etc. Em outras palavras, conforme salientado por Rosano Freire (2018), dentro do campo da sociologia da arte “concorrem diversos discursos, que podem partir da academia, do estado, do mercado, de experts e colecionadores, dos próprios artistas ou de um grupo destes. Neste sentido, a própria sociologia da arte seria mais um discurso em batalha nesse campo” (FREIRE, 2018, p. 62), visto que seu estudo tem por objetivo compreender essas relações entre a arte e os discursos sobre ela dentro do campo da literatura.

Dentre as muitas possibilidades de estudos sociológicos da literatura, destacamos a de Norbert Elias, cujas análises se dão no contexto de sua sociologia configuracional, inovando na utilização sociológica das obras de arte e literárias ao utilizá-las como fontes para

compreensão das sociedades passadas e de seus processos civilizadores, buscando entender as configurações sociais nas quais as obras foram produzidas e ajudaram a produzir, procurando demonstrar, ademais, as relações de interdependência entre o autor e/ou artista (indivíduos) e o contexto social (configurações) em que este vivia e que influencia suas obras.

Com a sociologia configuracional, Norbert Elias busca entender a formação social e o processo civilizador como fenômeno de longa duração. Nesse sentido, as obras literárias e de arte são utilizadas pelo autor como fontes sócio-históricas que remontam o “cenário” social no qual as obras de arte e literárias foram produzidas, podendo ser utilizadas para compreender como ocorreram os processos civilizadores de suas sociedades – e como tais obras, insistimos, participam dos próprios processos civilizadores.

Podemos observar este uso “socio-configuracional” da arte e da literatura na sociologia eliasiana em suas análises das dinâmicas sociais civilizadoras, presente em obras distintas: na literatura, em *Como as utopias científicas e literárias podem influenciar o futuro?*<sup>7</sup> (1982); na pintura, em *A peregrinação de Watteau à Ilha do Amor* (1998); e, na música, com *Mozart: sociologia de um gênio* (1991). Norbert Elias, por meio de tais produções artísticas, busca demonstrar que as obras constituem utopias destas sociedades idealizadas pelos artistas, não se limitando simplesmente a retratá-las.

Assim, a contribuição de Elias para a sociologia da literatura, segundo Luana Goulart Machado, encontra-se no fato de o autor inaugurar, nesse campo, um “enfoque configuracional” (MACHADO, 2017), utilizando a obra enquanto fonte para entender como se davam as interações sociais, ou seja, as configurações da época na qual a obra literária foi produzida.

Deste modo, a literatura, a música e a pintura são tratadas por Norbert Elias como fontes para entender, sociologicamente, as configurações sociais das gerações passadas, pois a descrição de relações entre personagens, e mesmo das utopias expressas nas obras literárias, podem servir como um indicador dos afetos dos indivíduos e das relações sociais existentes na sociedade na qual a obra foi produzida: “Portanto, as utopias das gerações passadas podem servir aos seus descendentes como um indicador fiel e preciso das ansiedades e esperanças, dos anseios e pesadelos de seus grupos ancestrais, como classes sociais, grupos etéreos ou de gênero, e até mesmo de nações inteiras”<sup>8</sup> (ELIAS, 1998, 17).

---

<sup>7</sup> Título original: ¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro? 1982.

<sup>8</sup> Original: Por lo tanto, las utopías de generaciones pasadas pueden servir a sus descendientes como un indicador fiel, acertado, de las angustias y esperanzas, de los anhelos y las pesadillas de sus grupos ancestrales, como las clases sociales, los grupos etéreos o de género, e inclusive de naciones enteras” (ELIAS, 1998, 17).

Sua sociologia configuracional não utiliza como fonte de pesquisa somente a literatura, mas também a pintura e a música. Entretanto, sua análise não se dá sobre os “conteúdos” das obras em si, isto é, tomadas isoladamente como unidades autônomas em relação às configurações sociais, mas sobre o contexto social da época na qual as obras foram produzidas, além da história pessoal de seus autores, analisando as configurações sociais que permitiram às obras artísticas se destacarem socialmente, procurando realizar uma construção sócio-histórica do indivíduo e da sociedade a partir de paralelos com outras fontes históricas disponíveis sobre as sociedades analisadas, para compreender, assim, seu processo civilizador.

Um exemplo deste trabalho analítico de Norbert Elias encontra-se em suas discussões sobre o tipo de sociedade e a época que configuraram a vida de Antoine Watteau (1684 – 1721) e de Wolfgang Amadeus Mozart (1756 – 1791), demonstrando a dinâmica de interação entre indivíduo, história e sociedade em que o individual e o social, antes de serem dimensões da vida em polos opostos, complementavam-se sob a perspectiva sócio-histórica para permitir a compreensão dos processos civilizadores das sociedades austríaca e francesa.

Atravessados por tensões oriundas das sociedades em que viviam, estes artistas foram capazes de produzir obras destacadas na pintura, como *O embarque para a ilha de Citera* (1717), de Watteau, e nas composições musicais encantadoras, como as sinfonias de Mozart, que Norbert Elias utiliza como fontes para formular teorizações sociológicas a partir de suas produções artísticas e biográficas, de modo a compreender suas sociedades e seus processos civilizadores. Tais expressões estéticas possibilitaram interpretações a partir das quais o autor buscou concretizar sua proposta de pensar a sociologia e a história como processos complexos de civilização típicos de uma determinada temporalidade histórica, no caso, a sociedade da corte.

Norbert Elias, ao analisar obra e vida de Mozart com sua sociologia configuracional, procura não se ater somente à biografia do indivíduo, mas ao movimento que o faz acompanhar e intervir no processo civilizador de seu tempo.

Em *Mozart: sociologia de um gênio* (1991), cabe destacar que Elias utiliza fontes pouco usuais em pesquisas sociológicas do seu tempo, tais como cartas pessoais, que contribuiriam não somente para a compreensão da dimensão humana do artista, mas também como “testemunho” das ansiedades, desejos e impressões da sociedade em que esse viveu.

Ao discorrer sobre vários de seus conceitos básicos da sociologia configuracional, como as redes de interdependência, sistemas e teias de interações, autocontrole e constrangimento dos processos civilizadores, Elias retoma a subjetividade como categoria importante para as ciências sociais entenderem as configurações da época em que o compositor viveu:

Um pouco do tipo antigo de excessiva reação civilizadora contra o instinto ainda é perceptível num padrão de pensamento cujos expoentes sempre estão dispostos a dividir a humanidade em duas categorias abstratas, denotadas por rótulos como “natureza” e “cultura”, ou “corpo” e “mente”, sem qualquer tentativa de investigar a conexão entre os fenômenos a que tais conceitos se referem. O mesmo, se aplica à tendência de traçar uma clara linha divisória entre o artista e o ser humano, o gênio e a “pessoa comum”. Como também à tendência de tratar a arte como algo que flutua no ar, exterior e independente das vidas sociais das pessoas. Não há dúvida de que certas características das artes humanas, particularmente da música, encorajam tal atitude. Para começar, há processos de sublimação pelos quais as fantasias humanas, convertidas em criações musicais, podem ser despojadas de sua animalidade sem necessariamente abandonar sua dinâmica elementar, seu ímpeto e força, ou a antecipada doçura da satisfação. Muitas das obras de Mozart mostram um extraordinário poder transformador deste tipo (ELIAS, 1995, p. 56-57).

Vemos que Elias, ao discorrer sobre Mozart, torna o compositor fonte de compreensão do seu tempo, das teias de interdependência entre o artista, a sociedade e o seu tempo, e que sua vida e obra são utilizadas para entender as configurações sociais da sua época, na qual o compositor estava submetido às demandas dos mecenas e da igreja. Mozart, porém, produz suas composições próprias procurando romper com essas configurações, o que o levou para o ostracismo em sua época, mas permitiu ao compositor ser reconhecido posteriormente como o gênio que conhecemos hoje.

Não é nossa intenção nos aprofundarmos nesta obra de Norbert Elias sobre Mozart, mas sim chamar a atenção para o modo como metodologicamente o autor recorre à história de vida e às composições de Mozart para entender as configurações sociais da época que procura analisar sociologicamente.

O mesmo, podemos observar, quando o sociólogo analisa as pinturas de Antoine Watteau. Elias procura entender as configurações sociais da sociedade em que o artista vivia, utilizando sua pintura como fonte para entender as utopias do seu tempo:

Esses três quadros são a representação pictórica de uma utopia. No caso, porém, do mito moderno da viagem à ilha do amor, não se trata de uma utopia das classes trabalhadoras que imaginam para si mesmas uma sociedade melhor no futuro, mas de uma utopia ao gosto de um público predominantemente aristocrático, da corte, que, na medida do possível, prescindia do trabalho profissional para ganhar a vida (ELIAS, 2005, p. 17).

Essa análise que Norbert Elias faz da vida e obra de Watteau tem por interesse não a vida propriamente pessoal do artista ou a singularidade de sua arte, como ocorreria numa biografia. Procura demonstrar, por outro lado, como as configurações sociais de uma época permitem ou inibem a manifestação de tal singularidade e, desta maneira, compreender a sociedade no qual o artista pertencia e o processo civilizador que sua obra refletia. Suas pinturas, de acordo com a sociologia configuracional eliasiana, servem como mais um elemento de expressão das teias de interdependência da sociedade de corte na qual sua carreira se desenvolveu:

A evolução da pintura de corte – por exemplo, de Poussin a Watteau – permite acompanhar muito bem esse papel de natureza: de início paisagem, muitas vezes um cenário que valoriza os personagens, ela se torna uma imagem oposta, que reflete a situação da época e da sociedade de corte. Todas as atitudes e os humores despertados pela vida de corte, por exemplo a pose e os gestos calculados exigidos para se ser valorizado nessa sociedade, a gravidade heroica e pomposa ou a leveza graciosa, tudo isso era incorporado desde então à natureza campestre, na forma da paisagem. Nas mãos dos pintores de corte, a natureza torna-se uma espécie de cenário nostálgico da vida cortesã, uma paisagem clássica de início, depois barroca e, finalmente, rococó, em conformidade com o desenvolvimento da própria corte e da sociedade de corte (ELIAS, 2001, p. 233).

Vemos que a arte de Watteau é utilizada como fonte de compreensão da sociedade na qual o pintor estava inserido. Sua obra, nesse caso, representa a “situação da sua época”, nos dá indícios de como a sociedade se configurava nos seus hábitos e modos sociais, expressando “a pose e os gestos calculados exigidos para se ser valorizado nessa sociedade” (ELIAS, 2001), elementos que narram o processo de civilização dos costumes. Enfim, a pintura de Antoine Watteau analisada representava, nessa perspectiva sociológica, como ocorreu o processo civilizador da sociedade de corte em que o artista viveu.

A arte e a literatura seriam, portanto, na perspectiva sociológica configuracional, mais uma fonte para compreensão dos processos civilizadores de longa duração das sociedades, servindo como meio que nos ajuda a reconhecer o quanto o artista estava implicado e engajado nas relações sociais que traduz em sua obra, pois, para Norbert Elias, “a noção de engajamento mede o grau em que uma pessoa está afetada – interessada, emocionada, tocada – pelo mundo exterior, quer este mundo se manifeste sob a forma de um ser vivo (humano ou animal), de um objeto (uma obra de arte), de um fenômeno social (uma passeata) ou natural (uma tempestade) (HEINICH, 2001, p. 41). Assim, a sociologia configuracional utiliza as obras de arte e literárias para demonstrar como estas são representativas das ideias, afetos, sonhos e utopias de um tempo histórico e das sociedades nas quais foram criadas.

Como já citado, a produção artística, seja uma música, pintura, romance etc., pode ser utilizada como fonte para compreensão da realidade social e dos seus autores, pois, numa rede social interdependente, as configurações sociais se expressarão de forma direta ou indireta nas pinturas, sinfonias, poemas, literatura etc.

Norbert Elias, durante o desenvolvimento de seus estudos, buscou pensar além dos limites estabelecidos entre a sociologia e os demais campos do conhecimento; sua sociologia configuracional buscou na interdisciplinaridade a compreensão dos fenômenos sociais, pois o sociólogo discordava de concepções sociais estereotipadas e dualistas que separavam o indivíduo da sociedade.

Sua análise configuracional ultrapassou os limites tradicionais da sociologia para entender os processos sociais, históricos, educacionais, psicológicos etc., que estariam intimamente interrelacionados entre si, e, assim, desenvolveu uma sociologia que buscou analisar as relações entre indivíduo e sociedade. Deste modo, a sociologia configuracional-processual desenvolvida por Norbert Elias oferece modelos de análise que levam em conta a multiplicidade das diferenças temporais e sociais, não havendo uma proposta teórica que ofereça modelos estáticos válidos para todo tempo e lugar (RIBEIRO, Luci. 2010).

Assim como destaca André Oliveira Costa: “(...) não se trata de pensar em estruturas sociais estáticas, mas de considerá-las sempre em desenvolvimento a longo prazo, tampouco de considerar ações sociais como individuais, pois o indivíduo deve ser inscrito dentro de uma rede de relações” (COSTA, 2017, p. 35). Norbert Elias, para entender as sociedades que analisa, desenvolve uma sociogênese que relacione o indivíduo, a sociedade e o tempo em que o primeiro vive, examinando as redes de interrelações sociais que afetam igualmente a economia dos sentimentos e afetos dos indivíduos, ou seja, sua psicogênese. Assim, as configurações sociais são a base da análise da perspectiva sociológica eliasiana:

O conceito de figuração e o conceito de processo formam o núcleo da abordagem desenvolvida por Norbert Elias, cujo objetivo é deixar transparecer o movimento intrínseco às relações sociais em seu desenvolvimento histórico. A crítica corrente feita por Elias às abordagens sociológicas refere-se ao domínio cada vez mais amplo de padrões estáticos de análise social. A falta de mobilidade diagnosticada por Elias considera duas instâncias temporais: o presente e o passado. Ao se deparar com um problema social no presente é preciso aperceber-lhe o movimento constante dado pelas relações recíprocas entre os indivíduos envolvidos. Dessa forma, a percepção sociológica deve aumentar seu alcance ao também considerar os vínculos existentes para além do foco sobre o objeto. Um tema presente possui uma história, ele é produto de um processo contínuo; portanto, há um passado a ser considerado. A sociologia processual reconstrói o passado, problematizando-o de forma sociológica e não histórica (RIBEIRO, Luci. 2010, p. 166).

Dentro desta perspectiva configuracional eliasiana não há uma separação entre o indivíduo e a sociedade, nada que possa ser considerado pertencente somente ao indivíduo ou somente à sociedade. Para Norbert Elias, a teoria dos processos e configurações não apenas aprofunda a análise sociológica, como também oferece outra perspectiva: aquela que auxilia o pesquisador a ocupar uma posição mais flexível para além de abordagens pautadas na dicotomia entre indivíduo e sociedade ou agência e estrutura (RIBEIRO, Luci. 2010). Nesse sentido, as figurações ou configurações sociais são a base da análise configuracional de Norbert Elias, explicando o fato de o sociólogo ter lançado mão de fontes pouco usuais na sociologia.

Ao expandir as fronteiras da sociologia para compreender a sociedade em que Wolfgang A. Mozart viveu e compôs suas geniais sinfonias, por exemplo, o sociólogo traça uma biografia configuracional do compositor para compor um quadro mais profundo sobre os sentidos e significados do viver (RIBEIRO, Luci. 2010) na sociedade da corte de seu tempo, partindo da perspectiva das relações e configurações sociais do período.

Seu objetivo não era entender Mozart como sujeito individual, mas as interrelações entre o indivíduo, sua obra e o processo civilizador do seu tempo. Observamos isso muito claramente quando o próprio Elias, no livro *Mozart: a sociologia de um gênio* (1991), destaca que seu objetivo era verificar não o destino pessoal do compositor, mas as redes de interdependências sociais do seu tempo:

O destino individual de Mozart, sua sina como ser humano único e, portanto, como artista único, foi muito influenciado por sua situação social, pela dependência do músico de sua época com relação à aristocracia da corte. Aqui podemos ver como, a não ser que se domine o ofício de sociólogo, é difícil elucidar os problemas que os indivíduos encontram em suas vidas, não importa quão incomparáveis sejam a personalidade ou realizações individuais – como os biógrafos, por exemplo, tentam fazer. É preciso ser capaz de traçar um quadro claro das pressões sociais que agem sobre o indivíduo. Tal estudo não é uma narrativa histórica, mas a elaboração de um modelo teórico verificável da configuração que uma pessoa – neste caso, um artista do século XVIII – formava, em sua interdependência com outras figuras sociais da época (ELIAS, 1995, p. 18-19).

Norbert Elias deixa claro que a vida e a obra de Mozart são fontes de verificação das pressões sociais que o indivíduo sofre da sociedade em que vive; analisar a vida do compositor é, portanto, uma maneira de observar esse processo, é encontrar indícios da forma como essas interrelações sociais se davam para montar um mapa das redes de interdependências sociais que formam os elos entre os indivíduos e a sociedade da época. Assim Luci Silva Ribeiro nos esclarece:

O que denominamos “elos de ligação” são entendidos, na visão do autor, como uma “essência” própria de cada tempo e sociedade, que são constituídos nas ações

humanas em conjunto e que representam o significado de existência tanto social como individual. Assim, ao propor uma abordagem configuracional, Elias busca descobrir os sentidos do viver próprio de cada grupo, sociedade ou indivíduo que se pretende analisar (RIBEIRO, Luci. 2010, p. 167).

Vemos então que a sociologia configuracional eliasiana propõe verificar as redes de interdependências sociais, as relações intrínsecas existentes entre os indivíduos e a sociedade, de modo que toda produção do indivíduo também expressa os processos sociais nos quais o artista está inserido. Como nos destaca Roger Chartier:

Para Elias é a modalidade própria das relações de interdependência, que ligam os indivíduos uns aos outros numa dada formação, que define a especificidade irreduzível dessa formação ou configuração. Daí as figuras singulares das formas de dominação, dos equilíbrios entre os grupos, dos princípios de organização das sociedades. Daí também a variabilidade das categorias psicológicas e da própria estrutura da personalidade, irreduzíveis a uma economia universal da natureza humana, mas moldadas, de forma diferenciada pelo modo de dependências recíprocas que caracteriza cada formação social (CHARTIER, 1988, p. 79).

Assim, a sociologia configuracional eliasiana tem como propósito superar as dicotomias da sociologia tradicional e pretende alcançar uma multidisciplinaridade observando os fenômenos sociais de modo global, como redes de interdependências recíprocas entre os indivíduos e suas sociedades que só podem ser compreendidas a partir da análise das configurações sociais que as formam. Como nos lembra Luci Ribeiro:

A teoria de processo e figuração desenvolvida pelo autor ao longo de sua vida fundamenta-se na relação funcional de interdependência recíproca que se estabelece entre os indivíduos vivendo em sociedade. Com essa postura, Norbert Elias transpõe o campo das dicotomias já determinadas, pois estabelece a priori uma relação de interdependência entre indivíduo e sociedade. Tal abordagem teórica tem por objetivo a construção de modelos de análise, empiricamente embasados, calcados em uma perspectiva processual, de longo prazo, onde se identifique, simultaneamente, as alterações nas estruturas sociais, para que, assim, possa-se chegar a visualizar a direção de seu curso (RIBEIRO. Luci, 2010, p. VIII).

Deste modo, fica claro que a sociologia configuracional desenvolvida por Norbert Elias tem uma perspectiva processual e de longo prazo, e que, para compreender esses processos, sua metodologia permite a utilização de fontes pouco usuais na sociologia, como a análise de obras de arte e de literatura para compreendermos as sociedades onde foram produzidas, não como “espelho” destas sociedades, mas como expressões das suas relações de interdependência, de anseios, preocupações, esperanças e mesmo visões utópicas do passado e do futuro das sociedades representando os processos sociais onde as obras foram produzidas.

## 2.2. Arte e Literatura utópicas

A literatura como fonte de pesquisa sociológica na perspectiva configuracional eliasiana, como observamos, utiliza os textos literários para compreender as configurações sociais de dado tempo histórico. Norbert Elias entende que mesmo a ficção traz em si fatos e relatos dos desejos, anseios, angústias, utopias etc. da realidade vivida por seu autor.

O sociólogo apresenta mais detalhes do uso da literatura como fonte sociológica no seu texto *¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro?* (ELIAS, 1998) – *Como as utopias científicas e literárias podem influenciar o futuro?* (tradução livre) – artigo em que o sociólogo trabalha sua perspectiva metodológica configuracional no uso da literatura como fonte sociológica, pois nessa perspectiva não há uma dissociação entre a obra literária, o autor (indivíduo) e a sociedade na qual está inserido.

Nesse sentido, as obras literárias são parte integrante das configurações sociais: se o indivíduo e a sociedade são inseparáveis na perspectiva configuracional eliasiana, a literatura, ainda que ficcional, é inseparável da realidade (social) do autor. A ficção, mesmo que fantástica, se baseia, em algum grau, na realidade vivida pelo escritor, ou seja, nessa perspectiva, a mente, a imaginação do autor não tem possibilidade de “fugir”, de abstrair-se totalmente da realidade social do tempo em que está inserida. Assim, Norbert Elias, no artigo citado, analisa a obra literária e a vida do escritor britânico Herbert George Wells (1866 - 1946), mais especificamente, a obra *The Island of Doctor Moreau* (1896) - A Ilha do Doutor Moreau (tradução livre).

O sociólogo afirma que Herbert G. Wells cria um novo tipo literário, que não só fantasia a realidade, mas se baseia nela ao introduzir a ciência em suas obras. Norbert Elias afirma que “A teoria de Charles Darwin desempenhou um papel importante para o trabalho de H. G. Wells, não apenas como uma teoria biológica, mas também como um modelo teórico que serve como uma matriz filosófica para apreciar e prever o futuro da sociedade humana”<sup>9</sup> (ELIAS, 1998, p. 18, tradução nossa). Assim, a literatura de Wells inova a forma de escrita do gênero ao criar o “romance científico”, oferecendo uma base científica para sua ficção.

Norbert Elias observa que os romances de H. G. Wells possuíam como característica um viés de antecipação de fenômenos sociais. Transladando essa perspectiva para obras literárias em geral, poderíamos encontrar nas obras literárias mais que indícios das sociedades

---

<sup>9</sup> original: La teoría de Darwin jugó un papel importante para la obra de Wells, no sólo como teoría biológica sino también como modelo teórico que sirve como matriz filosófica para apreciar y pronosticar el futuro de la sociedad humana. (ELIAS, 1998, p. 18)

nas quais os autores estavam inscritos, como também vislumbrar desejos, sonhos e utopias acerca de sua realidade social.

Atendo-se à análise que Norbert Elias faz da obra de H. G. Wells no artigo citado, podemos ver que o sociólogo observou que sua literatura apresentava anseios e medos que caracterizavam a sociedade na qual o escritor vivia, e que sua obra refletia esses sentimentos sob a forma de utopias fantásticas ou esperançosas, verificando que as obras literárias trazem consigo um “[...] raciocínio que supõe que as utopias são antecipações de uma condição futura da sociedade, antecipações que, na maioria dos casos, vêm na forma de livros de natureza científica ou literária”<sup>10</sup> (ELIAS, 1998, p. 15, tradução nossa). Vemos Elias propor que os livros, tanto acadêmicos quanto literários, figuram a realidade social na qual foram produzidos, que abordam temas relevantes para suas sociedades no período em que foram escritos.

Assim, abordando especificamente a literatura, essa, além de representar a realidade social, pode também antecipar realidades futuras, antecipações essas baseadas em anseios e desejos dos autores acerca de um futuro utópico, porém com um fundamento na realidade social na qual o escritor está inscrito.

Deste modo, vemos que a literatura, além de ser uma fonte de análise das configurações sociais do passado, também possui um caráter antecipatório, sendo que essas antecipações não “escapam” das configurações sociais da sociedade. Nesse sentido, as utopias apresentadas nessas antecipações refletem de forma direta ou indireta na literatura a fase de desenvolvimento da sociedade na qual a obra literária foi produzida, não se separando da configuração social de desejos, sonhos, pesadelos, angústias etc. dos indivíduos dessa sociedade.

Norbert Elias, como observador a posteriori das antecipações trazidas na literatura de H. G. Wells, verifica que estas se integravam à configuração do desenvolvimento social da sociedade a qual o escritor pertencia. Esse fato, como bem nos lembra o sociólogo, mostra que “[...] se as utopias antecipatórias exerceram qualquer influência sobre o desenvolvimento do futuro, elas só podem fazê-lo enquanto estiverem sintonizadas com os possíveis futuros da estrutura e do impulso inercial da sociedade numa fase particular de seu desenvolvimento”<sup>11</sup>

---

<sup>10</sup> Original: (...) se encuentra un razonamiento que presume que las utopías son anticipaciones de una condición futura de la sociedad, anticipaciones que en la mayoría de las veces vienen en la forma de libros de carácter científico o literario. (ELIAS, 1998, p. 15)

<sup>11</sup> Original: [...] si las utopías anticipatorias han de ejercer alguna influencia en el desarrollo del futuro, solamente pueden hacerlo en tanto estén sintonizadas con los futuros posibles propios de la estructura y el impulso inercial de la sociedad en esa etapa particular de su desarrollo. (ELIAS, 1998, p. 16)

(ELIAS, 1998, p. 16, tradução nossa). Deste modo, essas antecipações só foram possíveis porque derivaram das configurações sociais existentes na atualidade e no contexto de quando a obra literária foi escrita.

Mesmo que as antecipações encontradas na literatura de H. G. Wells refletissem sua realidade contemporânea, sua literatura recriava a realidade de forma mimética, ou seja, uma representação ou imitação de uma realidade em que as utopias só têm qualquer função para o futuro ao serem indícios inerciais das configurações sociais existentes. Como bem nos lembra Renato Suttana:

Elias insere um elemento original: a *mimese* não se dá apenas como um reflexo mais ou menos distorcido de realidades exteriores à ficção que ela produz (isto é, não se trata apenas de fornecer uma imagem mais ou menos ordenada do mundo). Ela é também a projeção de um desejo. A sociedade ali presente é tanto a sociedade que o historiador e o sociólogo descrevem, com base em documentos, mas também aquela sociedade que o autor e sua classe social desejam ver refletida, tal como se, lá onde a realidade atropela o querer, o desejo voltasse a exigir os seus direitos (SUTTANA, 2017, p. 163).

Renato Suttana nos chama a atenção para o fato de que o elemento original na proposta configuracional de análise literária eliasiana, a *mimese*, é o indício que remonta à realidade vivida pelo autor e leitores contemporâneos da obra literária. Assim a ficção apresenta uma utopia que “[...] é uma representação fantasiosa de uma sociedade, que contém propostas de soluções para uma série de problemas sociais não resolvidos”<sup>12</sup> (ELIAS, 1998, p. 16-17, tradução nossa) na realidade social do autor; e, dessa forma, as utopias apresentadas representam o ideal esperado não só pelo escritor, mas pela classe social dominante, visto que os indivíduos subalternizados quase nunca são representados de forma explícita nas obras literárias, pois estas sempre refletem a realidade ideal da classe letrada, que, no contexto da sociedade da corte, se concentrava na configuração social dos cortesãos e burgueses, conforme nos esclarece novamente Suttana:

Se a *mimese* tem sido descrita classicamente como um processo de produção de imagens, no âmbito da arte, que exige um certo grau de desvios e distorções, para que a fidelidade da imagem ao objeto não se perca (não se trata, portanto, de tentar reproduzir ponto por ponto a realidade refletida, mas de recriar essa realidade no plano da expressão de modo que a fidelidade possa ser recuperada mais adiante), a inserção de um elemento de desejo esclarece um setor inusitado da produção das imagens (SUTTANA, 2017, p. 163).

A realidade reproduzida nas obras literárias constitui uma realidade idealizada ou utópica que corresponde a um desejo expresso por parte da sociedade, desejo este sempre

---

<sup>12</sup> Original: Una utopía es una representación fantasiosa de una sociedad, que contiene unas propuestas de solución a una serie de problemas sociales aún no resuelta. (ELIAS, 1998, p. 16-17)

referenciado. A sociedade retratada na literatura, nesse sentido, encontra-se nos desejos utópicos das classes letradas e dominantes, ou seja, no caso de H. G Wells, a sociedade da corte. A literatura se torna, assim, um instrumento ideológico da classe dominante, já que as obras literárias expressam a configuração social dessa classe – embora, nem sempre, em detrimento das classes subalternizadas.

Desta maneira, para Norbert Elias, as obras estéticas podem e devem ser utilizadas como fontes para compreensão das configurações sociais presentes nas sociedades num determinado período temporal, não para realizar uma “reconstrução” do contexto social, como faria um historiador, mas para utilizá-las como uma fonte de observação de como a sociedade é narrada e expressada, mesmo que de forma idealizada e/ou utópica, já que que certamente não escapa das configurações sociais que a cercam. É nesse sentido que Elias, ao analisar outras literaturas, como nos esclarece informa Suttana:

No que diz respeito à ficção pastoril propriamente, Elias observará que, não obstante os elementos de irrealidade que contém, ela corresponde ponto por ponto ao universo de uma hierarquia social onde todas as posições e funções são preservadas: “Entretanto, as próprias diferenças de nível entre os nobres não são consideradas meros fenômenos em segundo plano no espaço em que o romance se desenrola. Elas têm exatamente os mesmos papéis e as mesmas formas que no mundo social não-mimético, retratado no livro” (p. 250). A ficção romanescas perde assim – sem deixar de ser ficção – aquele caráter de gratuidade que, numa primeira visada, tenderíamos a lhe atribuir. O romance é, antes que um jogo gratuito ou frívolo do imaginário, um microcosmo ordenado, cujas normas de estruturação obedecem àquelas que vigem no mundo social não-mimético (SUTTANA, 2017, p. 164).

A análise configuracional eliasiana da literatura e da arte, nesse sentido, objetiva demonstrar como essas fontes podem ser utilizadas para entender as relações sociais, a interdependência entre os indivíduos e a sociedade em que vivem, sendo uma fonte que não deixa de representar a hierarquia social da sociedade num determinado tempo histórico, pois podemos observar, na literatura, as configurações sociais nas mesmas formas que no mundo social não mimético, ou seja, a ficção se baseia na realidade vivida pelo autor literário.

Assim, a utilização da literatura como fonte de observação sociológica na perspectiva configuracional se mostra de imensa importância, principalmente a literatura científica inaugurada por Herbert George Wells, que representou um marco na produção literária. Porém, segundo Norbert Elias, existe uma resistência nas ciências sociais a propósito da possibilidade de utilização da literatura para análise sociológica, principalmente no que diz respeito à perspectiva de que obras literárias possam antecipar mudanças de rumo ou direção dos processos sociais:

A vida de H.G. Wells oferece um exemplo revelador para ilustrar este problema. Como já mencionei, seus escritos representam um marco claro. Wells ainda atribuiu

às ciências um papel para o progresso, mas ao mesmo tempo reconheceu que eles tinham em si um pesadelo potencial. Para o resto, ele tinha um grande interesse em explorar os possíveis usos que poderiam ser feitos de utopias cientificamente fundamentadas para antecipar o futuro (ELIAS, 1998, p. 37).

Para Norbert Elias, as utopias científicas como as produzidas por Wells poderiam e podem servir como fonte de análise sociológica, e suas antecipações só são possíveis graças à inércia social das configurações sociais nas quais o escritor está inserido. Assim, as utopias, principalmente as científicas, são representações miméticas de desejos, anseios, sonhos etc., de mudanças sociais e resolução de problemas existentes na realidade social do autor literário:

A ficção situa-se, pois, no âmbito de uma indeterminação que separa a consciência e o mundo não-mimético ao qual ela adere, permitindo que a realidade bruta do mundo adquira uma voz que não visa propriamente a edulcorá-la ou a simplificá-la, mas de certo modo espelhá-la, num plano de expressão das vivências em que as relações parecem ou mais claras ou, pelo menos, mais ordenadas (SUTTANA, 2017, p. 162-163).

Assim, a ficção exposta na obra *The Island of Doctor Moreau*, de H. G Wells baseia-se e reflete as configurações sociais do seu tempo, inserindo em sua literatura componentes científicos que criaram um novo gênero literário, gênero este que possui, na perspectiva eliasiana, uma capacidade surpreendente de previsões futuras de configurações sociais:

A previsão que Wells formulou a propósito da forma de uma guerra futura, que se mostrou bastante precisa e confiável, foi uma previsão em termos de uma síntese configuracional. Aqui estou eu empregando a terminologia da minha própria teoria social. Realmente, a imaginação utópica de Wells é um bom exemplo de uma abordagem configuracional<sup>13</sup> (ELIAS, 1998, p. 42).

Realmente, a imaginação utópica de H.G. Wells é um bom exemplo de uma abordagem configuracional. Norbert Elias demonstra a utilidade sociológica da análise de produções literárias dentro de sua teoria sociológica, pois, para o sociólogo, a literatura científica, mais que uma ficção, constitui uma fonte de observação das configurações sociais.

Destarte, a sociologia configuracional não se utiliza apenas da literatura no sentido ficcional – gêneros como romance, conto etc. –, mas, como já destacado, num tipo de produção narrativa que também pode ser baseada em dados empíricos ou teóricos; nesse sentido, acreditamos que escritos como os ensaios também apresentam (e representam), de forma direta ou indireta, a configuração social na qual determinado conhecimento foi

---

<sup>13</sup> original: La predicción que Wells formuló a propósito de la forma de la guerra futura, la cual resultó bastante exacta y confiable, fue una predicción en términos de una síntesis configuracional. Aquí estoy empleando la terminología de mi propia teoría social. Realmente, la imaginación utópica de Wells es un buen ejemplo de un enfoque configuracional. (ELIAS, 1998, p. 42).

produzido. Como exemplo, o ensaio *A evolução das espécies* (1859), de Charles Robert Darwin (1809 – 1882), que inspirou a literatura de H. G. Wells, demonstra a configuração social do naturalista fortemente marcada pelo iluminismo dos séculos XVIII e XIX.

A literatura é então, na perspectiva configuracional eliasiana, um dos meios pelos quais os seres humanos expressam seus desejos, anseios, sonhos, angústias, decepções etc., não só como indivíduos, mas como expressão das configurações sociais da sociedade a que pertencem; porém, as configurações são situadas num tempo e espaço determinados, e é a partir desse tempo e espaço que as utopias e distopias da realidade se colocam nas obras literárias. A literatura, assim, não escapa à realidade social do autor e mesmo do leitor contemporâneo da obra; e, para o leitor *a posteriori*, sua representação utópica do futuro ou do passado demonstra como a sociedade da época imaginava a realidade de forma mimética, conferindo outros sentidos à realidade empírica. Como nos lembra Elias:

Até agora, os homens não foram capazes de tirar conclusões sobre a perda de suas ilusões, uma consequência dos automatismos sociais cegos do progresso científico e da representação mais realista de todos os níveis do universo que resultou desse avanço. Eles ainda não se adaptaram ao fato de que apenas os seres humanos – e, até onde sabemos, apenas os humanos – são os únicos construtores de significado no mundo. Seus pesadelos-utopias refletem o lento despertar da decepção com o mundo como ele é. Neste ponto, eles só podem reclamar, como se alguém lhes devesse um mundo melhor e mais significativo (ELIAS, 1998, p. 22).

A literatura científica na perspectiva configuracional eliasiana, apesar do rigor que a ciência exige no tratamento das fontes teóricas e empíricas, também é marcada pelas utopias, principalmente os ensaios acadêmicos, pois estes se propõem a apresentar reflexões sobre determinado assunto de relevância teórica e científica por meio da exposição das ideias e pontos de vista do autor acerca do tema da tese defendida, não se limitando a fontes, buscando originalidade no enfoque, sem, contudo, explorar de forma exaustiva um tipo de texto cientificista comumente usados na academia, especialmente nas áreas de Ciências Humanas.

Os ensaios propõem interpretações fundadas na ciência. Mesmo que posteriormente comprovadas, quando formuladas, esses ensaios possuíam um “ar de ficção”, até mesmo nas ciências mais duras como a física – nesse sentido, talvez possamos afirmar que a imaginação que orienta o cientista e o esteta não seja tão divergente assim. O que dizer então das ciências humanas? A própria sociologia foi constituída como ciência acadêmica no início do século XX por Emile Durkheim, que propôs uma ciência da sociedade fundamentada por um método sociológico e uma teoria positivista, com metodologia e teorias próprias.

A literatura científica das ciências humanas, com o aperfeiçoamento metodológico e o desenvolvimento de teorias próprias que as afastaram das ciências duras e naturais, colapsou

certas velhas utopias sociais, como a fé num progresso automático da ciência. Norbert Elias considera que, para muitos, a ciência possuía uma tendência ao progresso e, por isso, se tornou um dos símbolos das esperanças perdidas da sociedade europeia do início século XX (ELIAS, 1998):

A ciência é frequentemente usada como um desses símbolos. E como os seres humanos podem encontrar algum alívio de seus medos mais realistas – miméticos, se preferirem – em uma imagem fantástica que desperta medo, descobrimos que a torrente de utopias do tipo ficção científica, ou pelo menos parte dela, cumpre parcialmente essa função; eles, assim, relaxam o medo real do que os homens poderiam fazer uns com os outros, ou o que eles teriam que sofrer em relação aos avanços posteriores da ciência e tecnologia através da antecipação imaginativa de tais possibilidades. Como em outros casos, a *mimese* com o medo criado por uma fantasia literária indica a natureza dos medos sociais reais e pode até produzir um efeito catártico em relação a eles, pode fornecer, pelo menos temporariamente, algum alívio deles (ELIAS, 1998, p. 24)

Observamos que a análise eliasiana da literatura procura entender os símbolos, as representações miméticas, ficcionais e utópicas de uma realidade, seja objetivamente, seja no receio de uma realidade que deve ser evitada, ou ainda no desejo de uma sociedade idealizada. Assim, a análise proposta por Norbert Elias no artigo *Como as utopias científicas e literárias podem influenciar o futuro?* (1982) procurou demonstrar que a literatura escrita por H. G. Wells apresentava-se não apenas como uma teoria biológica, mas como um modelo teórico que conseguiu, de certa forma, criar uma matriz filosófica para projetar e prever o futuro da sociedade humana (ELIAS, 1998). O sociólogo, então, busca nesse artigo problematizar e discutir o papel das utopias literárias na análise configuracional da sociedade, bem como seu papel para o desenvolvimento futuro desta sociedade. Elias responde:

Você me pediu para falar sobre o papel que as utopias podem desempenhar para o futuro. Eu dei uma resposta preliminar com a ajuda de um exemplo específico em que um escritor, treinado como cientista em biologia, formulou previsões bastante precisas, não do tipo quantitativa, mas de um tipo configuracional. Isso significa que não foi além da engenhosidade dos homens articular previsões razoavelmente precisas em suas utopias científicas ou literárias. Imagino que queria saber se suas previsões podem ter algum valor prático. Mas, como vimos, isso não depende das pessoas boas cuja visão foi suficientemente fundamentada e criativa para explorar possibilidades futuras e corrigi-las em utopias. Isso depende das agências estabelecidas que têm a oportunidade de fazer uso dessas previsões e colocá-las em prática. Essas agências são muitas vezes cegas. Muitas vezes são incapazes de aceitar conhecimento que parece ameaçar suas fontes de poder e isso parece minar seu status e prestígio. As aventuras vividas pela utopia realista de Wells têm o valor cognitivo de um paradigma empírico. Vale a pena lembrar<sup>14</sup> (ELIAS, 1998, p. 44, tradução nossa).

---

<sup>14</sup> No original: Ustedes me han pedido hablar sobre el papel que pueden jugar las utopías para el futuro. Di una respuesta preliminar con 'a ayuda de un ejemplo específico en que un literato, formado cómo científico en biología, formuló unas predicciones bastante exactas, no del tipo cuantitativista sino de un tipo configuracional. Esto significa que no estaba más allá de la ingeniosidad de los hombres articular unas previsiones razonablemente precisas en sus utopías científicas o literarias. Me imagino que ustedes

A sociologia configuracional eliasiana inova ao introduzir a literatura como fonte de análise sociológica, dando destaque para os romances de ficção científica, que, para o sociólogo, apresentam utopias muitas vezes úteis para previsões do futuro das sociedades, e também expressam as configurações sociais da sociedade no tempo histórico no qual foi produzida. A análise da obra de H. G. Wells é utilizada por Norbert Elias para demonstrar como o escritor, inspirado por uma ciência como a biologia, formulou previsões muito precisas de tipo configuracional, demonstrando como a literatura pode articular previsões razoavelmente precisas em suas utopias.

Partindo, então, dessa perspectiva configuracional de análise da literatura (científica) proposta por Norbert Elias, procurando entender as configurações sociais do tempo no qual *Casa-grande & Senzala* foi escrito, para compreender o contexto que produziu a principal obra que trata da formação do Brasil, criando seu “mito de fundação”, obra na qual encontramos uma proposta utópica de formação civilizacional da sociedade brasileira, tendo como ponto de partida a sociologia configuracional eliasiana e a teoria de processos civilizadores como aporte teórico.

---

querían saber si sus predicciones pueden tener algún valor práctico. Pero como vimos, esto no depende de la buena gente cuya visión estuvo lo bastante fundamentada y creativa como para explorar posibilidades futuras y fijarlas en unas utopías. Esto depende de aquellas agencias establecidas que cuentan con las oportunidades de poder para hacer uso de estas predicciones y ponerlas en práctica. Con frecuencia esas agencias son ciegas. Frecuentemente son incapaces de aceptar un conocimiento que parece amenazar sus fuentes de poder y que parece socavar su estatus y prestigio. Las peripecias experimentadas por la utopía realista de Wells tienen el valor cognitivo de un paradigma empírico. Bien vale la pena recordarlo. (ELIAS, 1998, p. 44)

### 3. Gilberto Freyre e Casa-grande & Senzala

Gilberto de Mello Freyre (1900-1987) foi um escritor de ficção, literato, jornalista, historiador, poeta, pintor, sociólogo, polímata e ensaísta, constituindo-se como um dos grandes intérpretes do Brasil sob as perspectivas da sociologia, da antropologia e da história. No terceiro decênio do século XX, desenvolveu sua obra germinal, *Casa-grande & Senzala* (1933), cuja forma ensaística contribuiu de maneira inovadora, como veremos a seguir, para o desenvolvimento do pensamento social brasileiro em geral e das ciências sociais em particular no Brasil.

Nessa obra, o autor procurou revelar a formação da sociedade brasileira, iniciada com a chegada dos europeus portugueses no final do século XV, bem como o processo de colonização desses migrantes no território, descrevendo de forma ensaística e literária como se deu a conquista dos povos nativos, a escravização dos negros africanos e como da mistura de raças e culturas formou-se a população brasileira.

O Brasil do início do século XX, durante a primeira República, buscava reformular suas origens e identidade nacional, contexto no qual o país e sua formação populacional passaram a ser problematizados. É a partir de uma perspectiva racialista que surge, ainda na década de 1910, o movimento eugenista brasileiro, que pregava a superioridade racial europeia baseado num determinismo geográfico afirmador do clima dos trópicos como fator que impediria o desenvolvimento de uma civilização no país, no caso, a civilização entendida em sua dimensão étnica.

O eugenismo brasileiro ganhou força nesse período, principalmente na esteira do “sanitarismo”, que em si não era um problema, pois os sanitaristas propunham uma modernização do país, a defesa da ampliação do saneamento básico nas cidades e no campo e a expansão do atendimento de saúde – sobretudo para o homem do campo que estava claramente doente. É o que nos foi retratado por alguns autores, como Sylvia Helena Telarolli Leite: “impossível ignorar, tratando-se de caricaturas, de Lobato, o Jeca Tatuzinho (1924), o Zé Brasil (1948) e mesmo alguns contos, escritos a maior parte antes de 1920” (LEITE, S, 1996, p. 40). A autora relembra a forma caricata do personagem Jeca Tatu, popular nos contos de Monteiro Lobato, figura apresentada como um caipira que não fazia nada devido à doença e à preguiça, sendo um claro exemplo da relação entre o abandono e o isolamento das populações sertanejas e a ausência de saneamento, saúde e educação.

Entretanto, existia uma divisão entre os intelectuais voltados a questões de saúde pública: de um lado, os sanitaristas que pretendiam higienizar o país a partir do melhoramento dos sistemas de saúde e de saneamento básico, buscando a redução das doenças; de outro, os eugenistas que queriam “purificar a raça” através de propostas políticas contra a miscigenação. Essa divisão apresentava diferenças tênues entre os dois grupos, pois muitos pensadores e intelectuais participavam simultaneamente dos movimentos sanitarista e eugenista, tais como: Belisário Penna (1868 – 1939), Renato Kehl (1889 – 1978) e Raimundo Nina Rodrigues (1862 – 1906), por exemplo.

Nos anos da década de 1920, o movimento modernista, influenciado sobretudo pela *Belle Époque* francesa, inicia a crítica aos intelectuais eugenistas brasileiros que acreditavam ser o grande mal do Brasil advindo da sua formação populacional – uma maioria de negros recém-libertos, muitos índios e um baixo número de brancos originários da Europa, todos formando uma população bastante miscigenada –, uma mistura de raças que, segundo os defensores da eugenia, não poderia dar certo como nação, sendo o Brasil um país fadado ao fracasso.

Foi nesse contexto marcado por fatalismo e pessimismo acerca dos destinos do Brasil que, nos anos 1920, tais modernistas inverteram o olhar sobre o país, mostrando que nossas supostas deficiências eram, na verdade, o caminho para nossa identidade e afirmação enquanto nação. Assim, em 1922 foi realizada a Semana de Arte Moderna, promovida por intelectuais e artistas como: Mário de Andrade (1893-1945), Oswald de Andrade (1890-1954), Graça Aranha (1868-1931), Anita Malfatti (1889-1964), Heitor Villa-Lobos (1887-1959), dentre outros que, como “antropófagos culturais”, propunham que o Brasil devia aproveitar a experiência de europeus, índios, negros e outros povos aqui reunidos para forjar uma nação misturada, criadora de um jeito diferente de ser e de viver.

Realizada como parte das comemorações do centenário da Independência do Brasil, a Semana de Arte Moderna de 1922 era vista por esses intelectuais e artistas brasileiros como um momento fundamental para o debate acerca da identidade nacional brasileira, para a discussão das origens de nosso atraso e para o levantamento de propostas para o desenvolvimento do país. A semana de Arte Moderna foi, nesse sentido, o ápice de um processo anterior iniciado pelo Romantismo do século XIX, pela geração de 1870.

A realidade social brasileira era o grande desafio dos intérpretes do período de 1920, e os intelectuais e artistas então envolvidos tentavam explicar não só “como somos”, mas também “como nos tornamos o que somos” enquanto brasileiros, enquanto nação. De acordo

com essa perspectiva, a palavra de ordem para os intérpretes brasileiros era “descobrir” o Brasil, e se até meados dos anos 1920 eram poucos os artistas e intelectuais que pensavam assim, a partir dos anos 1930 essa ideia de “descobrimento” tornou-se predominante.

Foi no bojo dessa transformação que, em 1933, Gilberto de Mello Freyre lança o ensaio *Casa-grande & Senzala*, obra que se tornou um marco decisivo para a mudança de visão acerca do país e de sua formação social. Com a proposta de retorno às origens a partir de uma investigação do passado colonial do Brasil e baseando-se em estudos históricos, antropológicos e sociológicos, o ensaio de Freyre procurava revelar as causas dos males brasileiros para, feito o diagnóstico, propor e orientar ações necessárias ao ingresso do país nos novos tempos.

*Casa-grande & Senzala* se torna paradigmático não só por sua interpretação do país, mas também por ser conhecido e reconhecido como o livro que “inventou” o Brasil, que criou seu mito fundador e que deslocou a discussão da formação social brasileira do *locus* racial para o cultural.

Verificamos, então, que nos anos de 1920 e 1930 teve início no Brasil um acalorado debate sobre a nação brasileira. Importante parcela dos intelectuais e pensadores da época acreditavam que o país estava marcado pelo atraso, e diversas interpretações disputavam a legitimidade político-intelectual que pudesse definir o Brasil moderno.

O desconhecimento existente sobre as reais condições de vida da maioria do povo brasileiro por parte dos seus intelectuais, segundo Gilberto Freyre, vinha da adoção de modelos de análise social estrangeiros, muitas vezes apontados como entraves para a construção da nacionalidade brasileira (COELHO, 2007). Assim, estudiosos intérpretes do Brasil como Alberto Torres (1865 – 1917), por exemplo, defendiam o abandono desses modelos sociais importados e a adoção de uma análise estritamente “científica” da realidade nacional.

Foi nesse ponto que os escritos de Gilberto Freyre – não apenas *Casa-grande & Senzala* (1933), mas também *Sobrados e Mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959) – revolucionaram a metodologia de análise histórica e sociológica da realidade brasileira. A inovação metodológica de *Casa-grande & Senzala*, por exemplo, se caracteriza pela preocupação em revelar as emoções do cotidiano social do brasileiro, sua intimidade, seus comportamentos rotineiros, sua psicologia, sua culinária etc., indo muito além de uma análise das estruturas econômicas, políticas e sociais, realizando um relato profundo das relações

sociais vivenciadas no dia a dia do povo no período colonial, o que teve como palco a casa-grande e a senzala.

A força da teoria apresentada no ensaio freyreano reside no fato de propor uma interpretação inovadora do período colonial brasileiro: buscando ir além de uma visão socioeconômica da sociedade colonial, Freyre escreveu não só a formação, mas o “nascimento” do Brasil, narrando e descrevendo os fatos do cotidiano da cozinha da casa-grande, da vida dura da senzala, da crueldade dos feitores e sinhozinhos, do trabalho duro no canavial, apresentando uma perspectiva renovadora para os parâmetros teóricos e metodológicos discutidos pelos precursores das ciências sociais no Brasil de 1930.

Assim, *Casa-grande & Senzala* tornou-se um marco da interpretação do Brasil, não só por ter exaltado a miscigenação, mas também por ter “inventado” um mito de fundação e ter apresentado inovadoras perspectivas metodológicas; por ter sido, ainda, fonte de muitas polêmicas que reverberam até hoje nas ciências sociais brasileiras, o que veremos com mais detalhes mais adiante.

### 3.1. Influência alemã?

A obra de Gilberto Freyre possui muitas influências, sendo que as mais destacadas e observáveis, já notadas e anotadas por outros pensadores, são da Antropologia e Sociologia estadunidense e inglesa. Porém, gostaríamos de tratar aqui de uma influência de modo geral pouco destacada e que, a nosso ver, contribuiu muito para as formulações teóricas e metodológicas de Gilberto Freyre. Falamos da influência alemã, que se deu de diversas maneiras e, embora indiretas, nos ajudam a entender como suas obras possuem características destacadas de intelectuais alemães.

A influência da literatura alemã na obra de Gilberto, por exemplo, foi reconhecida pelo próprio autor, como nos revela Claudio Marcio Coelho (2007) ao mencionar como Freyre sempre reconheceu que entre as influências literárias por ele recebidas encontravam-se escritores de diversas escolas e correntes, como a francesa, a anglo-saxônica e a alemã (COELHO, 2007). São essas influências literárias, metodológicas e científicas que abordaremos aqui.

A primeira influência alemã de Gilberto Freyre vem da orientação dos seus estudos nos Estados Unidos pelo professor germano-estadunidense Franz Uri Boas (1858-1942). Nascido na cidade de Minden, na Alemanha, e formado na Universidade de Bonn em 1879,

Franz Boas teve como origem acadêmica as ciências exatas, defendendo uma dissertação sobre a absorção da luz pela água, interessando-se, porém, logo em seguida, pela psicofísica desenvolvida por Gustav Fecher, com quem buscou aprender sobre a relação entre as sensações físicas e a percepção psicológica, também estudando técnicas de antropometria com o médico-anatomista Rudolf Virchow:

No entanto, insatisfeito com as perspectivas da carreira de físico, (Boas) mudou seu interesse para a geografia, em parte por influência do geógrafo Theobald Fischer, seu professor em Kiel e de quem se tornaria amigo. Após prestar um ano de serviço militar obrigatório, mudou-se para Berlim, onde conheceu Adolf Bastian (1826-1905), patriarca da antropologia alemã e então diretor do Museum für Völkerkunde (Museu do Folclore), por ele fundado em 1873 e ao qual Boas ficou provisoriamente ligado. Nessa época, também estudou técnicas de medições, então características da antropologia física, com o médico anatomista Rudolf Virchow (1821-1902) (CASTRO, 2004, p. 8).

Em 1887, Franz Boas imigrou para os Estados Unidos, onde fixou residência e casou-se, indo trabalhar no Museu Field, em Chicago; logo após, em 1896, tornou-se curador assistente do Museu Americano de História na Universidade de Columbia, onde, em 1899, foi nomeado professor de antropologia física, desenvolvendo sua carreira acadêmica e publicando seus principais trabalhos, construindo uma longa trajetória docente e sendo um dos fundadores da moderna antropologia cultural, disciplina na qual recebeu como aluno, em 1921, o brasileiro Gilberto de Mello Freyre.

Outra importante influência alemã na formação acadêmica de Gilberto Freyre, segundo Maria Lúcia Pallares-Burke (2005), veio da convivência e amizade com o alemão Rüdiger Bilden (1893-1980), um colega da Universidade de Columbia com o qual Freyre manteve ao longo dos anos importante interlocução, contato que teve grande importância na trajetória intelectual do brasileiro, sendo Bilden mencionado nominalmente por Gilberto, em 1933, como a pessoa que contribuiu com valiosas sugestões para o desenvolvimento de seu amplo estudo sobre a escravidão no livro *Casa-grande & senzala*, sobretudo pelo “rigor e a fleuma de sua cultura germânica” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 209). Rüdiger Bilden pode ser considerado, então, como uma das influências alemãs mais importantes na reflexão e na trajetória de Gilberto Freyre, pois, segundo Pallares-Burke, foi uma das fontes inspiradoras de *Casa-grande & Senzala*:

Numa época em que o jovem pernambucano estava inquieto e tentando se definir em face das múltiplas e contraditórias leituras, experiências e modelos que povoavam sua mente, os trabalhos de Edgar Roquette-Pinto – que Freyre deve ter descoberto após sua chegada ao Rio em agosto de 1926, por intermédio de seu amigo Rüdiger Bilden – teriam contribuído para que percebesse o caráter não científico do racismo que admirara, passando a ver a miscigenação de uma nova perspectiva (PALLARES-BURKE, 2005, p. 302).

Assim, fica clara a influência de Franz Boas e Rüdiger Bilden na mudança da perspectiva racialista para a culturalista acerca da miscigenação em Gilberto Freyre, sendo esses dois intelectuais suas fontes alemãs mais próximas. Outras influências germânicas sobre as ideias de Freyre são de grandes autores alemães, como Georg Simmel (1858- 1918) [um clássico da sociologia] e Friedrich Nietzsche (1844 – 1900) [um clássico da filosofia], além de autores de menor expressão, como Herman Sudermann (1857- 1928) [da literatura alemã clássica].

As influências germânicas mais marcantes no pensamento de Gilberto Freyre têm origem na sua formação acadêmica, pois surgiram dos ensinamentos de Franz Boas e das interlocuções teóricas com Bilden, mas também de suas leituras sócio-psico-antropológicas, que não deixaram de passar por pensadores alemães.

Tratemos brevemente sobre dois desses pensadores: o clássico sociólogo Georg Simmel e o quase desconhecido romancista Herman Sudermann. Assim como Rüdiger Bilden, Sudermann nos é apresentado por Maria Lúcia Pallares-Burke na biografia intelectual *Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos*, lançado em 2005, no qual a autora destaca a influência do romancista alemão na obra de Freyre. Segundo Pallares-Burke (2005), a novela *Frau Sorge* (1887), de Herman Sudermann, influenciou diretamente sua futura grande obra *Casa-grande & Senzala* – ainda em gestação quando o brasileiro conheceu a obra do alemão – , fato que estranhamente passou despercebido pelos estudiosos do ensaio:

Era esse um dos seus “sonhos” em agosto de 1921, na exata ocasião em que reconheceu que a tese iria lhe “absorver muito tempo” e que, por isso, deveria suspender sua colaboração para o Diário de Pernambuco. Seu entusiasmo pela “novela” foi afirmado com eloquência quando a enviou a Oliveira Lima, querendo compartilhar com o amigo sua descoberta. “Segue a novela de Sudermann, da qual, como já disse, gosto muito” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 228).

A influência desta novela na obra de Gilberto Freyre, segundo Pallares-Burke (2005), se verifica pelo fato de que a novela escrita pelo romancista germânico conta a história de um menino do interior da Alemanha, que inspirou Gilberto a também ambicionar escrever uma novela sobre “um menino do interior do Brasil que enredaria um modo de contar a história da sua infância no Brasil, um projeto antigo de Freyre jamais escrito, porém presente em ‘fragmentos’ nas obras *Casa-grande & Senzala* (1933) e *Sobrados e Mucambos* (1936)” (PALLARES-BURKE, 2005):

As pequenas marcas que Freyre deixou no texto de *Dame Care*, as “garatujas a lápis” que referiu a Oliveira Lima e que ainda são parcialmente legíveis, revelam que o romance de Sudermann atçou sua imaginação, levando-o a fazer algumas

analogias com experiências de sua infância e com a realidade brasileira de sua região (PALLARES-BURKE, 2005, p. 228).

A novela de Sudermann, a nosso ver, exerce alguma influência sobre a linha de desenvolvimento do ensaio *Casa-grande & Senzala* ao romantizar<sup>15</sup> seu relato da formação do Brasil como uma “novela” cujo palco se forma nas estruturas da casa-grande e da senzala; vemos na biografia intelectual apresentada por Pallares-Burke que a novela do romancista alemão é refletida diretamente em *Casa-grande & Senzala* ao remontar o saudosismo de um menino do interior, o que mimetiza na obra de Gilberto a história do sinhozinho, da sinhá e do senhor de engenho como arquétipos da família brasileira – espelhamento que, de certa forma e por sua vez, encena a própria história de Gilberto Freyre:

O romance se inicia com o nascimento de Paul Meyerhofer na "*Weisse Haus*" (Casa Branca) da propriedade rural que a família arruinada está sendo obrigada a vender naquele exato momento. Desde muito cedo, a casa passa a representar para o pequeno e nostálgico Paul “o que o ‘Paraíso Perdido’ é para a humanidade”. Muito próximo de sua mãe, mulher amorosa, mas tiranizada por um marido indolente e brutal, Paul cresce desde os seus primeiros anos como um menino sério, solitário e triste, traços que o caracterizam ao longo de toda a juventude. O que o faz “tão prematuramente sério” e sem verdadeira infância é, acima de tudo, o fato de ter nascido sob o domínio de uma fada da má sorte, “*Frau Sorge*”, figura de um conto folclórico alemão. Personificação de preocupações e cuidados, *Frau Sorge* faz que “criaturas como nós”, como sua mãe certa vez lhe explica, “renunciem à felicidade ... e não a vejam, não importando quão próxima ela esteja de nós, pois alguma coisa triste sempre se interpõe entre nós e a felicidade” (SUDERMANN apud PALLARES-BURKE, 2005, p. 229).

A referência deixa claro como a história da novela inspira a obra de Gilberto Freyre. Munido dessa inspiração, o pernambucano orienta seu ensaio *Casa-grande & Senzala* próximo ao enredo apresentado na novela de Sudermann. Se atentarmos aos indícios narrativos, podemos perceber que “a terra de *Frau Sorge* é o Brasil” (PALLARES-BURKE, 2005, p. 365). No Brasil, a figura do senhor de engenho se sobrepõe à figura do marido indolente e brutal que tiraniza a mãe do nostálgico Paul, personagem de Sudermann. Eis como nos apresenta Gilberto Freyre o senhor de engenho: “A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal” (FREYRE, 2003, p. 38). Esse contato de Gilberto com o romance de Herman Sudermann ocorreu enquanto o brasileiro estava na universidade de Columbia.

---

<sup>15</sup> Por “romantizar” entendemos que Gilberto Freyre com seu ensaio, além de um trabalho acadêmico e científico, também se propôs a escrever um romance, um ensaio com características literárias que permitiram ao autor não só revelar a formação do Brasil, mas também expressar seus pontos de vistas pessoais sobre esse processo de formação social do país.

Em conjunto com os ensinamentos de Franz Boas e as interlocuções com Bilden, ocorridos no mesmo período, a leitura do romance foi fundamental para trazer a questão racial ao centro das preocupações intelectuais de Freyre. Foi a orientação de Boas, principalmente, que lhe mostrou a diferença fundamental entre raça e cultura, o que fez com que, ao invés de escrever a novela que ambicionava sobre a história da infância, escrevesse seu ensaio acadêmico *Casa-grande & Senzala* para “revelar” a formação do Brasil e do brasileiro, abandonando o projeto de escrever, à maneira de Sudermann, uma novela fictícia sobre um menino do interior (PALLARES-BURKE, 2005). A influência alemã de Herman Sudermann no ensaio de Gilberto Freyre se destaca também na maneira literária com que esse desenvolveu a escrita de *Casa-grande & Senzala*.

No mesmo sentido, a perspectiva da antropologia cultural de Franz Boas e as interlocuções teóricas de Freyre com seu colega Rüdiger Bilden compõem o quadro das influências germânicas importantes na formação intelectual do escritor brasileiro, outras influências alemãs podem ser observadas também na filiação de Gilberto Freyre à chamada Escola do Recife.

## 2.2. Escola do Recife

Em meados do século XIX, o governo imperial do Brasil cria a Faculdade de Direito de São Paulo – hoje pertencente à Universidade de São Paulo – e a Faculdade de Direito de Olinda, mais tarde transferida para o Recife – e que hoje faz parte da Universidade Federal de Pernambuco. Vamireh Chacon comenta sobre essa instituição criada no Nordeste brasileiro:

[...] fundada em 1798, os ventos soprados pelo iluminismo logo foram enquadrados jusfilosoficamente pela Faculdade de Direito de Olinda, gêmea da paulistana do Largo de São Francisco, 1827. Transferida à nova capital de Pernambuco, ali surgiu, em 1870, a Escola do Recife germanista de Tobias Barreto e Sílvio Romero, de início evolucionista, por fim neokantiana quando a própria Alemanha também começava a mudar (CHACON, 1993, p. 21).

Essas Faculdades foram criadas com o propósito de formar os primeiros bacharéis em Direito do território nacional. As Faculdades de Direito de Recife e São Paulo não só contribuíram para a formação dos primeiros juristas, mas também para a formação de importantes quadros políticos, administrativos e intelectuais brasileiros, tendo um papel importantíssimo no desenvolvimento do pensamento social brasileiro – instituições essas que mais tarde tomaram caminhos distintos quanto à orientação intelectual, ideológica e profissional de seus alunos, inaugurando as primeiras faculdades de Ciências Sociais do Brasil.

Aqui nos ateremos ao germanismo da Escola do Recife, instituição que surge de um movimento intelectual e cultural a partir da Faculdade de Direito, que ampliou seus estudos das questões jurídicas para problematizar questões de ordem política, histórica e social, tornando-se um polo de formação de grandes acadêmicos sociais, como Sílvio Romero (1851 – 1914), Tobias Barreto (1839 – 1889) e Capistrano de Abreu (1853 – 1927), por exemplo.

A Escola do Recife, segundo Chacon, possui dois períodos distintos, sendo o primeiro fortemente influenciado pelo germanismo, período no qual destacou-se Tobias Barreto (CHACON, 1993). Nesse momento, a Escola se orientou por uma perspectiva teórica que combinava o positivismo com o darwinismo social, colocando as discussões sobre raça e miscigenação como centrais em suas formulações teóricas, possuindo um viés conservador. Essa influência germânica se apresenta de forma marcante na trajetória intelectual de Gilberto Freyre, pois, após seus estudos nos Estados Unidos, ele retorna ao Brasil e se filia exatamente à Escola do Recife:

Gilberto Freyre, que conheceu a fama em vida, não teve limbo: obra e personalidade sempre evocadas, mesmo em meio de ataques e defesas. Não se desperta tanta paixão por ‘acaso’. Este livro mesmo em sua unidade orgânica, não deixa de ser a continuação, e a conclusão do outro de minha autoria, “A luz do Norte (1990)”, sobre a segunda Escola do Recife, a gilbertiana, prosseguindo em ‘novos’ caminhos muito mais Sílvio Romero que Tobias Barreto (CHACON, 1993, p. 13).

O germanismo da Escola do Recife é mais uma destacada influência alemã na trajetória intelectual de Gilberto Freyre: ao se tornar professor de Sociologia na Escola Normal de Pernambuco no final dos anos 1920 (CHACON, 1993), a influência alemã nas suas obras é claramente inevitável:

A tradição cortesã de antiga capital do Brasil, a primeira, em Salvador da Bahia de Todos os Santos e quase Todos os Pecados como Gilberto Freyre gostava de dizer, cortesia muito ninada pela pauperização retratada por Jorge Amado, contrasta com o permanente irredentismo recifense de capital do Nordeste tão jacobino que acuado como separatista em 1817 e 1824. Irredentismo também intelectual da Primeira Escola do Recife, a de Tobias Barreto e Sílvio Romero e discípulos, e da Segunda de Gilberto Freyre, Ulysses Pernambucano e continuadores (CHACON, 1993, p. 22).

Conforme exposto, fica claro que há uma forte influência germânica no percurso intelectual e acadêmico de Gilberto Freyre, o que podemos observar tanto no livro *Sociologia* (1945) quanto em suas biografias intelectuais – o próprio autor se dedicou a escrever um livro sobre a influência alemã na Escola do Recife, algo que sem dúvida foi outra influência sobre sua teoria.

Freyre destaca que se trata de uma grande influência, porém não a única, nem muito menos em sua forma “pura”, uma vez que foi adaptada à realidade brasileira, como ele

próprio vem a destacar: “Com a chamada Escola do Recife firmou-se, com efeito, no Brasil, com variantes nada desprezíveis, um tipo meio germânico de erudito-científico que, aliás, já se revelara, de modo inconfundível, no um tanto germanizado, porém fundamentalmente português abasileirado ou tropicalizado, José Bonifácio de Andrada e Silva” (FREYRE, 1971, p. 133).

Para Freyre, as influências germânicas são anteriores à sua entrada na Escola do Recife. No seu livro *Nós e a Europa Germânica* (1971), o autor declara: “Ninguém ignora a origem germânica de Varnhagen, historiógrafo que, pelo seu trabalho imenso de investigador de fontes europeias da história brasileira, marcou o início de uma nova sistemática nesse gênero de estudos” (FREYRE, 1971, p. 104). Para o autor, a influência alemã no pensamento social brasileiro se inicia pelos “cronistas do Brasil” como Hans Staden (1525 -1576), que mesmo com um olhar eurocêntrico e carregado de uma moral religiosa relatou valiosas informações sobre a cultura dos tupinambás.

A Escola do Recife possui como vemos uma marcada influência germânica desde Tobias Barreto, e nesse sentido seu germanismo produziu um tipo de intelectual aristocrático, que marca a trajetória intelectual de Gilberto Freyre.

### 3.2 . Gilberto Freyre, Norbert Elias e a sociologia simmeliana

Aqui procuramos realizar uma aproximação entre as teorias sociológicas de Gilberto Freyre e Norbert Elias que, ao nosso ver, é possível, dentre outras razões, pela influência alemã e pela similaridade teórica e metodológica dos dois autores, que, contemporâneos, paralelamente inovaram na utilização fontes pouco usuais nas ciências humanas como já vimos, e além disso, também se aproximam teoricamente devido à influência alemã comum às trajetórias intelectuais de Gilberto Freyre e Norbert Elias, que é a sociologia de George Simmel.

Cabe destacar que o polímata pernambucano não se via propriamente como sociólogo. No seu livro *Como e porque sou e não sou sociólogo* (1968), Gilberto Freyre esclarece que se enxergava também como antropólogo, historiador e literato, enfim um pensador (DALMONTE, 2009), já que sua orientação acadêmica se baseava numa “mistura” de perspectivas das ciências humanas.

Observamos, então, que Gilberto Freyre recebeu certa influência alemã em sua perspectiva social e histórica, influência que perpassa sua teoria e seu método. Nossa preocupação em destacar essa influência germânica no percurso intelectual de Freyre advém

do fato de que, ao ler *Casa Grande & Senzala* sob as lentes de Norbert Elias, percebemos que as influências alemãs de Freyre permitem uma comparação entre sua teoria e a dos processos civilizadores eliasiano.

Especificamente na obra *Sociologia*, de 1945, de Gilberto Freyre verifica-se a influência alemã da sociologia simmeliana – percebermos suas várias citações ao sociólogo, sobretudo acerca de suas preocupações quanto à natureza do estudo sociológico:

Não podendo ser a ciência do social, isto é, da totalidade dos fenômenos sociais, seria um método comum a todas as ciências sociais, como o método estatístico. Justamente aí é que nos parece que Georg Simmel marca, no desenvolvimento da Sociologia, uma época de clarificação de propósito e de limites que tanto nos liberta da confusão da Sociologia com a totalidade das ciências sociais – ponto em que o esforço de Simmel acentuou a obra de discriminação iniciada por Dilthey – como da tendência para reduzir-se o que há de ciência na Sociologia a método, método comum a todas as ciências sociais (FREYRE, 1973, p. 110).

Vemos que a perspectiva sociológica de Georg Simmel influencia a visão freyreana do fazer sociológico no sentido do método. Entretanto, como já salientado, Gilberto não se via propriamente como um sociólogo, daí o destaque ao método como comum a todas as ciências sociais, como o autor percebendo-se mais como um cientista social – um pesquisador preocupado com questões sociais, e não com questões própria e especificamente sociológicas.

Sua discussão parte do princípio de que há uma distinção entre o sociológico e o social, pois nem tudo o que se refere ao social é objeto da Sociologia, e dessa confusão entre a sociologia e o social resultaria um excesso que tornaria a Sociologia uma “rainha” não só das ciências sociais em particular, mas de todas as preocupações com os problemas sociais em geral, estando acima das demais ciências humanas, que incluiriam questões de ordem prática, da clínica, das atividades morais, pedagógicas, políticas etc. (FREYRE, 1973); enfim, quanto ao todo social, crítica que Freyre faz aos estudiosos que ele chama de “megalómanos (*sic*) da Sociologia moderna” (FREYRE, 1973, p. 110). Nesse sentido, Simmel contribui para Gilberto Freyre delimitar o campo específico da Sociologia dentro das ciências sociais:

Sabemos que os mesmos fatos podem ser estudados, em diferentes aspectos particulares, por várias ciências. Várias das chamadas ciências sociais – a Economia, a Antropologia, a Geografia Humana – e também a Filosofia, a História, a Biologia Humana, a Psicologia social, a Ética – ocupam-se de fatos que a Sociologia estuda (FREYRE, 1973, p. 114).

Deste modo, a sociologia de Georg Simmel é uma influência alemã que podemos destacar no percurso acadêmico e intelectual de Gilberto Freyre, sobretudo no que diz respeito ao método sociológico e à sua concepção sobre esta ciência; e como salienta Sebastião Vila Nova: “Chegamos, assim, ao campo das afinidades, estas menos teóricas que metodológicas.

E é antes no campo das afinidades que Gilberto Freyre liga-se à sociologia alemã: a de Max Weber e, principalmente, a de Georg Simmel (VILA NOVA, 2011, 321). Freyre busca delimitar a forma como adentra no campo da Sociologia, conforme encontramos em Antonio Dimas:

Freyre, nesse contexto, tenta pensar a sua pesquisa como uma contribuição para a sociologia genética. Mas, sociologia do quê? Uma sociologia das formas de convivência e associação (Freyre, 1977, p. 34). Essas duas palavras também devem reter a nossa atenção. A sociologia europeia tem, sob a influência alemã, analisado a evolução das sociedades da Europa, como a transformação de um modelo comunitário (*Gemeinschaft*) para um modelo social (*Gesellschaft*). As formas comunitárias, procedendo da Idade Média, transformar-se-ão, no transcurso do tempo, em formas de associação entre indivíduos livres (DIMAS *et ali*, 2006, p. 118-119).

Vemos que a delimitação do que é sociológico é importante para Freyre, que não se via como sociólogo, contudo, faz uso do método e da teoria sociológicas. Existem outros conceitos e perspectivas sociológicas de Georg Simmel destacados no livro *Sociologia* que certamente influenciaram a embocadura teórica de diversas obras de Gilberto Freyre. Um desses conceitos, importante para Simmel, é o de “socialização” ou “societalização”, que ocupa uma posição central na perspectiva sociológica de Freyre sobre o processo de social, podendo ser claramente observado em suas obras. Sua perspectiva de socialização como mecanismo de reciprocidade e de interpenetração de influências entre o indivíduo e a sociedade é retirada da obra de Simmel:

E Simmel já vimos que à expressão socialidade prefere o termo societalização, que corresponde à importância que ele, ainda mais do que Giddings em sua reação ao organicismo e ao próprio realismo sociológico, atribui ao aspecto funcional dos fatos sociais como objeto de estudo da Sociologia. Societalização exprimiria com maior vigor do que socialização o processo ou o mecanismo de reciprocidade ou de interpenetração de influências pelo qual se torna social o que o indivíduo traz para a vida de associação com outro indivíduo ou para a vida em grupo, dependendo, entretanto, sua integração no grupo do seu equipamento original de indivíduo e da personalidade que daí se desenvolve sob a influência da experiência social e das exigências e estímulos da cultura de grupo e do tempo e da organização social, sobre aquele equipamento biológico (FREYRE, 1973, p. 114-115).

O conceito sociológico de societalização simmeliano é o que oportuniza Gilberto a formular a perspectiva sociológica que perpassa suas obras, uma vez que essa ideia de interpenetração e integração entre o indivíduo, na sua personalidade, e a sociedade permite a Freyre delimitar o que de sociológico existe em sua análise:

Quer se diga societalização quer se fale em socialização, consegue-se essencialmente o mesmo fim: o de considerar-se objeto de estudo da Sociologia, não o organismo social ou a sociedade estática, porém a organização social vista através não só de seus processos e de suas formas de interação – como pretende Simmel – como das suas sínteses: as personalidades que se caracterizam por predominâncias

socioculturais de que são veículos, portadores, pontos de encontros, modificadores, agentes, os grupos e as instituições na mesma organização (FREYRE, 1973, p. 114).

Enfim, a perspectiva sociológica de Gilberto Freyre apropria-se do método sociológico comum às ciências sociais gerais mais do que àquele próprio à ciência da Sociologia, pois Freyre não se considera um sociólogo em estrito senso – não apenas por não ter a formação própria da ciência estruturada por Émile Durkheim, mas também por considerar que o campo social pode ser compartilhado por outras ciências humanas.

Dessa forma, Gilberto Freyre deixa claro que, na sua perspectiva, o campo da Sociologia é estranho ao elemento natural que persiste no homem como “pessoa social”, pois o sociólogo procura estudar exclusiva ou principalmente os aspectos funcionais, dinâmicos, pessoal-social ou formal das sociedades, como sugere “a quase-escola de Simmel” (FREYRE, 1973, p. 117). Contudo, mesmo tendo essa perspectiva, Freyre faz uso da teoria sociológica, e para isso se orienta por meio da sociologia simmeliana.

Deste modo, a sociologia simmeliana é o ponto de convergência com a teoria de processos de Norbert Elias. Georg Simmel também influencia a teoria sociológica de Elias, pois o conceito de configuração social eliasiano tem vínculo com a sociologia simmeliana, como afirma Leopoldo Waizbort: “Sou inclusive tentado a dizer que a contribuição de Elias está em formalizar, no conceito de figuração e suas consequências, a concepção que está presente nas análises de Simmel, embora não apareça, então, sob tal terminologia (WAIZBORT, 2001, 102). Uma influência advinda dos seus anos de formação na Universidade de Heidelberg.

Dito de maneira abrupta, este texto defende a tese de que elementos fundantes e fundamentais da sociologia de Norbert Elias derivam da obra de Georg Simmel. Mais precisamente, trata-se de mostrar como e em que medida a concepção do social que aparece nos escritos de Elias é muito semelhante, semelhante demais, ao modo como Simmel a elabora; e, em consequência disso, tudo o que deriva dessa concepção do social também (WAIZBORT, 2001, 91).

A dita influência simmeliana de Norbert Elias, porém, é revelada pelo próprio sociólogo em entrevistas e em seus escritos autobiográficos, como *Norbert Elias por ele mesmo* (1990), no qual o Elias revela que obras como as de Georg Simmel faziam parte da bagagem cultural indispensável para um sociólogo do seu tempo (ELIAS, 2001). Segundo Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort (2006), mesmo que Norbert Elias não mencione Georg Simmel ao formular seu conceito de configuração social, este tem influência da sociologia simmeliana significativa como exposto, a qual Elias, segundo os autores, deixou

restrita apenas ao registro analítico, fazendo parecer que desenvolveu algo absolutamente novo (NEIBURG; WAIZBORT, 2006).

Mesmo que Norbert Elias não cite Simmel diretamente na sua obra *O processo civilizador – volume I: uma história dos costumes* (1939), suas formulações de análise do social, como um conjunto relações da “sociedade”, do “grupo”, a ideia de um todo relacional, ou seja, o social, seja em Norbert Elias, seja em Georg Simmel, é um conjunto de relações de “unidade” e “multiplicidade” transpostas no registro “indivíduo” e “sociedade”, que tornam-se literalmente uma formulação do conceito eliasiano de “figuração” (WAIZBORT, 2001). O conceito de “societalização” de Georg Simmel, que, resumidamente, conceitua todo o conjunto das relações mútuas e funcionais de uma sociedade no sentido mais rigoroso possível, procurando explicar sua relação. Nesse conceito não há o “indivíduo”, mas apenas o “indivíduo” na sociedade; da mesma maneira que não há “sociedade”, mas apenas “sociedade” no indivíduo (WAIZBORT, 2001) Bem se vê que tal perspectiva converge nas teorias eliasiana e simmeliana.

Deste modo, as noções de societalização e configurações sociais têm a mesma perspectiva ou ao menos são muito semelhantes. Logo, como nos lembra Leopoldo Waizbort: “o que realiza na verdade a sociedade são as relações que se estabelecem entre os singulares, as tais formas menores de relação e de modos de interação entre os homens, que existem aos milhares, infindáveis e em eterno processo” (WAIZBORT, 2001, 96); esse conceito simmeliano converge com a formulação do conceito de configuração social de Norbert Elias.

Portanto, como bem explica Waizbort: “sabem muito bem o que isto significa -, parece ser diretamente tributário de Simmel. Quanto mais, aliás, adentramos na selva sociológica simmeliana, mais pontos de cruzamento encontramos com a sociologia de Elias (WAIZBORT, 2001, 109). Vemos então que a sociologia eliasiana tem forte influência simmeliana, assim como a teoria sociológica freyreana. Em vista disso, tanto a teoria sociológica de Gilberto Freyre quanto de Norbert Elias tem pontos em comum advindos da sociologia alemã de Georg Simmel. Nesse sentido, essa influência da sociologia simmeliana torna-se um ponto de aproximação teórica entre os autores.

### 3.3 Por que Casa-grande & Senzala?

*Casa-grande & Senzala* foi o livro em que Gilberto Freyre ensaiou todas suas formulações teóricas posteriores; obra orientadora de todas as demais, tudo que Gilberto escreveu posteriormente foi referenciado neste ensaio: toda sua teoria histórica, antropológica, política, psicológica etc. teve seu germe neste livro. Freyre “inventou” o Brasil a partir das relações entre as casas-grandes e as senzalas, bem como na inter-relação entre as raças por meio da miscigenação, tornando essas estruturas um tipo de “arquetipo” das relações sociais no Brasil. Como sabemos, livros não deixam de ser fontes de transformação social, e *Casa-grande & Senzala* é um exemplo de como pode se dar essa transformação através da escrita.

Segundo Norbert Elias (1994), são consideráveis a transformação e a regulação de paixões requeridas ao se escrever ou mesmo ler livros; questão que pode ser verificada na grande obra de Freyre, pois, ao escrever seu ensaio, ele desenvolveu uma perspectiva de formação do Brasil e, por que não o dizer, de um processo civilizador: *Casa-grande & Senzala* é um ensaio que “toca” seus leitores, intérpretes e críticos; todos, adeptos ou críticos da teoria freyreana, transformaram suas visões acerca da sociedade brasileira no contato com essa obra que não passou incólume e influenciou diretamente os debates e discussões dentro do pensamento social brasileiro.

Por esse motivo, esse ensaio germinal de Gilberto Freyre pode ser considerado um “divisor de águas” do pensamento social brasileiro. Assim, devido à importância deste trabalho e pelo fato de todas as produções posteriores de Gilberto o invocarem de algum modo, escolhemos trabalhar de forma específica, na análise que aqui propomos, com este livro central de sua obra: orientados pela perspectiva configuracional eliasiana, procuraremos verificar nossa hipótese de que *Casa-grande & Senzala* pode ser lido como uma fonte reveladora de um processo civilizador brasileiro.

Como dissemos, *Casa-grande & Senzala* foi o ensaio que iniciou o processo de redescoberta do Brasil por Gilberto Freyre, lançando as bases dos temas a serem aprofundados e discutidos nas obras posteriores do autor. É essa a obra que nos ajuda, portanto, a “nortear” o percurso intelectual seguido por Gilberto, ou seja, compreender esse ensaio é compreender sua teoria, suas ideias e o próprio Freyre.

Depois de *Casa-grande & Senzala*, o Brasil passou a ser pensado a partir dessa interrelação entre as casas-grandes, que passaram a representar a classe abastada branca dominante, e as senzalas, que representam a população pobre e oprimida, majoritariamente negra e mestiça. O ensaio de Gilberto Freyre criou um “mito de fundação do Brasil”, e sua

importância reside no fato de seus significados, além de marcarem a trajetória intelectual do próprio autor, marcarem a trajetória intelectual dos intérpretes nacionais que o sucederam:

Os significados de Casa-grande e Senzala são marcantes na trajetória intelectual de seu autor, do pensamento social brasileiro, e na história da edição no Brasil. Pensado por Freyre para transmitir uma novidade "científica" para interpretar o Brasil, este livro passou, ao longo de suas numerosas reedições em diversas línguas, por diferentes tamises de percepção e classificação que, condicionados pelas categorias de apreciação possíveis em cada momento (sobre os significados de autor, obra, universidade, universal, Brasil, Sociologia, literatura, livro, leitor, raça, cultura), provocaram sentidos da recepção que descrevem a construção das forças dominantes no campo da circulação da palavra escrita, especificamente nas disciplinas sociais (SORÁ, 1998, p. 121).

Como relatado por Gustavo Sorá *Casa-grande & Senzala* não repercutiu somente na academia, mas também na política e na sociedade brasileiras. As conjecturas, hipóteses, reflexões e polêmicas apresentadas no ensaio, ou mesmo as interpretações posteriores realizadas por seus críticos, marcaram o pensamento social brasileiro, influenciando os intérpretes do país.

Todos os intérpretes do Brasil e pesquisadores do pensamento social brasileiro (economistas, historiadores e filósofos) que se propuseram a pensar, analisar e discutir a formação do país e de seu povo após 1933, direta ou indiretamente, tiveram que perpassar de algum modo pelos temas abordados por Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*.

Politicamente, ensaio freyreano mostrou sua influência logo em seu lançamento: no início dos anos de 1930, o Brasil estava sob o regime intervencionista de Getúlio Vargas, governo que passava por um processo de centralização política do Brasil com o objetivo de diluir a antiga “república dos governadores”; Getúlio visava também ressignificar a imagem do país e de sua cultura, apelando para a valorização das nossas raízes africanas; é essa valorização que encontra em *Casa-grande & Senzala* um grande aliado, pois o livro destaca exatamente essas mesmas raízes. Mesmo que Gilberto Freyre fosse perseguido e visto como um agitador pela ditadura getulista (PALLARES-BURKE, 2005), as teses defendidas pelo ensaio do autor atendiam aos anseios do governo:

No plano político-intelectual a obra CGS representou a expressão de uma ideologia da cultura nacional, ou seja, “o balanço de uma cultura e a reflexão sobre o passado como instalação dos alicerces de um porvir em marcha” (Larreta, 2000: 25). De fato, o livro respondeu a algumas indagações e necessidades postas já nos anos 20: interpretar o passado brasileiro, forjar a identidade nacional e construir o Brasil moderno (COELHO, 2007, p. 130).

O ensaio *Casa-grande & Senzala* teorizou aquilo que o governo getulista queria valorizar e estabelecer no país: a criação de uma autoestima nacional, levando para as

políticas públicas a ideia de que a cultura do povo brasileiro era reconhecida e valorada pelo poder central – cabe notar que, nesse contexto, falar da “cultura do povo” significava falar também da cultura africana. Foi nesse sentido que, conforme encontramos no relato de Claudio Marcio Coelho, o governo “revolucionário” de Getúlio procurou estimar aquilo que era visto como “do povo”:

Com a Revolução de 30, o governo de Getúlio Vargas implementou um programa cultural nacionalista valorizando as raízes africanas da cultura brasileira. O crescente fascínio do Brasil branco pelo que era afro-brasileiro levou Vargas (já em 1932) a subsidiar o desfile de escolas de samba do Rio, demonstrando a reversão do desprezo da elite branca pelo samba, candomblé e outros traços da cultura negra. Vargas também criou um programa para identificar, restaurar e proteger monumentos históricos nacionais – prédios coloniais, igrejas, fortes, edifícios antigos – enaltecendo o passado colonial brasileiro (COELHO, 2007, p. 128).

O governo de Vargas encontrou na obra do “subversivo” Gilberto Freyre as bases teóricas daquilo que procurava implementar enquanto política cultural. Perseguido pelo governo getulista, em 1937 Freyre é convidado por Antiógenes Chaves para apoiar a candidatura de José Américo de Almeida para presidência da república. Porém, com o Golpe do Estado Novo, Chaves se tornou um interlocutor importante na atuação política de Freyre:

O principal interlocutor de Gilberto Freyre no que concerne à sua mudança de estratégia/orientação política após o Golpe de 1937 foi Antiógenes Chaves. Estava atento às mudanças ocorridas naquele momento nas premissas teóricas do Estado, economia, sociedade etc., que passaram a vigorar no Estado Novo. Nesse mesmo ano, ele discutiu com Gilberto Freyre a implicação de tais mudanças para os interesses da classe social representada por seu projeto. Na discussão realizada entre o sociólogo, líder do projeto regionalista, e o jurista, importante apoiador desse projeto, é possível perceber a necessidade de adaptação das formulações de *Casa-grande & Senzala* para efeito de sua apropriação de acordo com o modelo político que se tornaria hegemônico no pós-1937 (MESQUITA, 2013, p. 213-214).

Gilberto Freyre reeditou seu ensaio *Casa-grande & Senzala* várias vezes. A cada reedição, costumava fazer alterações, emendando ou reescrevendo partes do texto – mudanças que não costumava referir: ao contrário, ocasionalmente afirmava estar apresentando os textos na sua forma original (PALLARES-BURKE, 2005). Tais reformulações de seus trabalhos para republicação não foram feitas somente em seu ensaio germinal, tratando-se de um hábito do autor, o que, segundo Pallares-Burke, acabou por esconder parte importante de seu desenvolvimento intelectual.

*Casa-grande & Senzala* foi um grande sucesso, passando a ser lido dentro e fora da universidade, sendo traduzido para diversos idiomas. Todo esse sucesso fez com que a imagem do Brasil retratada no ensaio influenciasse muito a imagem que os estrangeiros tinham do Brasil, sobretudo durante os anos 1930 e 1940. Sua boa recepção internacional não

se deu somente nos Estados Unidos da América, mas também na Europa, principalmente depois de traduzido para o francês:

[...] a divulgação internacional de *Casa-grande & Senzala*, de corrente da tradução francesa de Roger Bastide, publicada em 1952, que contou com um prefácio consagrador de Lucien Febvre, cuja liderança intelectual na revista *Annales*, junto com Marc Bloch, era passaporte seguro para ingresso no universo da inteligência francesa, mesmo que essa tradução tenha sido posterior à primeira tradução da obra, realizada nos Estados Unidos em 1946 (DIMAS *et ali*, 2006, p. 08-09).

As traduções de *Casa-grande & Senzala* para o inglês – sendo intitulado como *The Masters and the Slaves* (1946) – e posteriormente para o francês – intitulado como *Maitres et esclaves* (1952) –, além de sua recepção na academia estadunidense e europeia, tornaram o ensaio uma importante fonte de divulgação do pensamento social brasileiro. *Casa-grande & Senzala* foi o livro mais importante de Gilberto Freyre, pois nele o autor formula suas principais teses e hipóteses que reverberaram em todos seus demais trabalhos, principalmente suas questões sobre “raça”, cultura e miscigenação – as ideias mais discutidas dos seus textos.

Segundo Gustavo Mesquita (2013), todos os seus textos traduzidos, principalmente *Casa-grande & Senzala*, colaboraram para a criação de um mito que, mais tarde, seria chamado de “democracia racial”. Tal mito foi utilizado ainda pelo governo getulista para ressignificar a identidade nacional do brasileiro, criando a imagem do Brasil miscigenado, como nos lembra o próprio Mesquita:

O curioso nessa trajetória é que, assim como *Casa-grande & Senzala*, todos os outros textos dele publicados nos Estados Unidos terminaram por recriar um mito longamente vigente sobre as questões de “raça” do passado e do presente, tais como a marginalização social, a discriminação, o antissemitismo, a xenofobia, etc., e o mito assim recriado passou a constituir interesse central do governo Vargas no discurso da brasilidade: inventava-se a identidade de um povo que era visto, pelo “alto”, como mestiço de negro, português e índio, incorporando novos componentes identitários nessa invenção, como o conceito de cultura regional. Era o mito da miscigenação informando e moldando, à sua imagem e semelhança, a invenção da identidade do Brasil moderno (MESQUITA, 2013, p. 219-220).

A importância de *Casa-grande & Senzala* para a compreensão do processo de formação do Brasil como nação e do brasileiro enquanto povo, faz com que este ensaio seja a melhor fonte para compreendermos, ao modo de Norbert Elias, nosso processo civilizador. Noutros termos, a nossa leitura da obra buscará analisar aquela formação social do Brasil proposta por Gilberto Freyre – uma formação alicerçada na tese do equilíbrio de tensões e expressa na ideia de equilíbrio de antagonismos, o que nos parece uma perspectiva tanto eliasiana quanto freyreana:

Gilberto Freyre analisa bem a transformação sofrida pelo sistema social entre o "equilíbrio" forçado do período do poder patriarcal e o "sistema de tensões"

característico do período do declínio desse poder. Nas línguas latinas, a palavra "e" manifesta sempre uma certa ambiguidade: significa o "e" uma conjunção ou uma disjunção? Para sublinhar o aspecto conjuntivo do "e" no contexto do equilíbrio social, forçado e forte, de *Casa-grande & Senzala*, Freyre utiliza o "e" comercial – & – um símbolo que manifesta no seu desenho a ideia do nó. Já em *Sobrados e Mucambos*, onde domina a ideia da tensão entre vários universos, constantemente obrigados a reconstruir um equilíbrio tão frágil, Freyre utiliza o "e" com toda a sua ambiguidade (DIMAS *et ali*, 2006, p. 153)

Nossa hipótese neste trabalho é que esse “equilíbrio de tensões” pode ser lido como parte do processo civilizador brasileiro, i.e., utilizamos *Casa-grande & Senzala* como fonte descritiva de como se deu o processo civilizador no Brasil, no sentido de contenção dos impulsos e controle dos afetos – como fez Elias com o livro *De civilitate morum puerilium*, de Erasmo de Rotterdam, para analisar o processo civilizador na Europa.

*Casa-grande & Senzala* se caracteriza como o livro que foi escrito por Gilberto Freyre para descrever o processo de formação da sociedade brasileira, e, nessa perspectiva processual, podemos também inferir que há na obra a descrição de um processo de civilização no Brasil. Tal hipótese ganha força quando lemos Ricardo Benzaquen Araújo:

[...] *Casa-grande & Senzala* dá a impressão de ter sido escrito justamente para acentuar a extrema heterogeneidade que caracterizaria a colonização portuguesa, ressaltando basicamente a ativa contribuição de diversos e antagônicos grupos sociais na montagem da sociedade brasileira; heterogeneidade que lhe emprestaria um aspecto sincrético e totalmente diverso de uma pura europeização. E sincretismo que se apresentaria fosse do ângulo das influências étnicas e culturais, combinando-se separadamente no português, fosse do ângulo político antropológico, pela convivência lado a lado de despotismo e confraternização (ARAÚJO, 1994, p. 8).

A descrição dada por Benzaquen Araújo sobre o ensaio pode ser lida, em nosso ponto de vista, como uma descrição de um processo civilizador – quando autor afirma que houve uma ativa contribuição de grupos antagônicos que deram um aspecto sincrético à montagem social brasileira, para além de uma pura europeização –, de modo que *Casa-grande & Senzala* não só “inventa” o Brasil, como muitos já propuseram, mas também descreve em pormenores, mesmo que numa forma um tanto romantizada, um processo de formação social, de configuração que cria um *habitus brasileiro*, o que nos dá condições de compreender o Brasil, sua sociedade, sua formação e seu particular processo civilizador.

*Casa-grande & Senzala*, portanto, não foi somente o livro mais inovador e o ensaio mais polêmico já escrito sobre a formação do Brasil. Segundo Guilherme Mota, foi também a:

Mais divulgada e comentada a obra de Gilberto Freyre. *Casa-grande & Senzala* (1933), atingiu ampla popularidade pelo estilo corrente e anticonvencional; pelas teses veiculadas sobre relações raciais, sexuais e familiares; pela abordagem inspirada na antropologia cultural norte-americana e pelo uso de fontes até então não consideradas (MOTA, 1977, p. 29).

Acreditamos que o trecho de Mota fortalece nossa hipótese sobre a presença da descrição de um processo civilizador brasileiro no ensaio de Gilberto Freyre. Assim como Norbert Elias, que no livro *O processo civilizador* (1939) utiliza fontes pouco usuais na sociologia para compreender o processo de formação social e civilizatório da Europa. Talvez, ao menos em parte devido à influência simmeliana em, Freyre inova teórica e metodologicamente em *Casa-grande & Senzala*, apresentando uma grande contribuição para as análises histórico-sociológicas brasileiras:

Embora não se possa deixar de considerá-lo um ideólogo da “cultura brasileira” diga-se, a favor do Autor de *Casa-grande & Senzala*, que sua obra representava uma ruptura com a abordagem cronológica clássica, com as concepções imobilistas da vida social do passado (e do presente). Para o momento em que surgiu, *Casa-grande & Senzala* deslocava a importância de obras “antecipadoras” (MOTA, 1977, p. 29).

O ensaio *Casa-grande & Senzala* é um texto (um tanto acadêmico, outro tanto literário) antecipador de fenômenos sociais, assim como o romance de Herbert George Wells analisado por Norbert Elias no artigo *Como as utopias científicas e literárias podem influenciar o futuro?* (1982). O ensaio freyreano descreve a formação social, o nascimento da sociedade brasileira, constituída da miscigenação de ameríndios, europeus e africanos num processo de quatro séculos que formou um povo novo, forjado na exploração do território, na assimilação da maior parte dos nativos e na escravização do africano negro. É certo que Gilberto Freyre não se considerava sociólogo. Porém, *Casa-grande & Senzala* pode ser considerado um dos mais importantes ensaios sociológicos já produzidos, sendo objeto de muitas críticas – principalmente pelo seu viés (quase) literário, ou, melhor dizendo, por ser um livro emoldurado e acalentado por intensa imaginação literária. O feito de Gilberto Freyre é, na verdade, ainda maior, como salienta Anísio Teixeira no prefácio da primeira edição do livro *Sociologia*, de 1945:

[Freyre] não é apenas um mestre de Sociologia, mas, um criador de sociologia. *Casa-grande & Senzala* não tem – como ensaio de interpretação social – muitos companheiros no mundo. Gilberto Freyre se alinha com esse livro – para ficarmos apenas no mundo ibérico – ao lado dos Ortega y Gasset, como autor em quem a ciência, longe de limitar, amplia e projeta o gênio. Pensador original e escritor raro e de singular espessura, no sentido em que Gide usou o termo, sua obra, sem deixar de ser rigorosamente científica, eleva-se às alturas de obra de arte e de penetração filosófica (FREYRE, 1973, p. 8).

*Casa-grande & Senzala* é um ensaio sociológico, mas também, antropológico e histórico, pois seu conteúdo reconstrói as origens do povo brasileiro e apresenta o processo de formação da sociedade brasileira, essa que surge muito antes do Brasil enquanto nação. Nossa formação social possui muitas influências, e *Casa-grande & Senzala* é capaz de sintetizar a

maneira como essas influências distintas se fundem, se “miscigenam”, sintetizando também a forma como se deu o desdobramento do processo de formação que engendrou a sociedade brasileira atual. Essa característica processual é mais uma aproximação da obra freyreana com o processo civilizador proposto por Norbert Elias:

A transmissão dos modelos de uma unidade social a outra, ora do centro de uma sociedade para seus postos fronteiriços (como, por exemplo, da corte parisiense para outras cortes), ora na mesma unidade política e social como, por exemplo, na França ou Saxônia, de cima para baixo ou de baixo para cima, deve ser considerado, em todo o processo civilizador, como um dos mais importantes dos movimentos individuais (ELIAS, 1994, p. 116).

A aproximação teórica e metodológica que apontamos entre Gilberto Freyre e Norbert Elias demonstra duas questões muito caras ao nosso estudo: por um lado, como o ensaio freyreano descreve e propõe a formação social do Brasil; por outro, como a partir de tal formação se entrevê um processo civilizador singular, originado da produção e do oferecimento intelectual de uma utopia civilizacional.

#### 4. Gilberto Freyre e um processo civilizador brasileiro?

Antes de pensar a formação social do Brasil a partir da teoria de processo civilizador proposta por Norbert Elias, gostaríamos de apresentar brevemente como o sociólogo alemão formula sua teoria no livro *O processo civilizador – volume I: uma história dos costumes* (1939). Desenvolvida não como uma teoria geral da civilização, mas sim como uma teoria da civilização ocidental europeia (ELIAS, 1994a), a tese de Elias procurou descrever como se deu o processo de transformação do comportamento humano, buscando entender suas causas, reunir as intuições teóricas encontradas no caminho (ELIAS, 1994a) e, para isso, procurando mostrar a gênese da própria ideia de “civilização” que norteia sua teoria de processo civilizador europeu.

O sociólogo tratou das diferenças entre os conceitos alemães de *Kultur* (cultura) e *zivilisation* (civilização) (ELIAS, 1994a) e verificou as semelhanças entre o conceito alemão de *Kultur* e o francês de *civilisation* (civilização), demonstrando que possuíam o mesmo sentido social burguês (ELIAS, 1994a) de expressar um modo específico de comportamento (*civilité*) dessas duas sociedades – o que consistia em uma profunda mudança na vida psíquica dos indivíduos que, moderando seus costumes, pacificando as condutas e controlando os impulsos tanto nos espaços públicos quanto na intimidade dos espaços privados (ELIAS, 1993), que se tornaram ao longo do tempo o modelo de indivíduo civilizado.

Norbert Elias, para entender a *civilité* e como se deu esse processo civilizador, utiliza como uma das suas fontes de informação o tratado sobre etiqueta de autoria de Erasmo de Rotterdam intitulado *De civilitate morum puerilium* (1530) (Da civilidade em crianças).

Elias destaca a figura de Erasmo, pensador holandês, como introdutor da noção de civilizado (*civilité*) como uma forma de comportamento distinto por oposição ao popular ou vulgar. Erasmo seria muito importante para o estudo dessa problemática, dado que ele é uma típica figura da época de transição entre a Idade Média e o advento da sociedade cortesã” (SOUZA, 2001, p. 66).

Nesse curto tratado de Erasmo é exposta a perspectiva de indivíduo civilizado e também o conceito de civilização que refletia o processo de formação da autoimagem da classe alta burguesa europeia, cujo comportamento era baseado na sociedade da corte do século XVI.

A situação, a autoimagem e as características dessa sociedade encontram expressão no conceito de *civilité*. Este conceito recebeu seu cunho e função específicos aqui discutidos no segundo quartel do século XVI. Seu ponto de partida individual pode ser determinado com exatidão. Deve ele o significado específico adotado pela

sociedade a um curto tratado de autoria de Erasmo de Rotterdam, *De civilitate morum puerilium* (Da civilidade em crianças), que veio à luz em 1530 (ELIAS, 1994a, p. 68).

Vemos que o conceito de *civilité* utilizado por Norbert Elias, a partir do tratado de Erasmo para compreender o processo civilizador europeu, tinha uso e função bem específicos: representar um modo social de comportamento originado na sociedade da corte europeia do século XVI (ELIAS, 1994a), o que com o tempo se tornou sinônimo de comportamento civilizado.

Para Elias, processo civilizatório não significa o desabrochar de mudanças racionais e refletidas visando ao melhoramento da vida social. Antes disso, temos a necessidade dos setores mais abastados de se distinguir dos menos favorecidos de modo a se perceber legitimados na sua superioridade (SOUZA, 2001, p. 68).

Esse processo civilizador europeu é caracterizado, segundo Elias, pelo autocontrole dos comportamentos – do corpo, dos instintos, das compulsões externas e internas etc. (ELIAS, 1994a) – que, por sua vez, representava uma variedade de desenvolvimentos dos comportamentos sociais – das maneiras de agir, da tecnologia, da política e da economia etc. – da classe alta burguesa europeia em comparação aos demais membros de outras sociedades, para as quais essa classe demonstrava sua autoimagem de distinção diante de todos aqueles que julgavam mais simples ou mesmo bárbaros.

Partindo do tratado de Erasmo de Rotterdam, Norbert Elias procura observar as configurações sociais (ELIAS, 1994a) que possibilitaram que a ideia de civilização – no sentido francês de *civilisation*<sup>16</sup>(ELIAS, 1994a) – se tornasse o modelo de comportamento social ideal da sociedade europeia. Sua teoria de processo civilizador procura explicar como esses comportamentos foram internalizados, passando a fazer parte do “autocontrole” dos comportamentos sociais e modos de agir.

Em seu estudo da civilidade na Europa, ficou identificado que a “cidade” da época representava, mais ou menos, a “boa sociedade burguesa”, em contraste com a sociedade mais limitada da corte (ELIAS, 1994a). Assim, o homem urbano passa a ser visto como civilizado em oposição ao plebeu e ao camponês.

Segundo Norbert Elias, essa ideia de civilização descreve um processo e relaciona-se a algo que está em movimento constante, que se move incessantemente "para a frente" (ELIAS,

---

<sup>16</sup> “[...] o conceito francês de *civilisation* reflete o fato social específico da burguesia da nação exatamente como o conceito de *Kultur* reflete o alemão. O conceito de *civilisation* é inicialmente, como acontece com o de *Kultur*, um instrumento dos círculos de classe média - acima de tudo, da intelligentsia de classe média – no conflito social interno. Com a ascensão da burguesia, ele veio, também, a sintetizar a nação, a expressar a autoimagem nacional” (ELIAS, 1994a, p. 63-64).

1994a). Esse processo civilizador está em constante construção e é historicamente construído num movimento de internalização e controle dos gestos, das maneiras de sentir e se expressar, num cenário de autocontrole do comportamento e das atitudes das pessoas: “O comportamento à mesa, o costume de cuspir e assoar o nariz, o sono, a vida sexual, a agressividade etc. passaram a ser regulados de forma a servir de sinal de refinamento e civilidade” (SOUZA, 2001, p. 67).

A ideia de civilização nesse sentido engloba não só esse processo de autocontrole dos indivíduos em sociedade, pois o processo civilizador também representa o desenvolvimento dos conhecimentos, tanto científicos quanto das ideias religiosas e dos costumes (ELIAS, 1994a). Assim, a teoria de processo civilizador apresentada por Norbert Elias procura compreender as configurações sociais específicas de uma parte precisa da Europa que possibilitaram a internalização destas transformações sociais como *habitus*.

A teoria de processo civilizador leva em consideração as configurações sociais<sup>17</sup> (ELIAS, 1994b) de cada sociedade e o período temporal em que ocorrem as transformações sociais, sendo um processo sempre contínuo e de longa duração. Nesse processo, a ideia de civilização é vista como a expressão de um modelo de comportamento específico, que traduziu uma nova formação social referente a fatos – sociais, religiosos, técnicos, morais, políticos ou econômicos (ELIAS, 1994a) – ocorridos na Europa a partir do século XVI. Para entender esse modelo de sociedade civilizada europeu, Norbert Elias utiliza o tratado de Erasmo de Rotterdam, pois, segundo o autor, seu livro aborda um assunto bem simples:

[...] o comportamento de pessoas em sociedade - e acima de tudo, embora não exclusivamente, “do decoro corporal externo”. É dedicado a um menino Nobre, filho de príncipe, e escrito para a educação de crianças. Contém reflexões simples enunciadas com grande seriedade, embora, ao mesmo tempo, com muita zombaria e ironia, tudo isso em linguagem clara e polida e com invejável precisão. Pode-se dizer que nenhum de seus sucessores jamais igualou esse tratado em força, clareza e caráter pessoal (ELIAS, 1994a, p. 69).

O tratado de Erasmo de Rotterdam deu nova nitidez e força à palavra latina *civilitas*, que de forma intencional ou não, expressou uma ideia que atendia à necessidade social da alta burguesia europeia da época. Destarte, o conceito *civilitas* e seu derivado *civilité* deram origem à ideia de que daí em diante ficou gravada na consciência do povo com o sentido que

---

<sup>17</sup> “[...] é necessário um grande esforço de auto distanciamento para compreender que o ponto de partida para as explorações deste tipo não é o próprio indivíduo concebido como uma pessoa isolada, mas sim as formações sociais, configurações que são formadas por uma pluralidade de seres humanos, por outros e por nós próprios. Se tal for compreendido, a natureza do significado deixa de ser um mistério” (ELIAS, 1994b, p. 97).

recebeu no tratado de 1530 (ELIAS, 1994a), e que, a partir da teoria de processo civilizador, buscou-se entender como se deu essa interiorização de autocontrole dos instintos e das emoções que se expressam na ideia de homem civilizado.

Partindo desta compreensão do que é considerado civilização na teoria de processo civilizador de Norbert Elias, propomos neste capítulo a realização de uma análise do ensaio *Casa-grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre, a partir de duas perspectivas. A primeira: como um ensaio, nos relata as configurações sociais que permitiram um particular processo civilizador brasileiro; nesse sentido, procuramos identificar, assim como Elias, os processos de configurações sociais que permitiram o autocontrole do corpo, dos instintos e dos impulsos internos, de modo a verificar como ocorreu esse processo no Brasil colonial. A segunda: analisar o ensaio como uma literatura científica utópica propositora de um projeto de civilização cujo processo civilizador criou uma sociedade equilibrada sobre antagonismos.

#### 4.1. *Casa-grande & Senzala* e um novo processo civilizador

Lançado em 1933, *Casa-grande & Senzala* é considerado um marco para as ciências sociais brasileiras, uma vez que a teoria de formação do país apresentada por este ensaio “criou” a imagem do Brasil que repercute no imaginário social brasileiro – e mesmo além dele - até a atualidade. Sua proposta advoga que nosso país se constituiu como uma sociedade miscigenada equilibrada sobre antagonismos advindos de uma mistura étnico-racial e um “hibridismo cultural” sempre em conflito (PALLARES-BURKE, 2005), que, na perspectiva de Gilberto Freyre, forma a base da “civilização” brasileira.

Para entendermos o processo civilizador brasileiro no ensaio a partir da teoria de processos eliasiano, será necessário compreender o que Gilberto Freyre entenderia por civilização. No livro *Sociologia* (1945), Gilberto expõe “civilização” como:

Pois quem diz **cultura** ou **civilização** diz formas e processos e diz conteúdos, dos quais é certo que nem sempre podemos destacar ou desgrudar as formas e os processos, segundo o desejo de Simmel, sem destruir a vida do conjunto ou da totalidade. Nunca, entretanto, será demasia insistir no fato de que o objeto de estudo especial da Sociologia é antes o constituído pelas formas, funções e processos sociais e de cultura e pelas personalidades consideradas como agentes ou veículos de socialização e aculturação que pelos conteúdos temporais, regionais ou mesmo universais de tais formas ou personalidades (FREYRE, 1973, p. 143, destaque nosso).

Em relação à ideia de civilização exposta por Freyre parte da perspectiva simmeliana de interrelações, não haveria uma separação entre os indivíduos, o desenvolvimento cultural e a civilização, Gilberto vê, nesse sentido, o processo de civilização como uma totalidade em

que o encontro de culturas as “civilizam mutuamente”. Entretanto, ao ler *Casa-grande & Senzala* vemos que a ideia de civilização de Gilberto Freyre não está bem definida.

Verificaremos a seguir como Gilberto Freyre apresenta a formação social brasileira a partir da “hibridização cultural” entre europeu, ameríndio e africano no Brasil colonial, criando a imagem de país que permanece no imaginário nacional até a atualidade. Essa imagem social do Brasil apresentada em *Casa-grande & Senzala* descreve aquilo que o autor idealizava sobre a formação étnico-racial do país. Seu ensaio é embasado em muitas fontes pouco usuais nos estudos de ciências humanas do início do século XX, tais como: cartas de sesmarias, cartas jesuítas, correspondência da corte, cadernos, testamentos, inventários, assentos de batismo, processos matrimoniais, confissões e denúncias do Santo Ofício, livros de viajantes estrangeiros, romances brasileiros, crônicas, iconografia etc. (COELHO, 2007). Essas fontes trouxeram luz sobre o cotidiano da vida social, privada e sexual dos senhores de engenho nas casas-grandes, bem como sobre suas relações com os negros escravos das senzalas, servindo como ricas fontes de descrições do cotidiano colonial brasileiro:

De outras fontes de informações ou simplesmente de sugestões, pode servir-se o estudioso da vida íntima e da moral sexual no Brasil dos tempos de escravidão: do folclore rural nas zonas mais coloridas pelo trabalho escravo; dos livros e cadernos manuscritos de modinhas e receitas de bolo, das coleções de jornais, dos livros de etiqueta e finalmente do romance brasileiro, que nas páginas de alguns dos seus maiores mestres recolheu muito detalhe interessante da vida e dos costumes da antiga família patriarcal (FREYRE, 1973, p. 49).

Aqui gostaríamos de esclarecer um ponto importante de nossa análise. Não ignoramos o fato de que o ensaio *Casa-grande & Senzala* é criticado por idealizar a sociedade colonial brasileira a partir da organização social, política e econômica do sistema monocultor de cana-de-açúcar do nordeste, como bem nos alerta Amurabi Oliveira:

Por meio de uma multiplicidade de fontes, pouco usuais para o período, Freyre tenta reconstituir a formação do povo brasileiro, ainda que os críticos possam apontar para os limites de sua análise, que em última instância teria generalizado o Nordeste para o Brasil, ou mais ainda Pernambuco (Pallares-Burke, Burke, 2009). O que se torna evidente é que não houve a transposição de uma cultura europeia para os trópicos, mas sim a constituição de uma nova, que ele chamará de lusotropical, na qual o europeu parece, por vezes, um elemento secundário em relação ao africano (OLIVEIRA, 205, p. 169-168).

Podemos ver que a civilização brasileira da perspectiva de Gilberto Freyre tem forte influência da cultura africana. Contudo, como veremos também, há grande contribuição da cultura indígena. Com essas fontes reveladoras, *Casa-grande & Senzala* nos apresenta a formação social do Brasil Colônia, como baseada em relações pessoais desiguais e de

exploração da terra pela monocultura – de mão de obra primariamente indígena e depois escrava (negra africana).

Para entendermos a formação da sociedade brasileira a partir da perspectiva de um processo civilizador brasileiro é preciso levar em consideração sua distinção enquanto empreendimento colonial. Deste modo, é necessário questionar se a interpretação sociológica de Gilberto Freyre sobre a formação social do Brasil e sua singularidade cultural podem ser pensadas como um processo civilizador que se constituiu, historicamente, conforme o padrão de civilização ocidental apresentado por Norbert Elias (RODRIGUES, 2003) ou se, de forma distinta, ocorreu um processo civilizador “diferente” cujas características nos distanciariam do processo civilizador europeu eliasiano e, nesse sentido, não sendo possível, no segundo caso, pensar o processo de formação social brasileiro a partir da teoria de Norbert Elias.

Como nos lembra Gilberto Freyre: “A formação patriarcal do Brasil explica-se, tanto nas suas virtudes como nos seus defeitos, menos em termos de ‘raça’ e de ‘religião’ do que em termos econômicos, de experiência de cultura e de organização da família, que foi aqui a unidade colonizadora” (FREYRE, 2003, p. 36). É importante entender o processo de formação social do Brasil como um empreendimento colonial explorador que marca as relações iniciais entre o colono europeu e o território, bem como entender seu processo de constituição como sociedade e a configuração social do seu desenvolvimento civilizacional para pensarmos o processo civilizador brasileiro. Nesse sentido, é necessário destacar essa condição de colônia na qual nasce o Brasil.

*Casa-grande & Senzala* nos apresenta o período colonial brasileiro pela relação entre a casa-grande, que representa a elite branca europeia, e a senzala, que representa a “ralé” brasileira<sup>18</sup> (SOUZA, 2018), esta última abarcando negros, mestiços e indígenas que, mesmo sendo livres, viviam sob o julgo da casa-grande. Tais habitações, a Casa-grande e a senzala, são o “território” no qual se desenvolve a sociedade colonial brasileira do ensaio de Gilberto Freyre.

O Brasil é apresentado no ensaio por essas duas estruturas habitacionais: a casa-grande e a senzala, que representam a própria estrutura social da colônia, pois é nos seus espaços que a sociedade brasileira se constituiu. Contudo, a casa-grande, muito mais que a senzala, é o “palco” no qual se desenvolvem as relações sociais, afetivas, econômicas, religiosas, sexuais,

---

<sup>18</sup> “O que chamo, de forma provocativa, de ralé é precisamente a classe não apenas sem acesso aos capitais que propiciam a incorporação da moderna ideia de alma, ou seja, dignidade e realização expressiva, mas sem acesso até mesmo os pressupostos dessa incorporação” (SOUZA, 2018, p. 42).

familiares, políticas etc. da colônia, enfim, toda configuração social da formação da civilização brasileira:

A casa-grande, completada pela senzala, representa todo um sistema econômico, social, político: de produção (a monocultura latifundiária); de trabalho (a escravidão); de transporte (o carro de boi, o banguê, a rede, o cavalo); de religião (o catolicismo de família, com capelão subordinado ao paterfamilias, culto dos mortos etc.); de vida sexual e de família (o patriarcalismo polígamo); de higiene do corpo e da casa (o “tigre”, a touceira de bananeira, o banho de rio, o banho de gamela, o banho de assento, o lava-pés); de política (o compadrismo). Foi ainda fortaleza, banco, cemitério, hospedaria, escola, santa Casa de misericórdia amparando os velhos e as viúvas, recolhendo órfãos. Desse patriarcalismo, absorvente dos tempos coloniais a Casa-grande do engenho Noruega, em Pernambuco, cheia de salas, quartos, corredores, duas cozinhas de convento, despensa, capela, puxadas, parece-me expressão sincera e completa (FREYRE, 2003, p. 36).

Observamos que as casas-grandes e as senzalas se apresentam como *mimese*<sup>19</sup> (CARVALHO, 2019) da sociedade colonial, pois representam o local de sociabilidade, da relação senhorial entre o dono do latifúndio e o escravo, seja nas plantações de cana-de-açúcar e café, seja nas estâncias de charque -, como nos relata, por exemplo, Fernando Henrique Cardoso.

Os dados não permitem exagero algum na descrição do “mundo senhorial” gaúcho das áreas mais pobres. Luccock, com a experiência de comerciante, observara em 1808 a parcimônia da vida no extremo sul: “Ninguém que possua alguma experiência do mundo, e ignore os hábitos deste seu recanto especial, poderá fazer ideia de quão poucas são as necessidades que seu povo demonstra ter e quão generalizado é seu pouco caso pelo luxo”. Entretanto, apesar da rusticidade, havia sempre a casa do estancieiro e a choupana do escravo. A telha francesa simbolizava, em face da choupana de palha, a distância que estava mais solidamente marcada entre a varanda senhorial da Casa-grande e a senzala das plantações de açúcar ou café (CARDOSO, 2003, p. 167).

Isso demonstra que Gilberto Freyre não generaliza o Nordeste para todo Brasil – diferente do que apontaram seus críticos-. As casas-grandes e senzalas do Nordeste, assim como as casas dos estancieiros com suas telhas francesas e as choupanas de palhas dos escravos do Sul, representam, em nosso ponto de vista, a *mimese* da casa-grande e senzala do Brasil colonial: *mimese* que representa não só as configurações sociais do Nordeste, mas do Brasil como um todo, onde o “símbolo” da casa-grande e da senzala aparece como o espaço de representação da sociedade colonial brasileira.

Deste modo, o Brasil colonial relatado por Gilberto Freyre em seu ensaio nos traz um panorama de como se forjou o *habitus* do povo brasileiro, de como se deram as relações entre

---

<sup>19</sup> “*Mimese* é definida, tradicionalmente, como aquilo que opõe a representação artística às formas de reflexão teórica. Enfim, *mimese* e sua tradução latina, *imitatio*, estiveram no centro da prática artística e da reflexão ocidental por séculos, primeiro, como fundamento do processo criativo, depois, como alvo de crítica e refutação amplas” (CARVALHO, 2019, p. 17).

a casa-grande e a senzala, entre o europeu e os ameríndios e africanos escravizados, povos que marcaram a sociogenética<sup>20</sup> do brasileiro. Assim, as relações sociais se deram sempre na perspectiva de superiores sobre inferiores, num conflito equilibrado, ou seja, em uma sociedade colonial.

O Brasil Colônia estava submetido aos desígnios do reino de Portugal, como destaca Francisco Xavier Freire Rodrigues: “[...] vimos que em *Casa-grande e Senzala*, Freyre oferece uma explicação social e psicológica do sistema patriarcal brasileiro. A família aparece como unidade básica, isso obviamente graças à distância do Estado português” (RODRIGUES, 2003, p. 61). Ou seja, a sociedade brasileira se desenvolve sob uma estrutura patriarcal privada, baseada numa economia mercantilista e sem uma estrutura de Estado.

Na sociedade colonial onde os brasileiros viviam e conviviam, as decisões importantes – criação de leis, de impostos, de políticas econômicas, sociais etc. – sobre o destino do território colonial e de seus habitantes eram definidas pelo externo Estado metropolitano – o reino português. Assim, a ausência do Estado no Brasil, por conta de sua condição de colônia oprimida e explorada econômica e socialmente, permitiu o florescimento das relações domiciliares da casa-grande, na qual público e privado se confundem “[...] em grande medida pela inexistência de espaços públicos e privados bem definidos, onde os senhores dominavam toda a vida e os espaços coloniais, além da organização familiar a depender estritamente do poder patriarcal” (SOUZA, 2021, p. 08), dando origem ao patriarcalismo e ao patrimonialismo tão comuns na política brasileira.

Assim, a sociedade colonial era governada pelos colonos europeus brancos. Eles eram senhores de terras e engenhos, ocupavam as posições religiosas e os cargos administrativos coloniais, subjugando milhares de mestiços e indígenas – majoritariamente livres – e escravizando os africanos negros, a quem infligiam toda sorte de violências –, formando a base da sociedade explorada e oprimida pelo sistema colonial.

Como vemos, o espaço da casa-grande apresentado por Gilberto Freyre é onde se expressa todo ambiente social do Brasil Colônia: aquilo que nas sociedades organizadas em Estados estaria representado no espaço público e no cotidiano social das cidades, no sistema colonial brasileiro se expressa no espaço privado da casa-grande. Assim, o latifúndio privado

---

<sup>20</sup> “Embora não se referindo aos textos de Elias, Conrad Hal Waddington preferiu o termo chave “sociogenético” de Elias para descrever o mecanismo cumulativo de aprendizagem social: ‘Psicossocial’ é um termo de Huxley. Na minha opinião, ele sofre de alguma redundância, porque o social só dificilmente pode evitar ser psicológico. Prefiro usar ‘sociogenético’ que acentua a importância do mecanismo como meio de transmitir informação de uma geração a outra, o que é o ponto crucial” (KILMINSTER apud ELIAS, 1994b, p. xviii).

com sua casa-grande representa todo um sistema econômico e de produção (a monocultura) no qual o trabalho era realizado por uma mão de obra majoritariamente não remunerada (escrava), contando com todo um sistema social e político que estava a serviço dos interesses do senhor de engenho, criando um ambiente marcado por compadrio e patriarcalismo no qual o público e o privado coexistiam em simbiose.

Além da casa-grande e da senzala, outro elemento importante da configuração social colonial brasileira apresentado no ensaio é a religião portuguesa no processo de colonização, marcado por uma organização social mais centrada na religiosidade cristã católica em detrimento de uma ideia de civilidade eurocêntrica.

Gilberto Freyre dá destaque para a contribuição das missões católicas na formação social do Brasil colonial afirmando que na América portuguesa do século XVI ninguém era impedido de entrar na colônia: “[...] o que era preciso é que fosse católico-romano ou aqui se desinfetasse com água benta de heresias pestíferas. Que se batizasse. Que professasse a fé católica, apostólica, romana” (FREYRE, 2003, p. 277). A própria origem das casas-grandes enquanto centros das relações sociais da colônia, em sua estrutura patriarcal, seria uma herança das missões religiosas jesuítas e franciscanas:

Não me parece inteiramente com a razão José Mariano Filho ao afirmar que a nossa arquitetura patriarcal não fez senão seguir o modelo da religião, aqui desenvolvida pelos jesuítas – os inimigos terríveis dos senhores de engenho. O que a arquitetura das casas-grandes adquiriu dos conventos foi antes certa doçura e simplicidade franciscana. Fato que se explica pela identidade de funções entre uma casa de senhor de engenho e um convento típico de frades de São Francisco (FREYRE, 2003, p. 37).

Fica claro, ao ler *Casa-grande & Senzala*, que Gilberto Freyre é um crítico das missões jesuítas devido ao seu catolicismo mais ortodoxo, pelo fato de serem os seus padres verdadeiros emissários da moralidade cristã europeia advinda de uma doutrina intelectual elitista; de outro lado, encontramos o elogio aos franciscanos, conforme afirmado por Ricardo Benzaquen: “embora discreto, o louvor aos franciscanos, sempre que aparecem em *Casa-grande & Senzala*, são saudados com algum comentário de natureza extremamente positiva” (ARAÚJO, 1994, p. 77).

A crítica de Gilberto Freyre aos jesuítas provém da importância que o autor dá para a miscigenação cultural (mais que racial) ocorrida no Brasil, o que subentende o elogio ao contato entre as pessoas em suas relações sexuais, ao contrário do que ocorria nas escolas de catequese jesuítas, que procuravam manter os indígenas afastados da sociedade que os cercava, pois “queriam os padres fundar no Brasil uma santa república de índios domesticados

para Jesus” (FREYRE, 2003, p. 85), já que pretendiam uma colonização teocrática marcada por um clericalismo intelectual, o qual se chocou, na visão de Gilberto Freyre, com o oligarquismo e o nepotismo aqui estabelecidos em meados do século XVI (FREYRE, 2003). Esse ideário jesuíta de colonização, segundo a lógica freyreana, atrapalhava o processo de miscigenação e hibridização cultural que o autor tanto valorizava.

A preferência freyreana pela catequese franciscana se origina do fato de que “Gilberto não hesita em indicá-los como aqueles que melhor se desincumbiram a tarefa de evangelizar os índios do Brasil, lamentando profundamente a sua substituição pelos jesuítas” (ARAÚJO, 1994, p. 77). Na visão de Freyre, os franciscanos foram mais dedicados ao trabalho manual e possuíam um amor pela natureza que fez com que os indígenas se beneficiassem mais de sua orientação e catequese, sendo essas mais voltadas para questões técnicas e práticas (FREYRE, 2003), que valorizaram a simplicidade do modo como os índios estabeleciam sua relação com o mundo natural em que viviam, diferentemente do que ocorrera com os jesuítas.

Para Gilberto Freyre, a colonização portuguesa do Brasil tomou desde cedo um rumo de formação social diferente da sociedade teocrática idealizada pelos jesuítas (FREYRE, 2003). Entretanto, o autor não deixa de reconhecer as contribuições dos jesuítas para a formação da sociedade colonial: “Apesar de tudo, porém, acredito que, segundo Gilberto, foram de fato os paulistas e os jesuítas aqueles que contribuíram de forma mais ativa e positiva, ao lado da casa-grande, para a consolidação da unidade nacional” (ARAÚJO, 1994, p. 92). Além disso, mesmo a estrutura patriarcal da sociedade colonial seguiu o modelo religioso desenvolvido pelos jesuítas (FREYRE, 2003), o que demonstra como a configuração social colonial tem na religiosidade um importante aspecto de formação do *habitus* brasileiro.

Não só na formação social brasileira houve influência do catolicismo jesuíta e franciscano, mas também na própria arquitetura das casas-grandes: “A arquitetura jesuítica e de igreja foi, não há dúvida, [...] a expressão mais alta e erudita de arquitetura no Brasil colonial que influenciou a construção da casa-grande” (FREYRE, 2003, p. 37). Já a contribuição franciscana na arquitetura das casas-grandes vem da doçura e simplicidade dos conventos franciscanos, o que explica a identidade e as funções similares entre uma casa de senhor de engenho e um convento típico de frades de São Francisco (FREYRE, 2003).

A casa-grande e a família patriarcal, no ambiente colonial, formavam a configuração social que dá origem à “civilização brasileira”. Como nos lembra Fernando Henrique Cardoso, todo esse sistema social tem na casa-grande e na senzala a sua representação:

Latifúndio e escravidão, casa-grande e senzala eram, de fato, pilares da ordem escravocrata. Se nosso autor tivesse ficado só nisso seria possível dizer que outros já

o haviam feito e com mais precisão. É no ir além que está a força de Gilberto Freyre. Ele vai mostrando como, no dia a dia, essa estrutura social, que é fruto do sistema de produção, se recria. É assim que a análise do nosso antropólogo sociólogo historiador ganha relevo. As estruturas sociais e econômicas são apresentadas como processos vivenciados. Apresentam-se não só situações de fato, mas pessoas e emoções que não se compreendem fora de contextos. A explicação de comportamentos requer mais do que a simples descrição dos condicionantes estruturais da ação. Essa aparece no livro como comportamento efetivo e não apenas como padrão cultural (CARDOSO, 2003b *apud* FREYRE, 2003, p. 21).

A sociedade colonial brasileira é germinada numa configuração social e econômica que se configura num sistema de exploração de monoculturas e matérias-primas baseadas na mão de obra escrava africana, sendo que a estrutura econômica se fazia sentir nas relações entre as casas-grandes e as senzalas.

Nesse sentido, Gilberto Freyre não faz apenas uma mera apresentação ou explicação das estruturas ou configurações sociais e dos comportamentos sociais, faz também uma descrição do comportamento efetivo das ações práticas do cotidiano dos indivíduos em sociedade, que não podem ser entendidas fora do contexto colonial, ou seja, fora de uma configuração social específica do período histórico da formação colonial do Brasil.

O Brasil colonial se desenvolveu a partir das relações existentes entre as casas-grandes e as senzalas, cujas interações sociais têm na casa-grande o ambiente de desenvolvimentos das relações sociais – como vimos, a casa-grande funcionava como hospital, asilo, hospedaria, escola etc. (FREYRE, 2003), abarcando todas as atividades da sociedade colonial, por sua vez baseada numa estrutura familiar e patriarcal.

A sociedade colonial brasileira se forma a partir dessas relações desiguais, tendo no senhor de engenho um déspota que possui o controle sobre a vida de todos ao seu redor, pois ele incorpora a figura do “Estado” em sua casa-grande, a exemplo dos senhores feudais no período medieval europeu: “A força concentrou-se nas mãos dos senhores rurais. Donos das terras. Donos dos homens. Donos das mulheres. Suas casas representam esse imenso poderio feudal” (FREYRE, 2003, p. 37). Assim, para entender as configurações sociais do Brasil colônia e discutir um processo civilizador brasileiro a partir do ensaio *Casa-grande & Senzala*, torna-se necessário problematizar a formação da sociedade colonial apresentada nessa obra.

Nesse sentido, cabe destacar que a visão esboçada por Gilberto Freyre neste ensaio sofreu muitas críticas. Muitas vezes, seus críticos não foram generosos com o autor, tecendo duras afirmações acerca de sua proposta de “confraternização das raças” e sua exaltação da miscigenação; e mesmo os que foram generosos, como Darcy Ribeiro, não deixaram de

mostrar suas contradições e o seu conservadorismo (CARDOSO, 2003). Apesar de ter escrito seu ensaio com rigor científico, o trabalho de Freyre não deixou de expressar idealizações e utopias que não passaram despercebidas e foram igualmente muito criticadas.

Gilberto Freyre, devido à sua orientação para uma antropologia cultural advinda das formulações de Franz Boas, não deixa de pensar as relações entre os povos europeus, ameríndios e africanos no território brasileiro partindo do conceito de raça. Compreender esse deslocamento da ideia de raça para a ideia de cultura é primordial para entendermos a configuração social exposta por Freyre em seu ensaio.

Iniciando pelo indígena que vivia no continente americano antes da chegada do colonizador europeu, Gilberto Freyre, no seu ensaio, considera que os povos ameríndios organizados na América Central e andina eram menos desenvolvidos que os europeus e os qualifica como “semicivilizados”; certamente, esse termo deriva de uma abordagem êmica de civilização originada de uma visão eurocêntrica. Assim, o autor considera que as populações indígenas brasileiras não eram sequer semicivilizadas, mas primitivas e sem cultura:

O estudo realizado entre as sociedades primitivas da América, em torno dos valores de cultura desigualmente acumulados nas várias partes do continente – acumulação que, elevando-se em semicivilizações no centro, achata-se em grande pobreza de relevo, na região da floresta tropical para estender-se ainda mais rente com o solo na Patagônia – deixa grande parte da população indígena do Brasil nessas duas áreas menos favorecidas. Apenas às margens, como em Marajó, verificam-se expressões mais salientes de cultura. Resultado, naturalmente, do contágio com o centro da América (FREYRE, 2003, p. 369).

Certamente há na abordagem de Gilberto Freyre um certo viés êmico em sua noção de civilização, marcadamente europeia, e mesmo seu conceito de cultura, nesse trecho acima citado, se demonstra vinculado a uma ideia de cultura no sentido de civilização europeu e em detrimento de uma cultura ameríndia, a ponto de afirmar que só na região amazônica havia “expressões mais salientes de cultura” (FREYRE, 2003 p. 369) nessas populações, o que é creditado a um contato com as semicivilizações da América Central. Em *Casa-grande & Senzala*, encontramos o autor tratando de “civilizações indígenas” (FREYRE, 2003, p. 159) e “civilizações asiáticas e africanas” (FREYRE, 2003, p. 339). Porém, quando fala em civilização, sempre se refere ao sentido de civilização europeu. Notamos, portanto, em Freyre, uma tensão, uma ambiguidade quanto ao termo “civilização”, que oscila entre suas versões ética e êmica.

Freyre nos relata que mesmo resistindo duramente ao domínio do europeu mais adiantado, seus valores e cultura nativos foram despedaçados e dissolvidos por serem considerados perigosos para o cristianismo e desfavoráveis à exploração das suas grandes

riquezas minerais – depois de destruídos, sobre seus estilhaços os espanhóis estabeleceram seu sistema colonial de exploração e de cristianização (FREYRE, 2003).

Do outro lado, ao discorrer sobre a colonização portuguesa, Gilberto Freyre adjectiva os ameríndios brasileiros como um “bandos de crianças grandes; com uma cultura verde e incipiente; ainda na primeira dentição; sem os ossos nem o desenvolvimento nem a resistência das grandes semicivilizações americanas” (FREYRE, 2003, p. 158), considerando o fato de os indígenas do Brasil não dominarem a metalurgia e serem em maioria nômades, classificando a resistência do ameríndio brasileiro ao invasor português, mesmo pouco numeroso, como uma “resistência vegetal”, quase como mero auxiliar da floresta.

Nesse sentido, na visão de Gilberto Freyre, não houve da parte dos nativos brasileiros a capacidade técnica ou política de reação (FREYRE, 2003) que encorajasse o português a uma política de extermínio como a seguida pelos espanhóis na América central e andina, o que fez com que o português “confraternizasse” com o nativo e tirasse proveito deste contato para exploração da floresta tropical.

O explorador português, ao conquistar o ameríndio brasileiro, logo foi contemporizando com o nativo, utilizando os homens como mão de obra para o trabalho e, principalmente, para a guerra de conquista dos sertões e o desbravamento do mato virgem; as mulheres foram utilizadas para geração de mestiços e formação de família (FREYRE, 2003), criando aqui uma sociedade híbrida desde seu início, de forma harmoniosa quanto às relações de raça (FREYRE, 2003), num ambiente de quase reciprocidade cultural que resultou no aproveitamento dos valores e experiências dos povos nativos pelo português, obtendo, em contrapartida, uma desintegração de valores nativos pelo processo de catequese e cristianização.

A moralidade colonial brasileira, segundo Gilberto Freyre, se constrói a partir da moralidade cristã católica, pois os primeiros colonos que vieram para o Brasil eram indivíduos degredados, cristãos-novos, traficantes normandos de madeira abandonados dos navios, que acabavam por vezes tomando gosto pela vida desregrada de “intemperança libidinosa” no meio de mulheres fáceis, se entregando à luxúria (FREYRE, 2003), se amasiando com as indígenas e adotando seus modos considerados primitivos.

A crítica de Gilberto Freyre à moral do catolicismo jesuíta residia no fato dessa moral se opor ao catolicismo das casas-grandes, catolicismo que fora amolecido por influências pagãs de tendências voltadas para a poligamia maometana: “A Casa-grande venceu no Brasil a Igreja nos impulsos que esta, a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o

jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho. O verdadeiro dono do Brasil. Mais do que os vice-reis e os bispos” (FREYRE, 2003, p. 38). Gilberto Freyre exhibe uma preferência pela ação catequizadora dos franciscanos sobre os indígenas em detrimento da ação dos jesuítas que, como mencionado, considera intelectualizada e elitista.

Mesmo crítico do ideal jesuíta de sociedade e elogioso da catequização franciscana, Gilberto Freyre não deixa de reconhecer a contribuição da igreja católica para a consolidação da sociedade colonial na estrutura das casas-grandes. A formação social brasileira teria, nessa relação entre igreja, colono, indígenas e negros africanos escravizados a configuração que deu origem à sociedade brasileira.

Sobre a cultura indígena na formação social do Brasil, Gilberto Freyre dedica um capítulo para falar de sua contribuição para a formação da família brasileira, analisando a relação dos indígenas com os negros e os portugueses, a influência que exerceram sobre nossa cultura, sem deixar de destacar os estereótipos que criaram o mito do índio preguiçoso. O mito deve-se ao fato de o ameríndio brasileiro não ter se adaptado ao trabalho escravo que o explorador português europeu tentou impor, pois os nativos, conhecendo o território, acabavam fugindo do cativo ou resistindo ao invasor, o que levou a vários conflitos entre indígenas e portugueses.

Se o português teve dificuldade para utilizar o índio para o trabalho escravo, de outro lado Gilberto Freyre considera que a volúpia dos colonos, “indivíduos, soltos sem família, no meio da índia nua, vinha servir a poderosas razões de Estado no sentido de rápido povoamento mestiço da nova terra” (FREYRE, 2003, p. 167). Essa miscigenação do colono português com as índias consideradas promíscuas (FREYRE, 2003) é uma controvérsia no ensaio *Casa-grande & Senzala*, pois o autor expõe que essa relação se deu de uma forma amena, como se tivesse havido uma “confraternização” (FREYRE, 2003), o que faz parecer que não houve violência nessa relação, considerando que existiria, por parte da índia, um prazer masoquista com o homem branco europeu: “O furor femeeiro do português se terá exercido sobre vítimas nem sempre confraternizantes no gozo; ainda que se saiba de casos de pura confraternização do sadismo do conquistador branco com o masoquismo da mulher indígena ou da negra” (FREYRE, 2003, p. 113). Essa controvérsia não se dá somente com a indígena, pois, como observamos, ele cita também a mulher negra, reforçando que essa ideia de confraternização é uma das bases do seu conceito de antagonismo equilibrado ao considerar que, mesmo em conflito, o europeu e os nativos se misturaram; mesmo havendo

violência, na perspectiva freyreana ela era “aceita” pela “nativa masoquista” e pela negra escravizada.

O ameríndio relatado por Gilberto Freyre, ao que parece contribuiu pouco para o processo civilizador brasileiro. Mesmo escrevendo um capítulo inteiro sobre os indígenas, o autor revela que, em comparação, o negro era considerado mais forte e habituado ao trabalho.

A civilização indígena no relato de Gilberto Freyre é considerada, dentro de uma abordagem êmica eurocêntrica, como “incivilizada”, de modo que as principais influências do nativo na formação social do Brasil viriam da miscigenação entre o homem europeu e a mulher indígena, pois foi por meio dessa miscigenação que se multiplicou a reduzida população de povoadores europeus, o que enriqueceu a vida no Brasil através da educação dada por esta mãe índia aos seus filhos mestiços. Isso trouxe uma contribuição relevante para a formação do *habitus* brasileiro, pois é daí que surge a base física da família brasileira (FREYRE, 2003), origem dos mais valiosos elementos da cultura nacional. Foi da mãe índia, por exemplo, que o brasileiro herdou o consumo de uma série de alimentos e plantas medicinais ainda hoje em uso: “de drogas e remédios caseiros, de tradições ligadas ao desenvolvimento da criança, de um conjunto de utensílios de cozinha, de processos de higiene tropical” (FREYRE, 2003, p. 163). Lembremos, ainda, o hábito de banhos diários, prática indígena incomum aos europeus:

“Da cunhã é que nos veio o melhor da cultura indígena. O asseio pessoal. A higiene do corpo. O milho. O caju. O mingau. O brasileiro de hoje, amante do banho e sempre de pente e espelinho no bolso, e o cabelo brilhante de loção ou de óleo de coco, reflete a influência de tão remotas avós (FREYRE, 2003, p. 163).

Se a mulher índia foi a origem de muitos hábitos alimentares e de higiene, o homem índio contribuiu para a adaptação do português ao clima tropical, pois foi desse contato que o colono se apropriou de técnicas de caça e pesca, do cultivo da mandioca, do tabaco e da coca e, em menor extensão, do milho, do inhame ou cará, do jerimum e da pimenta (FREYRE, 2003). Nesse relato vemos que Gilberto Freyre, mesmo tendo uma abordagem europeia de civilização (portanto, êmica), acaba por apresentar igualmente uma leitura ética da civilidade indígena.

Neste sentido, o ameríndio também civilizou o europeu ao ensinar como viver e se portar no ambiente tropical, e diferente de ter se “incivilizado” como faz crer o relato freyreano, o português, em certo sentido, se desciviliza emicamente para civilizar-se eticamente pelo nativo ao chegar na colônia. Assim sendo, a contribuição dos nativos para

formação da sociedade brasileira foi muito além da miscigenação que ajudou no povoamento da colônia.

A noção de civilização apresentada em *Casa-grande & senzala*, como já adiantamos aqui, é profundamente ambígua, contraditória, uma vez que ora pende para sua dimensão êmica, ora abraça sua dimensão ética, esta última, sim, que permitiria ler em Freyre uma possibilidade de processo civilizador nos termos de Norbert Elias. Partindo desta perspectiva, a qualidade dos primeiros colonos que aqui desembarcaram favorecia essa “descivilização”, pois eram classificados como indivíduos “aventureiros, degredados, cristãos-novos fugidos à perseguição religiosa, náufragos, traficantes de escravos, de papagaios e de madeira” (FREYRE, 2003, p. 81), dispostos a empreender uma regulação civilizatória êmica dos nativos. Porém, esses não foram o tipo de colono que predominou na colonização do Brasil, pois esse povoamento irregular durou pouco e não chegou a definir o sistema colonizador (FREYRE, 2003).

O colonizador português predominante no relato freyreano não é tão branco, pois, antes de aportar no que viria a ser o Brasil, já possuía uma inclinação para a miscigenação, uma vez que possuía uma formação híbrida, com grandes influências mouras e judias, indeciso entre a Europa e norte de África (FREYRE, 2003). Este colonizador cosmopolita de origem semita, possuidor de certa mobilidade e plasticidade, favoreceu uma adaptabilidade tanto social quanto física para se miscigenar, colonizando e povoando o Brasil, “confraternizando” primeiramente com as índias e depois com as negras escravizadas.

(...) os europeus e seus descendentes tiveram, entretanto, de transigir com índios e africanos quanto às relações genéticas e sociais. A escassez de mulheres brancas criou zonas de confraternização entre vencedores e vencidos, entre senhores e escravos. Sem deixarem de ser relações – as dos brancos com as mulheres de cor – de “superiores” com “inferiores” e, no maior número de casos, de senhores desabusados e sádicos com escravas passivas, adoçaram-se, entretanto, com a necessidade experimentada por muitos colonos de constituírem família dentro dessas circunstâncias e sobre essa base. A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a Casa-grande e a mata tropical; entre a Casa-grande e a senzala (FREYRE, 2003, p. 33).

Se o colonizador português era plástico e cosmopolita, não foi este um vetor civilizador ético da vida na colônia, pois no relato freyreano estes se entregaram desenfreadamente aos apetites sexuais (FREYRE, 2003), sucumbindo à “depravação” da mulher indígena e se misturando. O colonizador português idealizou na nativa:

[...] à figura da moura-encantada, tipo delicioso de mulher morena e de olhos pretos, envolta em misticismo sexual – sempre de encarnado, sempre penteando os cabelos ou banhando-se nos rios ou nas águas das fontes mal-assombradas - que os colonizadores vieram encontrar parecido, quase igual, entre as índias nuas e de

cabelos soltos do Brasil. Que estas tinham também os olhos e os cabelos pretos, o corpo pardo pintado de vermelho, e, tanto quanto as nereidas mouriscas, eram doidas por um banho de rio onde se refrescasse sua ardente nudez e por um pente para pentear o cabelo. Além do que, eram gordas como as mouras. Apenas menos ariscas: por qualquer bugiganga ou caco de espelho estavam se entregando, de pernas abertas, aos “caraíbas” gulosos de mulher (FREYRE, 2003, p. 71).

Se o colono português não contribuiu para o processo civilizador de controle dos instintos e dos modos de agir que caracteriza o processo civilizador eliasiano, contribuiu, todavia, com o povoamento da colônia, se misturando com as nativas e posteriormente com as africanas escravizadas na ação procriadora e *sifilizadora* (FREYRE, 2003). A sífilis não foi apenas uma doença venérea que assolou o colonizador e contaminou o nativo e o africano escravizado, “pois um ou outro chegou sifilizado, mas é preciso notar que o negro se sifilizou no Brasil” (FREYRE, 2003, p. 399). A doença se tornou, de toda forma, uma marca da sociedade colonial. Antes de um processo civilizador, *Casa-grande & Senzala* nos relata um “processo *sifilizador*”, pois o processo de civilização é apresentado conjuntamente com a disseminação da doença:

À vantagem da miscigenação correspondeu no Brasil a desvantagem tremenda da “sifilização” [...], a civilização e a sifilização andam juntas: o Brasil, entretanto, parece ter-se sifilizado antes de se haver civilizado. Os primeiros europeus aqui chegados desapareceram na massa indígena quase sem deixar sobre ela outro traço europeizante além das manchas de mestiçagem e de sífilis. Não civilizaram: há, entretanto, indícios de terem sifilizado a população aborígine que os absorveu (FREYRE, 2003, p. 110).

O africano trazido escravizado para a América portuguesa ainda na segunda metade do século XVI trouxe, na perspectiva de processo civilizador brasileiro, importantes contribuições. Gilberto Freyre apresenta o africano negro em *Casa-grande & Senzala* como indivíduo de superioridade técnica e de “cultura mais elevada” (FREYRE, 2003) que a dos nativos ameríndios por considerar que os negros possuíam uma “predisposição biológica e psíquica para a vida nos trópicos” (FREYRE, 2003, p. 370), dotados de uma cultura material e moral de estoques mais adiantados que a dos ameríndios: os negros escravizados se revelaram “melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil. Às vezes melhor que os portugueses” (FREYRE, 2003, p. 370).

Nesse sentido, os negros, mais que os portugueses, possuíam maior adaptabilidade para regiões quentes, com energia sempre fresca e nova quando em contato com a floresta tropical (FREYRE, 2003). Por todos esses traços, os negros africanos tiveram mais condições de concorrer para tornarem-se “verdadeiros donos da terra” (FREYRE, 2003, p. 370). Sendo assim, o africano foi um agente civilizador que contribuiu para a formação social do Brasil

mais que o nativo ameríndio - o que não significa afirmar que este último tenha sido completamente anulado do processo civilizador nacional os termos propostos por Freyre.

Essa superioridade cultural dos africanos atribuída por Gilberto Freyre, tem uma abordagem ética de civilização, pois a considera mais “próxima” de uma civilidade europeia, e surge do fato que eles eram oriundos da região da Guiné, de culturas Ioruba e Nagô, nações africanas que possuíam economia agrícola e dominavam o trabalho de metais (como o ferro, por exemplo), além de possuírem uma indústria pastoril baseada na criação de gado pelo uso de bois no transporte de fardos e na domesticação, na utilização de numerosos animais – vaca, cabra, carneiro, camelo, porco, galinha e cachorro. Tratava-se de uma organização social influenciada pelo islamismo (FREYRE, 2003), de uma cultura mais elevada e superior, na visão do autor, não somente à cultura dos indígenas, mas também da grande maioria dos colonos brancos brasileiros.

Nesse sentido, o africano negro escravizado no Brasil apresentado no ensaio *Casa-grande & Senzala* foi um elemento de ligação, um mediador plástico entre indígenas, europeus e a Igreja (FREYRE, 2003). O africano não exerceu somente esse papel de mediação, mas também teve a função original e criadora de transmitir à sociedade brasileira em formação valiosos elementos da cultura e da técnica africanas, podendo-se afirmar que, numa perspectiva de processo civilizador brasileiro, o negro africano foi um agente civilizador ético da sociedade brasileira:

Pode-se aliás generalizar dos negros fugidos, internados nas matas e nos sertões, que desempenharam todos uma útil função civilizadora: quase sempre elevando a cultura das populações indígenas, raramente deixando-se achatar ou degradar por elas. Diante dos caboclos os negros foram elemento europeizante, ação civilizadora dos escravos fugidos (FREYRE, 2003, p. 391).

O Brasil não se limitou a recolher da África somente gente preta para exploração de mão de obra escravizada para o trabalho nos canaviais e cafezais. Importou também técnicos para as minas de ouro e diamante, artífices em ferro, negros entendidos na criação de gado e na indústria pastoril, comerciantes de panos e sabão, mestres e sacerdotes maometanos (FREYRE, 2003), além de donas de casa para seus colonos sem mulher branca. As negras utilizadas como escravas domésticas dominaram a cozinha, concorrendo para o processo de africanização da dieta de brancos e indígenas (FREYRE, 2003). Nesse sentido, os negros africanos escravizados no Brasil, longe de terem sido apenas escravos utilizados como operários de enxada e animais de carga a serviço da agricultura, desempenharam uma função civilizadora na colônia.

Se o índio contribuiu menos enquanto agente civilizador ético na perspectiva apresentada por Gilberto Freyre, o negro africano teve grande importância para a formação da sociedade colonial brasileira e seu processo civilizador. Já os missionários católicos jesuítas chegaram na colônia com o objetivo explícito de civilizar<sup>21</sup> o nativo e disciplinar o colono europeu.

Das quinze ali classificadas parecem-nos que nove, pelo menos, caberiam, em um ajuste das responsabilidades europeias na degradação da raça e da cultura indígena no Brasil, ao sistema civilizador dos jesuítas. 1) a concentração dos aborígenes em grandes aldeias (medida por que muito se esforçaram os missionários no Brasil); 2) vestuário à europeia (outra imposição jesuítica aos catecúmenos); 3) segregação nas plantações; 4) obstáculo ao casamento à moda indígena; 5) aplicação de legislação penal europeia a supostos crimes de fornicação; 6) abolição de guerras entre as tribos; 7) abolição da poligamia; 8) aumento da mortalidade infantil devido a novas condições de vida; 9) abolição do sistema comunal e da autoridade dos chefes (acrescentemos: da autoridade dos pajés, mais visados que aqueles pela rivalidade religiosa dos padres e mais importantes que os morubixabas) (FREYRE, 2003, p. 179-180).

Se há como pensar, no sentido eliasiano, um processo civilizador numa abordagem êmica de civilização presente no relato da formação social do Brasil no ensaio *Casa-grande & Senzala*, o agente desse processo foi a igreja católica. As missões jesuítas tinham o objetivo não só de cristianizar os gentios ameríndios, mas de civilizá-los no modelo europeu de civilização – conceito que inclui a função de dar expressão a uma tendência continuamente expansionista de grupos colonizadores (ELIAS, 1994a). Os missionários jesuítas tiveram a incumbência de “levar a civilização” numa “ofensiva civilizadora”<sup>22</sup> e o cristianismo para o indígena americano.

[...] salientaremos mais adiante o papel que representou em momento, se não dramático, decisivo, de contato entre as duas culturas, a europeia e a indígena; quer como veículo civilizador do missionário católico junto ao gentio, quer como o conduto por onde preciosa parte de cultura aborígene escorreu das tabas para as “missões” e daí para a vida, em geral, da gente colonizadora (FREYRE, 2003, p. 198).

As missões jesuítas prezaram principalmente pela catequese do curumim (crianças), sendo que sua atenção se voltou para os meninos indígenas, na crença de que os padres

---

<sup>21</sup> “Civilizar”, aqui, não é utilizado no sentido eliasiano, mas numa acepção de acordo com a própria perspectiva colonizadora europeia, significando mais dominação que controle dos impulsos. Ao nosso ver, Freyre contrapõe duas noções de civilização: uma, eurocêntrica, i.e., adotada pelos próprios europeus numa abordagem êmica e implicando a domesticação dos colonizados; a outra mais ao feitio de Norbert Elias, justamente para descrever o processo social de formação do Brasil, a marcar, assim, a gênese de uma outra civilização no sentido ético.

<sup>22</sup> O conceito útil de “ofensiva civilizadora” concentra-se mais nos “planos que surgem” do que nos resultados “não planejados” e “sem propósito”. (tradução nossa). Original: The useful concept of ‘civilizing offensive’ thus focuses more on the ‘plans arising’ than on the ‘unplanned’ and ‘purposeless’ outcomes. (MENNELL, 2015, p. 01)

poderiam os dominar a fim de dissolver todos os valores nativos que estivessem em conflito com a teologia e a moral da Igreja católica (FREYRE, 2003). A Companhia de Jesus adotou um sistema de educação e catequese que consistia num intenso processo de doutrinação no qual os padres afastavam os meninos de sua aldeia, levando-os para escolas em regime de internato onde sua educação era conjunta com os filhos dos colonos europeus, em um espaço que favorecia a “confraternização das raças” (FREYRE, 2003): tendo educado em pé de igualdade nos seus colégios o menino indígena e o filho do colono europeu num ambiente de troca no colégio.

Terá sido assim a vida nos colégios dos padres, um processo de coeducação das duas raças – a conquistadora e a conquistada: um processo de reciprocidade cultural entre os filhos da terra e meninos do reino. Terão sido os pátios de tais colégios um ponto de encontro e de amalgamento de tradições indígenas com as europeias; de intercâmbio de brinquedos; de formação de palavras, jogos e superstições mestiças (FREYRE, 2003, p. 224).

Os curumins educados nos colégios jesuítas foram tornados figuras desligadas das tradições morais e da cultura nativa pelo isolamento do internato, tendo tido uma educação de cultura e civilização europeias, tornando as crenças e superstições da sua própria cultura e dos seus pais ridícula aos seus olhos. Para isso, os jesuítas utilizavam métodos de ensinamentos rígidos, de disciplina dos modos, costumes e comportamento para civilizar as crianças. Estas, depois, ao retornarem para suas comunidades, ensinariam os modos e comportamentos civilizados aos adultos: “O processo civilizador dos jesuítas consistiu principalmente nesta inversão: no filho educar o pai; no menino servir de exemplo ao homem; na criança trazer ao caminho do Senhor e dos europeus a gente grande” (FREYRE, 2003, p. 218). Tendo civilizado os indígenas por meio dessa educação eclesiástica e intelectualizada, o jesuíta dominou as missões com um critério exclusivamente religioso, para transformar os indígenas em dóceis seminaristas que os missionários utilizavam economicamente como índios aldeados para fins mercantis (FREYRE, 2003).

Os jesuítas regularam a vida íntima e social dos colonos europeus nas suas relações com os indígenas e os negros, repreendendo o que consideravam irregularidades sexuais, de modo a expurgar o que, na visão dos missionários, seria uma degradação moral promovida pela mistura da cultura europeia e nativa.

O sistema educacional jesuítico foi uma eficiente força de europeização técnica e de cultura moral dos modos de agir das populações indígenas (FREYRE, 2003), oferecendo uma importante explicação para a formação cultural da sociedade brasileira: “Mesmo realizada artificialmente, a civilização dos indígenas do Brasil foi obra quase exclusiva dos padres da

Companhia; resultado de esforço seu a cristianização, embora superficial e pela crosta, de grande número de caboclos” (FREYRE, 2003, p. 219). Segregando os indígenas em grandes aldeias, os jesuítas desenvolveram no seio das populações ameríndias as influências civilizadoras mais profundas.

O jesuíta pode ser considerado, dentro da perspectiva proposta, como o principal agente civilizador numa abordagem êmica da sociedade colonial brasileira, uma vez que os missionários foram os responsáveis por “converter” os nativos brasileiros à fé cristã, à moral e aos modos de agir civilizados para inseri-los num processo civilizador aos moldes europeu.

Procuramos até aqui demonstrar as configurações sociais do Brasil Colônia apresentadas no ensaio *Casa-grande & Senzala*, configurações que permitem pensarmos um processo civilizador brasileiro. Vimos que nesse processo civilizador colonial podemos encontrar influências desde o indígena, considerado primitivo, até o africano, considerado culturalmente superior ao nativo, contribuindo não só como a base de mão de obra escravizada, como também com a formação social e a estruturação econômica da colônia enquanto agente civilizador.

#### 4.2. Uma proposta de civilização

*Casa-grande & Senzala* é uma obra densa, pois propõe muitos conceitos e ideias que nos ajudam a compreender como se deu o processo de formação social do Brasil. Mesmo sendo um estudo baseado e fundamentado em várias fontes, com rigidez científica própria das ciências humanas, seu trabalho não se limita a uma pesquisa acadêmica, apresenta também uma visão de país, uma idealização de formação, criando um “mito de fundação” que, em nosso entendimento, constrói uma utopia civilizatória. Trata-se de uma proposta teórico-metodológica que tem na mestiçagem e no conceito de antagonismos equilibrados em complementaridade e conciliação o princípio fundamental da civilização dos trópicos segundo Gilberto Freyre.

Ao lermos *Casa-grande & Senzala* temos a impressão de estarmos diante de um “romance acadêmico”, um texto literário com conteúdo científico que visa retratar uma tese de formação social do Brasil; um ensaio que nos apresenta uma ideia, que propõe uma nova civilização nos trópicos, fundada por colonos portugueses que se misturaram com nativos ameríndios e africanos escravizados; o local onde o português, que já havia demonstrado na Índia e na África sua aptidão para a vida nos trópicos, conseguiu na colônia americana

realizar essa aptidão sobre uma base mais sólida e condições mais estáveis para fundar uma nova civilização.

O colonizador europeu do relato freyreano formou na América tropical uma sociedade agrária e escravocrata, híbrida de índio e, mais tarde, de africanos negros escravizados, que se desenvolveu menos pela consciência de raça do português cosmopolita e plástico do que pelo exclusivismo religioso; mais pelo braço e pela espada do particular do que pela ação oficial do Estado de Portugal – subordinado ao espírito político e de realismo econômico que desde o início da colonização foi elemento decisivo de formação do Brasil (FREYRE, 2003). A civilização brasileira se forma a partir de uma configuração particular que envolve um processo civilizador distinto do europeu.

A civilização que se desenvolve na América portuguesa se distingue da civilização europeia ao formar, nessa parte do ocidente, um novo tipo de processo civilizador que, mesmo diferente, segue as premissas do que foi preconizado por Norbert Elias, como nos informa Nathalie Heinich:

Em outros termos, não é porque se constata desigualdades de “civilização” entre culturas, entre estágios de uma mesma sociedade ou no interior de um mesmo indivíduo, que se valoriza necessariamente este único modelo de evolução, nem que se faz uma discriminação em relação a outros modelos possíveis ou a outros níveis de avanço naquele modelo. Ainda que inaceitável, esta crítica é interessante por colocar a questão do universalismo do modelo de Elias: o processo de civilização seria generalizável ao conjunto das sociedades humanas ou seria apenas um fenômeno específico das sociedades ocidentais? Elias parece inclinar-se em favor da primeira solução (HEINICH, 2001, p. 32).

Nesse sentido, o período colonial brasileiro compreendido do início do século XVI até o início do XIX se caracterizou por um processo de formação social que podemos chamar de um “processo civilizador brasileiro”. Eis o que Gilberto Freyre apresenta em *Casa-grande & Senzala*, um português já miscigenado com mouros e judeus, indefinido entre Europa e norte da África, não sendo um “europeu puro” (FREYRE, 2003). Esse português fundou na colônia brasileira uma civilização tropical que pode ser definida como uma outra civilização ocidental distinta da europeia. Assim, propomos pensar que Gilberto Freyre apresenta em seu ensaio uma nova civilização.

A perspectiva de civilização que nos é apresentada por Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala* é ética e êmica ao mesmo tempo, pois, por um lado, o homem civilizado apresentado na obra é o português, o europeu que, por outro, juntamente com os nativos e africanos escravizados, misturando-se e confraternizando com estes, formou na colônia

brasileira uma nova civilização; essa civilização não é igual à europeia, mas se funda a partir dela, criando uma civilização dos trópicos por meio de um novo processo civilizador:

Acresce que, fugindo não só à sedentariedade da segregação como às violências civilizadoras, praticadas nas próprias aldeias de missionários, muitos dos indígenas cristianizados deram para ganhar o mato [...]. Situação que mais se aguçou quando, desmontada a possante máquina de civilização dos jesuítas, os índios se encontraram, por um lado presos, pela moral que lhes fora imposta à obrigação de sustentar mulher e filhos, por outro lado em condições econômicas de não se poderem manter nem a si próprios (FREYRE, 2003, p. 38).

O processo civilizador freyreano opõem-se à moral do catolicismo jesuíta que se opunha ao catolicismo das casas-grandes coloniais, amolecido por influências pagãs maometanas: “A Casa-grande venceu no Brasil a Igreja, nos impulsos que esta, a princípio manifestou para ser a dona da terra. Vencido o jesuíta, o senhor de engenho ficou dominando a colônia quase sozinho” (FREYRE, 2003, p. 38). Mesmo sendo crítico do ideal jesuíta de civilização, Gilberto Freyre não deixa de reconhecer a contribuição da Companhia de Jesus e dos frades franciscanos para a consolidação da sociedade colonial, reconhecendo que os jesuítas contribuíram para articular o sistema de educação e formação moral, enquanto que os franciscanos colaboraram para o ensino mais técnico e prático dos indígenas e para a influência das funções que as casas-grandes assumiram de hospedaria, escola, santa casa de misericórdia, de amparo aos velhos, órfãos e viúvas, além do patriarcalismo da casa-grande, também herdado dos frades de São Francisco (FREYRE, 2003).

Gilberto Freyre atribui também ao contato entre as culturas europeia e indígena a transmissão de conhecimentos úteis para as atividades econômicas e domésticas, advindas de uma civilidade ética ameríndia que o colonizador europeu conservou, desenvolveu e adaptou às suas necessidades como veículo civilizador que saiu das tabas para as “missões” e daí para a vida em geral (FREYRE, 2003). O mesmo ocorreu com os negros escravizados vindos das áreas de cultura mais adiantada da África com seus elementos ativos e criadores de técnicas de cultivo, pecuária e manufatura que desempenharam uma função civilizadora, também ética no Brasil colonial.

O processo de formação social do Brasil seguiu uma configuração distinta da ocorrida na Europa, pois a civilização gilbertiana dos tópicos consistiu em um processo de colonização territorial, uma “hibridização civilizacional” ocorrida por meio de uma miscigenação genética, racial e cultural, sobretudo ao considerarmos as influências das culturas ameríndia e africana no processo civilizador brasileiro. Nesse sentido, vemos que esse processo

apresentado em *Casa-grande & Senzala* pode ser diferenciado do proposto por Norbert Elias, conforme nos informa Vanderlei Sebastião de Souza:

Desde o início, portanto, a colonização portuguesa não foi idealizada como um projeto de europeização dos costumes. Embora estivesse a serviço da obra civilizadora europeia, os portugueses não se furtaram da “vida desregrada” e “carregada de luxúrias”, como Freyre insiste em destacar ao longo de *Casa-grande e Senzala* (SOUZA, 2021, p. 4).

Está claro que para pensar o processo civilizador brasileiro a partir de *Casa-grande & Senzala* é preciso destacar que o processo ocorrido no país não reproduziu fielmente o que ocorreu na Europa, como aquele apresentado por Norbert Elias. Isso evidencia-se ao considerarmos que as sociedades colonizadas como a brasileira passaram por um processo de mistura de raízes europeias, ameríndias e africanas, o que produziu uma nova civilização dos trópicos a partir de uma “ofensiva civilizadora” que, contudo, não reproduziu nenhuma das culturas originais, caracterizando um processo civilizador diferente do ocorrido no ocidente europeu.

Esse processo civilizador brasileiro que podemos observar na obra gilbertiana é apresentado como um processo de equilíbrio de antagonismos: “Neste sentido, podemos afirmar que a ideia de trópico em Freyre seria responsável pela ponte entre cultura e geografia, bem como pela sustentação das contradições em equilíbrio (RODRIGUES, 2003, p. 57). Esse processo de formação social do Brasil equilibrado em antagonismos é a principal ideia do “mito” de fundação nacional criado por Gilberto Freyre, o que por sua vez cria a utopia de uma sociedade que se forma a partir da miscigenação cultural e sexual, supostamente criadora de uma civilização colonial dos trópicos equilibrada sobre antagonismos e sem conflitos sociais.

Partindo desta narrativa de equilíbrio de antagonismos, Gilberto Freyre reforça uma visão utópica da colonização portuguesa no Brasil sustentada pelo descarte dos conflitos sociais e dando ênfase para a adaptação do colonizador e para a tolerância recíproca de intercâmbio cultural e sexual (ARAÚJO, 1994) entre o colonizador e os ameríndios, num processo de equilíbrio e aproximação que levou a uma hibridização recíproca dos povos no processo de formação social do Brasil.

Esse argumento de equilíbrio de antagonismos foi o que permitiu a Gilberto Freyre atribuir peso menos aos conflitos que existiram durante a formação do Brasil, o que de certa maneira “adocicou” sua narrativa das relações sociais existentes durante o período colonial. As relações entre a Casa-grande e a senzala são descritas sempre em conflito e conciliação; mesmo que Gilberto Freyre tenha descrito o Brasil colonial demasiadamente “idealizado”, por

ter destacado os pontos de equilíbrio antagônicos e demonstrado uma visão utópica da sociedade colonial, o autor não deixou de narrar as atrocidades e violências cometidas pelo colonizador português, descrevendo que foi com o suor e o sangue do negro africano escravizado que se construíram as casas-grandes: “O suor e às vezes o sangue dos negros foi o óleo que mais do que o de baleia ajudou a dar aos alicerces das casas-grandes sua consistência quase de fortaleza” (FREYRE, 2003, p. 38); ou, ainda, quando descreve a violência imposta ao nativo ameríndio:

[...] causa de muito despovoamento foram ainda as guerras de repressão ou de castigo levadas a efeito pelos portugueses contra os índios, com evidente superioridade técnica. Superioridade que os triunfadores não raras vezes ostentaram contra os vencidos, mandando amarrá-los à boca de peças de artilharia que, disparando, “semeavam a grandes distâncias os membros dilacerados” (*Ibid.*, p. 226).

Observamos que Gilberto Freyre não deixa de mostrar a violência existente nas relações entre o português e o nativo indígena, entre brancos e negros africanos escravizados. Todavia, apesar de narrar com riqueza de detalhes as violências cometidas, ao se ler *Casa-grande & Senzala* é mais marcante seu equilíbrio de antagonismos, no qual o autor atribui maior importância à miscigenação e à hibridização cultural em detrimento das relações conflituosas:

De alguma forma, Gilberto Freyre nos faz fazer as pazes com o que somos. Valorizou o negro. Chamou atenção para a região. Reinterpretou a raça pela cultura e até pelo meio físico. Mostrou, com mais força de que todos, que a mestiçagem, o hibridismo, e mesmo (mistificação à parte) a plasticidade cultural da convivência entre contrários, não são apenas uma característica, mas uma vantagem do Brasil (CARDOSO *apud* FREYRE, 2003, p. 28).

Gilberto Freyre propõe entendermos o Brasil por suas conciliações em conflito que se equilibraram em desarmonia, num equilíbrio de opostos que permitiu o sucesso da empreitada colonizadora lusitana. Toda sua descrição das relações antagônicas entre civilizações distintas na colônia brasileira, civilizações que se miscigenaram, local onde as culturas ameríndias e africanas foram sobrepujadas pelo colonizador português, permitindo que a colônia prosperasse e viesse a se tornar o Brasil.

O Brasil que Gilberto Freyre se propôs a revelar na sua obra tem no conceito de equilíbrio de antagonismos um dos principais, quiçá o principal conceito para entendermos sua proposta acerca da formação social do Brasil, criando um “mito” de formação, uma sociogênese baseada em conflitos, em violências, com descrições densas do cotidiano, das relações sociais, familiares, senhoriais e sexuais; que expressa as preocupações dos intérpretes do Brasil dos anos de 1920 de descobrir o país e entender “como nos tornamos o

que somos”, demonstrando que obra freyreana é diretamente afetada pela configuração social do seu tempo.

Fica claro na leitura que, para pensarmos um processo civilizador brasileiro, deve-se relevar que este também se baseia numa perspectiva de equilíbrio de antagonismos, numa interdependência dos três grupos (brancos, índios e negros) que formaram uma configuração específica, o que, como lembram Nathalie Heinich e Norbert Elias, tem na interdependência a noção fundamental de sua teoria, sendo indissociável da noção, também fundamental, de equilíbrio das tensões (HEINICH, 2001). Trata-se de uma rede de relações sociais e individuais que contribuiu para estabilizar as relações de força e dominação, que, no Brasil, Freyre caracterizou na relação da casa-grande com a senzala.

O equilíbrio de antagonismos freyreano é o conceito central para entender como se deu o processo de civilização da colônia, pois é por meio da noção de equilíbrio dos contrários que Gilberto Freyre interpreta seus objetos de análise (CARDOSO, 2003b). Esse conceito de equilíbrio de antagonismos ou tensões é primordial para a compreensão da proposta de civilização do sociólogo pernambucano, como nos informa Norbert Elias: “Conceitos de equilíbrio são muito mais adequados ao que pode ser realmente observado quando se investigam as relações funcionais que os seres humanos interdependentes mantêm uns com os outros” (ELIAS, 2008, p. 81). É nessa relação de interdependência “funcional” entre europeus, ameríndios e negros africanos, apresentada em *Casa-grande & Senzala* como motor da formação da civilização tropical brasileira, que o conceito de equilíbrio de antagonismos visa compreender e explicar a sociedade colonial brasileira:

O que se sente em todo esse desadorno de antagonismos são as duas culturas, a europeia e a africana, a católica e a maometana, a dinâmica e a fatalista encontrando-se no português, fazendo dele, de sua vida, de sua moral, de sua economia, de sua arte um regime de influências que se alternam; se equilibram ou se hostilizam. Tomando em conta tais antagonismos de cultura, a flexibilidade, a indecisão, o equilíbrio ou a desarmonia deles resultantes, é que bem se compreende o especialíssimo caráter que tomou a colonização do Brasil, a formação *sui generis* da sociedade brasileira, igualmente equilibrada nos seus começos e ainda hoje sobre antagonismos (FREYRE, 2003 p. 69).

O Brasil idealizado pela utopia freyreana tem nessa perspectiva de mistura de culturas e civilizações o nascimento de um país cujo processo civilizador pode ser pensado a partir dessa configuração de interdependências: colonos europeus com indígenas e negros africanos escravizados; igreja com a casa-grande e a senzala. Essas relações deram origem à sociedade brasileira, que se desenvolveu numa economia de monocultura agrária e numa sociedade de uma minoria de brancos polígamos, que como vencedores no âmbito técnico e militar sobre as

populações indígenas e donos dos negros importados da África, os brancos dominaram, do alto das casas-grandes, não só os escravos criados nas senzalas, mas também os lavradores mestiços e moradores indígenas das casas de taipa e de palhas, tratando-os como vassallos das casas-grandes em todo o rigor da expressão. Contudo, os europeus e seus descendentes tiveram que transigir com índios e africanos nas relações genéticas e sociais (FREYRE, 2003), dando origem a uma nova civilização dos trópicos.

Seria possível pensar um processo civilizador para além das características observadas por Norbert Elias na configuração de formação da civilização europeia? Propomo-nos a pensar que Gilberto Freyre, ao descrever e revelar a formação social do Brasil, está de certa maneira revelando um novo tipo de processo civilizador: “Assim, a formação da sociedade colonial apresentada em *Casa-grande & Senzala* parece não ter se processado no sentido de uma europeização, mas antes pelo contato com a cultura indígena e pela mediação propiciada pela cultura africana (SOUZA, 2021). O processo civilizador brasileiro se deu por meio de uma hibridização das culturas existentes na colônia, culturas que, ao se “descivilizarem”, considerando o que os próprios europeus entenderiam emicamente como “civilização” se civilizaram mutuamente eticamente falando em meio ao mundo sem regras e distante da rigidez europeia das etiquetas e modos de comportamentos com seu pudor e sua postura corporal para se civilizar de uma forma mais frouxa e flexível.

O processo da formação social do Brasil apresentado em *Casa-grande & Senzala*, é apontado por críticos como Florestan Fernandes (1920 – 1995), Dante Moreira Leite (1927 - 1976) e Carlos Guilherme Mota (1941 – atualidade), como idealizado e utópico por romantizar os processos de violência ocorridos no período da colônia. Pois, Gilberto Freyre procurou dar destaque ao que chamou de “confraternizações das raças”, nas quais as violências existentes nas relações entre brancos, indígenas e negros se apaziguariam sob antagonismos em equilíbrio, fazendo prevalecer a ideia de confraternização ocorrida pela miscigenação que marca, na visão freyreana, a formação de uma identidade coletiva na qual o passado não nos condena, mas aponta para uma nova civilização:

O português fez-se aqui senhor de terras mais vastas, dono de homens mais numerosos que qualquer outro colonizador da América. Essencialmente plebeu, ele teria falhado na esfera aristocrática em que teve de desenvolver-se seu domínio colonial no Brasil. Não falhou, antes fundou a maior civilização moderna nos trópicos (FREYRE, 2003, p. 267).

A ideia de civilização brasileira que Gilberto Freyre se propôs revelar considerou as especificidades do desenvolvimento histórico-social brasileiro e interpretou o passado como um meio de procurar compreender os que aqui viveram antes de nós. Tentando se desvincular

do pensamento racial – dando maior ênfase à “cultura” em detrimento da “raça”, percebida como um processo histórico de hibridização e mútua influência de hábitos e costumes de vida para fundamentar a singularidade social e cultural brasileira –, podemos entender sua leitura como utópica se considerarmos algumas afirmações acerca de sua proposta de civilização dos trópicos. Um exemplo: “A miscigenação que largamente se praticou aqui corrigiu a distância social que de outro modo se teria conservado enorme entre a Casa-grande e a mata tropical; entre a Casa-grande e a senzala” (FREYRE, 2003, p. 33). Eis uma passagem que caracteriza sua principal ideia de equilíbrio de antagonismos, equivalente ao que chamamos de processo civilizador brasileiro.

Para Freyre, o processo civilizador brasileiro tem no mestiço um vetor de disseminação da civilidade ética, não para reproduzi-la, como já destacado anteriormente, mas para adaptá-la à realidade tropical. Por isso, o caboclo, o índio civilizado ou o mestiço de índio com branco são exaltados pela capacidade física e de resistência moral (FREYRE, 2003).

O romance acadêmico freyreano se propôs a contar a história íntima do colonizador brasileiro: sua vida de menino, sua vida doméstica e conjugal, o patriarcalismo escravocrata e polígamo, seu cristianismo reduzido à religião de família e influenciado pelas credices da senzala (FREYRE, 2003). A utopia freyreana defende que no Brasil da casa-grande e da senzala se constituiu numa sociedade que, apesar dos antagonismos, não gerou grandes conflitos que pudessem perturbar o equilíbrio de tensões: é essa a utopia de constituição da sociedade colonial brasileira apresentada na perspectiva do ensaio *Casa-grande & Senzala*.

Partindo da perspectiva de um processo civilizador brasileiro, mesmo tendo no português europeu um agente civilizador no sentido êmico, uma vez que organizou e lançou várias “ofensivas civilizadoras”, vemos que o autor credita também ao africano escravizado uma contribuição para esse processo de formação de uma nova civilização dos trópicos; pois, aos negros trazidos à força da África em grande número para o Brasil, Gilberto Freyre credita uma cultura superior à do indígena mais adiantado (FREYRE, 2003). O negro africano, muitas vezes e a depender da área da África na qual foi capturado e trazido para a América portuguesa, sabia escrever, dominava a produção de artefatos metalúrgicos, possuía técnicas de produção vegetal, de domesticação de animais e conhecimentos astronômicos. Em suma: “eram os pretos superiores aos nossos silvícolas, todos esses traços de cultura material e moral revelaram-se os escravizados negros, dos estoques mais adiantados, em condições de

concorrer melhor que os índios à formação econômica e social do Brasil” (FREYRE, 2003, p. 370).

Mesmo que na perspectiva civilizadora freyreana o negro africano escravizado contribua para nosso processo de formação social e econômica, para a obra de colonização agrária ao trazer previamente conhecimentos úteis para o desenvolvimento da colônia, não devemos esquecer que a maioria desses indivíduos foi trazida ao Brasil para uso no trabalho braçal, para a exploração do trabalho – primeiramente, nos canaviais, para a produção de açúcar, depois, nas minas de ouro e diamante e, posteriormente, nos campos de café.

Sendo assim, o negro escravizado, principalmente aquele nascido na senzala, sonhava e procurava a liberdade, promovendo fugas e a posterior criação de quilombos. Essas fugas e formações de quilombos, na perspectiva civilizadora apresentada por Gilberto Freyre em seu ensaio, teriam colocado o negro na posição de maior colaborador do branco ao ter desempenhado entre os indígenas uma missão civilizadora europeizante: “Escravos fugidos que propagariam entre os indígenas, antes de qualquer missionário branco, a língua portuguesa e a religião católica” (FREYRE, 2003, p. 372). Assim, o negro desafrikanizado nas senzalas teve essa participação civilizadora importante para o que chamamos aqui de processo civilizador brasileiro.

No ensaio *Casa-grande & Senzala*, o negro apresentado por Gilberto é um elemento civilizador ético importante, principalmente aqueles negros nascidos na senzala, falando português e adeptos do catolicismo sincrético, e ajudando na criação e educação dos filhos do senhor de engenho:

É natural que essa promoção de indivíduos da senzala à casa-grande, para o serviço doméstico mais fino, se fizesse atendendo a qualidades físicas e morais; e não à toa e desleixadamente. A negra ou mulata para dar de mamar a nhonhô, para niná-lo, preparar-lhe a comida e o banho morno, cuidar-lhe da roupa, contar-lhe histórias, às vezes para substituir-lhe a própria mãe – é natural que fosse escolhida dentre as melhores escravas da senzala. Dentre as mais limpas, mais bonitas, mais fortes. Dentre as menos boçais e as mais ladinas – como então se dizia para distinguir as negras já cristianizadas e abasileiradas, das vindas há pouco da África; ou mais renitentes no seu africanismo (FREYRE, 2003, p. 435-436).

Na utopia freyreana, a participação do negro na formação social e na ação civilizadora do Brasil se deveu a uma predisposição lusitana para o intercuro sexual com as nativas ameríndias e as negras escravizadas, o que reduziu a possibilidade do surgimento de um *ethos* racista na sociedade colonial brasileira, pois, para Gilberto Freyre, o colonizador não possuía preconceito de cor ou raça, mas somente religioso. Isso favoreceu a miscigenação quando o

colono europeu, na indisponibilidade de mulheres brancas, se misturou com as nativas e posteriormente com as africanas cativas:

Pelo intercurso com mulher índia ou negra multiplicou-se o colonizador em vigorosa e dúctil população mestiça, ainda mais adaptável do que ele puro ao clima tropical. A falta de gente, que o afligia, mais do que a qualquer outro colonizador, forçando-o à imediata miscigenação – contra o que não o indispunham, aliás, escrúpulos de raça, apenas preconceitos religiosos – foi para o português vantagem na sua obra de conquista e colonização dos trópicos. Vantagem para a sua melhor adaptação, senão biológica, social (FREYRE, 2003, p. 74-75).

A colonização portuguesa, na perspectiva revelada no ensaio *Casa-grande & Senzala*, tem no português descrito por Gilberto Freyre um indivíduo híbrido com mouros, com pitadas de sangue celta e um tipo histórico tismado com as cores quentes da África (CARDOSO, 2003b). Esse indivíduo se mistura na colônia brasileira e se transforma por meio de um processo de “desfazimento das matrizes culturais e ou raciais: europeia, ameríndia e africana, num processo de deseuropeização, desindianização e desafricanização, ou seja, de uma ‘miscigenação cultural’” (SOUSA, 2013, p. 93), formando uma nova civilização nos trópicos, sem preconceito de raça e híbrida culturalmente.

Vemos que a partir dessa utopia, a perspectiva de processo civilizador brasileiro revelada no ensaio *Casa-grande & Senzala*, Freyre não procurou reproduzir na colônia a civilização europeia, mas, sim, buscou demonstrar um novo tipo de civilização que, possuindo configurações sociais únicas, se constituiu por meio de um processo civilizador que teve no português a base, no jesuíta, nos negros e, para Freyre talvez em menor medida, mas igualmente importante, os nativos ameríndios, e todos juntos formando uma nova civilização adaptada à vida nos trópicos que constituiu o que chamamos de processo civilizador brasileiro.

## 5. Conclusão: Um processo civilizador brasileiro

Nesta dissertação, propomos a compreensão de um processo civilizador brasileiro tomando como objeto de análise o ensaio *Casa Grande & Senzala* (1933), de Gilberto Freyre. Nosso objetivo foi aproximar seu relato da formação social e cultural do Brasil da teoria dos processos civilizadores elaborada pelo sociólogo alemão Norbert Elias, que buscou por meio da sociologia configuracional superar as dicotomias da Sociologia tradicional para alcançar uma multidisciplinaridade na observação dos fenômenos sociais de modo global, não ignorando, mas sim destacando as redes de interdependências recíprocas entre os indivíduos e suas sociedades, sendo que essas só podem ser compreendidas a partir da análise das configurações sociais que as formam.

Norbert Elias elaborou sua teoria de processos civilizadores para entender quais configurações sociais particulares permitiram que um modo social específico de comportamento, baseado na sociedade da corte francesa do século XVI, se tornasse sinônimo de civilidade, pelo menos naquele contexto. Esse comportamento, que se identificou com a “cidade” e com o homem urbano, passou a representar, mais ou menos, a “boa sociedade burguesa”, num processo civilizador de longa duração da formação de uma civilidade que engloba o processo de autocontrole dos indivíduos em sociedade. Para isso, Elias utiliza, enquanto fonte de informação, o tratado de etiqueta intitulado *De civilitate morum puerilium* (1530) (*Da civilidade em crianças*), de autoria de Erasmo de Rotterdam, obra que expõe o conceito de civilização que refletia o processo de formação da autoimagem da alta classe burguesa europeia.

O processo civilizador eliasiano leva em consideração um movimento contínuo e de longa duração, observando como as configurações sociais de cada sociedade e período temporal se modificam ao longo da história. Sendo assim, Norbert Elias procura observar as transformações sociais que possibilitaram o modo como a ideia de civilização – no sentido francês de *civilisation* e alemão de *Kultur* – se tornasse o modelo de comportamento social ideal de parte das elites europeias e o sinônimo de sociedade civilizada. Nesse processo, a ideia de civilização é vista como a expressão de um modelo de comportamento específico de autocontrole: da vida afetiva, das emoções, dos instintos, das compulsões externas e internas, do controle social, todos esses precedentes do poder social e das pressões sociais características do processo de civilização.

Nesse sentido, mesmo que Norbert Elias não proponha no livro *O processo civilizador – volume I: uma história dos costumes* (1939) uma teoria geral da civilização, mas sim uma teorização do processo de formação de uma parcela da civilização ocidental europeia, consideramos aqui, assim como proposto por Nathalie Heinich, que não há somente um único modelo de civilização e de processo civilizador, e concordamos com a autora quando ela afirma que o modelo eliasiano pode ser generalizável ao conjunto das sociedades humanas (HEINICH, 2001). Portanto, consideramos viável a leitura do relato freyreano presente no ensaio *Casa-grande & Senzala* (1933) como um processo civilizador brasileiro, distinto do europeu, marcado por tensões e ambiguidades profundas.

Destacamos que o conceito de civilização pode ter duas abordagens: uma **ética**, fundamentalmente caracterizada pela formação de redes de interação e interdependência, que valoriza, portanto, o “nós”; e uma abordagem **êmica**, que corresponde à visão do eu, empobrecida do processo civilizador, uma vez que pretende impor padrões de sociabilidade, gerando, não raro, efeitos descivilizadores. Procuramos nos esforçar para demonstrar que, em Freyre, é possível encontrar concomitantemente o uso da noção de “civilização” nos dois sentidos.

Realizamos uma aproximação teórica entre Gilberto Freyre e Norbert Elias. Para isso, procuramos demonstrar a influência alemã – aliás, pouco destacada por estudiosos de Freyre – presente na obra de Gilberto, pois ela contribuiu muito para suas formulações teóricas e metodológicas: comentamos a orientação do alemão Franz Uri Boas (1858-1942) na sua abordagem antropológica cultural, a presença de Rüdiger Bilden (1893-1980), colega da universidade de Colúmbia, cuja interlocução contribuiu com valiosas sugestões para o desenvolvimento de seu amplo estudo sobre a escravidão no Brasil, sua filiação à Escola do Recife, instituição que possuía destacada influência germânica e marcou a trajetória intelectual do autor, e a influência da sociologia alemã de Georg Simmel (1858 - 1918), que também, como vimos, tem destacada influência na perspectiva configuracional eliasiana.

*Casa-grande & Senzala*, como sabemos, possui forte viés sociológico. Porém, Gilberto Freyre não se via como um sociólogo, mesmo porque não possuía formação nesta ciência, se considerando como algo próximo a um cientista social, um pesquisador preocupado com questões sociais e não propriamente sociológicas. Contudo, Freyre faz uso do método da Sociologia, o que considera comum a todas as ciências sociais e, nesse sentido, a sociologia de Georg Simmel influencia seu trabalho, sobretudo porque Freyre se apropria do método sociológico e de conceitos - como o de *societalização* - simmeliano: é esse conceito

que perpassa pela ideia de interpenetração e integração entre o indivíduo, na sua pisque, e a sociedade da qual faz parte, e como destacamos influencia também o conceito de configuração social de Norbert Elias.

Gilberto Freyre se utiliza da teoria sociológica simmeliana para delimitar o campo específico da Sociologia no interior das Ciências Sociais, permitindo que realize a distinção entre o que é sociológico e o que é social. Tal distinção encontra-se em sua análise da formação do Brasil, pois, na visão freyreana, nem tudo o que se refere ao social é objeto da Sociologia, compreendendo que o campo social é compartilhado por outras ciências humanas.

Nesse sentido, a influência do método sociológico de Georg Simmel torna-se outro ponto de convergência entre Gilberto Freyre e Norbert Elias, pois o conceito de configuração social elaborado por Elias revela seu vínculo com a sociologia simmeliana – uma influência advinda dos seus anos de formação na Universidade de Heidelberg. Segundo Federico Neiburg e Leopoldo Waizbort (2006), mesmo que Norbert Elias não mencione Georg Simmel ao formular seu conceito de configuração, ele sofreu uma influência simmeliana significativa, a qual Elias deixou restrita apenas ao registro analítico, fazendo parecer que desenvolveu algo absolutamente novo (NEIBURG; WAIZBORT, 2006). Portanto, tanto os métodos de pesquisa freyreano quanto o eliasiano têm uma influência comum advinda da sociologia alemã de Georg Simmel.

Buscamos no ensaio *Casa-grande & Senzala* uma leitura de aproximação com a sociologia configuracional eliasiana, sobretudo na forma como Gilberto Freyre nos apresenta e revela as configurações sociais que o ajudam, segundo nossa perspectiva de processo civilizador brasileiro, a demonstrar as relações de interdependência entre europeus, ameríndios e negros africanos escravizados (indivíduos) no contexto social da colônia brasileira (configuração social). Freyre realiza um movimento interpretativo que busca compreender a relação entre as casas-grandes e as senzalas como o “território” no qual se desenvolve nossa sociedade colonial ao longo do tempo.

Assim, verificamos que Gilberto Freyre se utiliza de fontes poucos usuais na pesquisa social brasileira, com as quais formula suas teorizações e busca compreender a formação do Brasil por meio da interpretação de relatos da escravidão e da vida patriarcal da colônia: pinturas que reproduziram, com emoção ou realismo, cenas de intimidade doméstica e flagrantes da vida cotidiana, literaturas e crônicas de viagem que narravam as paisagens e o cotidiano do Brasil Colônia, relatos que revelam não apenas a vida pública e o exercício de funções sociais, mas também a vida cotidiana e privada dos indivíduos.

Nesse sentido, tanto Norbert Elias quanto Gilberto Freyre elaboraram teorias e metodologias de pesquisa que partem de perspectivas de processos de longa duração da formação social, e buscaram compreender esse processo por meio de fontes consideradas inesperadas, em meados do século XX, nas ciências sociais e nos contextos de cada autor. Ambos revelam o cotidiano, a realidade vivida pelo indivíduo, suas emoções, sua psicologia etc., procurando entender não só as estruturas sociais, mas também a experiência dos indivíduos inseridos nela, evitando a dicotomia entre a realidade social e a realidade do indivíduo. Ao utilizarem as mencionadas fontes, que não deixam de representar a hierarquia social de cada sociedade num determinado tempo histórico, os autores tinham o intuito de entender as relações sociais e de interdependência entre os indivíduos e a sociedade em que viviam.

Deste modo, Norbert Elias e Gilberto Freyre compartilham de uma perspectiva teórica e metodológica semelhantes. O primeiro, por exemplo, por meio da sociologia configuracional, se utiliza da música de W. A. Mozart (1756-1791), da pintura de A. Watteau (1684-1721) e da literatura de H. G. Wells (1866-1946) enquanto fontes para sua análise sociológica, sendo que seu interesse não era propriamente pelas vidas pessoais dos autores ou pela singularidade de suas obras, como ocorre numa biografia, mas sim pelas configurações sociais da época que permitiram ou inibiram a manifestação de tais singularidades: seu intuito é compreender tais sociedades como fontes de verificação das pressões sociais que os indivíduos sofrem vivendo em seu interior. Esse enfoque analítico constitui-se, portanto, numa maneira de observar o processo, encontrando indícios da forma como essas interações sociais se davam, sendo possível, assim, montar um mapa das redes de interdependências sociais que formam os elos entre os indivíduos, a sociedade da época e seus processos civilizadores.

Cabe destacar que no estudo da literatura de H. G. Wells, Norbert Elias, além de verificar as configurações sociais da época do autor, demonstra como sua literatura se relacionava à realidade, indo além da fantasia e antecipando certos fenômenos sociais, o que nos dá indícios da sociedade na qual o autor estava inscrito: pela obra, nela vislumbrando desejos, sonhos e utopias acerca da realidade social na qual foi produzida – uma perspectiva, aliás, que pode ser expandida para obras literárias em geral. Para Elias, as utopias constituem, ao mesmo tempo, produto e produtores dos processos civilizadores.

Em nosso trabalho, além de verificar a proximidade teórico-metodológica entre Norbert Elias e Gilberto Freyre, buscamos também analisar *Casa-grande & Senzala* por meio

da sociologia figuracional eliasiana, tomando o ensaio de Gilberto Freyre como um “romance acadêmico”. Para isso, observamos a realidade social da época na qual o ensaio foi escrito no intuito de compreender como este se correlaciona às configurações sociais do período. Partimos, portanto, da perspectiva segundo a qual o ensaio possui características de um “romance acadêmico”, ou seja, uma obra que se propôs a contar a história íntima do colonizador brasileiro: sua vida de menino, sua vida doméstica e conjugal, o patriarcalismo escravocrata e polígamo, seu cristianismo reduzido à religião de família dentro das casas-grandes etc.; tudo isso sem deixar de relatar as violências infligidas pelo português aos indígenas e negros africanos escravizados da base social, grupos oprimidos pelo sistema colonial e narrados por Freyre de forma romanceada.

Ainda nos 1920, vimos que os intelectuais brasileiros passaram a problematizar o país e sua formação social e populacional. Foi exatamente nesse contexto, nessa configuração social que Gilberto Freyre retornou de seus estudos realizados nos Estados Unidos da América e se filiou à chamada Escola do Recife, uma instituição de estudos jurídicos, históricos e sociais orientados por uma perspectiva teórica positivista e que tinha nas discussões sobre raça e miscigenação os temas centrais de suas formulações, contando com um viés conservador de influência germânica, adaptada à realidade brasileira por Tobias Barreto (1839-1889). A Escola do Recife foi outra influência importante na produção teórica freyreana, pois sua perspectiva social e histórica perpassa a teoria e o método do autor.

Se durante os anos 1920 os intelectuais estavam problematizando a sociedade brasileira, nos anos 1930, por sua vez, a palavra de ordem para os intérpretes do Brasil era “descobrir” a origem do país. Foi nesse contexto de busca que Gilberto Freyre lançou, em 1933, o ensaio *Casa-grande & Senzala*. Politicamente, o Brasil estava sob o regime intervencionista de Getúlio Vargas, que procurava ressignificar a imagem do país e estabelecer uma autoestima nacional apelando para a valorização da cultura miscigenada e de nossas raízes africanas. Esse projeto encontrou em *Casa-grande & Senzala* um grande aliado – mesmo que seu autor estivesse sendo, no mesmo período, perseguido e visto como um agitador pela ditadura de Getúlio Vargas.

Ao analisarmos *Casa-grande & Senzala* pela perspectiva com a qual Norbert Elias analisa a obra de H. G. Wells, podemos observar que o ensaio freyreano, uma vez lido como um “romance científico” – no sentido em que se propõe a tratar fontes e ideias cientificamente embasadas –, nos apresenta uma visão “idílica”, quase utópica da formação colonial brasileira, nos revelando um país cujo processo de formação social é caracterizado por aquilo que o

autor chama de “equilíbrio de antagonismos”. A leitura de tal equilíbrio, que representa a parte mais consistente de sua perspectiva teórica e metodológica, propõe compreender e explicar a relação entre a casa-grande, como representação da elite branca europeia, e a senzala, uma representação constituída por negros escravizados, mestiços e indígenas que viviam sob o jugo da casa-grande: tal relação surge na obra como fundamento básico da argumentação, funcionando para revelar e compreender a formação social do Brasil através de um “equilíbrio de tensões”.

*Casa-grande & Senzala*, nesse sentido, é paradigmático quanto a sua interpretação do Brasil, pois o “equilíbrio de antagonismos” freyreano descreve e revela não somente a formação social do Brasil, mas também um “novo” processo civilizador, um processo civilizador brasileiro que tem na ideia de “equilíbrio de antagonismos” o conceito central para entendermos como se deu o processo de civilização da colônia brasileira. Por meio de um relato romanceado, Freyre cria uma utopia de formação que propõe o seguinte: no Brasil das casas-grandes e senzalas se constituiu uma sociedade que, apesar dos antagonismos, não gerou grandes conflitos sociais que pudessem perturbar o equilíbrio de tensões da sociedade colonial, ocultando, dessa forma, todos os conflitos que ocorreram durante o período de formação do Brasil, criando um “mito de fundação” que, por sua importância, além de marcar a trajetória intelectual do próprio autor, marcou a trajetória intelectual dos intérpretes brasileiros que o sucederam.

Todos esses fatores, em nosso entendimento, constroem uma utopia civilizatória cuja proposta teórico-metodológica ancora-se em alguns fatores determinados: na ideia de mestiçagem e no conceito de antagonismos equilibrados em complementaridade e conciliação. Eis os princípios fundamentais da civilização dos trópicos presentes na narrativa freyreana do processo civilizador brasileiro. É por meio da noção de “equilíbrio de antagonismos” que entendemos a proposta freyreana de formação social do Brasil, uma formação baseada em conflitos e violências, mas também na miscigenação racial e na hibridização cultural. A miscigenação racial e a hibridização cultural são apresentadas no ensaio freyreano como um processo histórico de mútua influência de hábitos e costumes, tendo no europeu e nos nativos indígenas, como afirmamos anteriormente os principais agentes civilizadores. Contudo, Gilberto Freyre atribui ao negro africano escravizado um crédito de mediação nesse processo de civilização, sobretudo por ter transmitido à sociedade brasileira em formação valiosos elementos da cultura e da técnica africana, tais como técnicas de mineração, de metalurgia e de criação de gado. Os africanos, mesmo tendo desempenhado

uma função civilizadora de contribuição técnica para a colônia, aparecem no relato freyreano, antes de tudo, como atores da mão de obra escravizada, como operários de enxada ou como animais de carga a serviço do senhor de terras e engenho.

Do mesmo modo, os nativos ameríndios são apresentados em *Casa-grande & Senzala* como um bando de crianças grandes, criando o “mito” do índio preguiçoso que não se adaptou ao trabalho escravo imposto pelo explorador europeu. Isso acabou criando estereótipos de que os nativos eram avessos ao trabalho, que acabavam fugindo do cativo ou resistindo ao invasor, o que, de fato, levou a vários conflitos entre indígenas e portugueses. Contudo como vimos foi do indígena que o europeu se apropriou das técnicas para ocupar o território, dentre outras contribuições dos nativos. Da mulher índia, mãe dos filhos mestiços do colono europeu, Freyre atribui a formação de parte do *habitus* brasileiro, pois é dela a origem dos mais valiosos elementos da cultura nacional. Foi dela que o brasileiro herdou o consumo de uma série de alimentos e plantas medicinais ainda hoje em uso, bem como práticas de higiene tropical, como o hábito de banhos diários, por exemplo, prática incomum aos europeus. Nesse sentido, reforçamos, mesmo que o nativo ameríndio relatado por Gilberto Freyre não receba o reconhecimento devido no ensaio, o nativo indígena contribuiu para o processo civilizador brasileiro.

Nesse sentido, *Casa-grande & Senzala* nos apresenta uma formação social que surgiu de uma configuração social distinta da ocorrida na Europa, pois a civilização freyreana dos trópicos consistiu-se num processo de colonização territorial e “hibridização civilizacional”, processo ocorrido por meio de uma miscigenação genética, racial e cultural. Ao considerarmos as influências das culturas que aqui se encontraram, sobretudo a ameríndia e a africana, observamos uma formação social que produziu uma nova civilização dos trópicos, não reproduzindo nenhuma das culturas originais, caracterizando uma singularidade que apresenta um processo historicamente distinto do processo civilizador europeu.

Essa particularidade pode ser interpretada, contudo, como um “novo” processo civilizador dentro do ocidente, pois as especificidades daqui, ainda que distintas, não nos distanciaram totalmente da ideia de sociedade europeia. Por isso, é possível pensarmos esse processo local a partir da teoria civilizadora eliasiana, dando destaque a particularidades do empreendimento colonial explorador que marca as relações iniciais entre o colono europeu e o território no processo de formação e configuração social do processo civilizador brasileiro.

Esse processo civilizador brasileiro – “equilibrado em antagonismos” – é a principal ideia a orientar o “mito” de fundação nacional criado por Gilberto Freyre, o que por sua vez

cria a utopia de uma sociedade formada a partir da miscigenação cultural e sexual, supostamente criadora, por fim, de uma civilização colonial “equilibrada sobre antagonismos” e sem conflitos sociais e raciais.

Partindo desta narrativa de “equilíbrio de antagonismos”, portanto, Gilberto Freyre reforça uma visão utópica da colonização portuguesa no Brasil, sendo essa sustentada pelo descarte dos conflitos raciais e sociais, dando ênfase à adaptação do colonizador e à tolerância recíproca de intercâmbio cultural e sexual entre o colonizador e as ameríndias e africanas escravizadas – todos esses fatores compondo um movimento de equilíbrio e aproximação que levou a uma hibridização recíproca dos povos no processo de formação social do Brasil.

Por outro lado, mesmo que Gilberto Freyre tenha descrito o Brasil colonial de modo demasiadamente “idealizado”, destacando os pontos de equilíbrio antagônicos e demonstrado uma visão utópica da sociedade colonial, o autor não deixou de narrar as atrocidades e violências realizadas pelo colonizador português, descrevendo com detalhes as violências cometidas tanto com os nativos brasileiros quanto com os negros africanos escravizados.

O Brasil que Gilberto Freyre se propôs a revelar “equilibrado em antagonismos” é a principal ideia/conceito para entendermos sua proposta, tanto acerca da formação social do Brasil quanto de uma sociogênese baseada no controle dos conflitos e violências: com descrições densas do cotidiano, das relações sociais, familiares, senhoriais e sexuais, que não impediram a confraternização do colono com as nativas ameríndias e africanas escravizadas, permitindo a formação de uma sociedade miscigenada racial e culturalmente. Fica claro na leitura de *Casa-grande & Senzala* que, para pensarmos um processo civilizador brasileiro, este deve se basear numa perspectiva de “equilíbrio de antagonismos”, numa interdependência dos três grupos (brancos, índios e negros) que formaram uma configuração social específica. É nessa interdependência que reside a noção fundamental da teoria de Gilberto Freyre, sendo indissociável da noção, também fundamental, de “equilíbrio das tensões”.

Propomo-nos a pensar que Gilberto Freyre, ao descrever e revelar a formação social do Brasil, conforme apresentada em *Casa-grande & Senzala*, está de certa maneira revelando um processo civilizador brasileiro que não se processou no sentido de uma europeização pura, não somente pela condição de colônia do território, mas também pela ocorrência de uma hibridização civilizacional permitida pelo contato com a cultura ameríndia e pela mediação do negro africano.

O processo civilizador brasileiro, nesse sentido, se deu por meio de uma hibridização das culturas europeia, ameríndia e africana, na qual todas “descivilizaram-se” para, em seguida, se civilizarem mutuamente em um território sem regras: o ambiente colonial encontrava-se distante da rigidez europeia, o que permitiu que o colonizador adquirisse, em um primeiro momento e do ponto de vista europeu, hábitos sociais nativos que desenvolveram uma moral mais flexível, com pouco controle tanto sobre as posturas e os gestos cotidianos quanto sobre os comportamentos e as relações interpessoais. Esse quadro acabou formando uma aristocracia colonial sem o refinamento da aristocracia europeia, tendo nos missionários jesuítas presentes na colônia os responsáveis por civilizar o nativo e disciplinar o colono europeu.

Gilberto Freyre procurou dar destaque ao que chamou de “confraternizações das raças”, uma utopia de formação social existente no “mito” de fundação do Brasil: o pernambucano idealizou que as violências existentes nas relações entre brancos, indígenas e negros se apaziguariam sob antagonismos equilibrados, reduzindo a possibilidade do surgimento de um *ethos* racista na sociedade colonial, pois, para Freyre, o colonizador não possuía preconceito de cor ou raça, mas somente preconceito religioso. Nesse sentido, prevalece a ideia utópica de confraternização ocorrida pela miscigenação, o que marca, na visão freyreana, a formação de uma identidade coletiva na qual o passado não nos condena, mas aponta para uma nova civilização dos trópicos.

Observamos também que Gilberto Freyre tentou desvincular seu pensamento do conceito de raça, procurando, em seu relato, dar ênfase à “cultura”, no intuito de destacar um processo histórico de hibridização e mútua influência de hábitos e costumes de vida, o que fundamenta a singularidade social e cultural e seu processo civilizador brasileiro.

*Casa-grande & Senzala*, nessa perspectiva de processo civilizador brasileiro, não só revela e relata a formação social do Brasil e do brasileiro, mas também cria seu “mito” de fundação ou propõe uma utopia de conciliação de “antagonismos equilibrados”, utopia de uma sociedade sem conflitos raciais e sociais, descrevendo de forma romanceada o desenvolvimento de um novo processo civilizador ocidental – um ambiente de colonização, de encontro de civilizações, de miscigenações raciais e culturais; uma hibridização de civilizações que formaram uma civilização tropical; tudo em um processo de longa duração, de adaptação e reorganização dos costumes sobre novas bases sociais, mais flexíveis, menos rígidas nos modos de agir e nas relações sociais fundadas num cristianismo católico e na civilização europeia.

Assim se constituiu, segundo o relato de Gilberto Freyre em *Casa-grande & Senzala*, a sociedade colonial que fundou a sociedade brasileira: uma sociedade singular, com múltiplas influências civilizacionais, que durante 300 anos de uma colonização portuguesa se confraternizando com os nativos ameríndios e africanos escravizados, desenvolveu um processo que aqui chamamos de processo civilizador brasileiro.

## Referências bibliográficas

- ADORNO, Theodor W. **A Notas de literatura I**. São Paulo: Duas Cidades; Ed. 34, 2003.
- ANDRADE, Ícaro Yure Freire de. **HABITUS E PROCESSOS SOCIAIS: Revisando as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias**. Revista **Abordagens**, João Pessoa, v.1, n.1, jan./jun.2019.
- ARAÚJO, Ricardo Benzaquen de. **Guerra e paz: Casa-Grande & Senzala e a obra de Gilberto Freyre nos anos 30**. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1994.
- BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. 1. ed. Porto Alegre, RS: L&PM, 2015.
- BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2004.
- BURKE, Peter. Gilberto Freyre e a nova história. **Rev. Sociol. USP Tempo Social**, São Paulo: v.9, n.2, outubro de 1997. <https://doi.org/10.1590/ts.v9i2.86687>. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ts/article/view/86687/89708>
- CANAL, Nathalia Urbano. Entre figurações e associações. As sociologias de Norbert Elias e Bruno Latour. **Acta Scientiarum**. Human and Social Sciences, v.33, n.2, dezembro de 2011. <https://doi.org/10.4025/actascihumansoc.v33i2.11771>
- CARDOSO, Fernando Henrique. **Capitalismo e escravidão no Brasil meridional: o negro na sociedade escravocrata do Rio Grande do Sul**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003a.
- \_\_\_\_\_. Um livro perene. In: FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. —São Paulo: Global, 2003b.
- CARVALHO, Marcus Vinicius Corrêa. Mimese: sobre processos de conhecimento, representação artística e formação na história da educação. **Educar em revista**, Curitiba: v.35, nº 73, Jan-fev. de 2019. <https://doi.org/10.1590/0104-4060.62733>
- CASTRO, Celso. Apresentação. In: BOAS, Franz. **A Antropologia cultural**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed. 2004.
- CHACON, Vamireh. **Gilberto Freyre; uma biografia intelectual**. Recife: FUNDAJ, Ed. Massangana; São Paulo: Ed. Nacional, 1993.
- CHARTIER, Roger. **A História Cultural entre práticas e representações**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.
- COELHO, Claudio Marcio. **Gilberto Freyre: indiciarismo, emoção e política na casa-grande e na senzala**. 230 f. Dissertação (mestrado). Universidade Federal do Espírito Santo, Centro de Ciências Humanas e Naturais. 2007.

COSTA, André Oliveira. Norbert Elias e a configuração: um conceito interdisciplinar, **Configurações** [online], 19 | 2017, posto online no dia 30 junho 2017, consultado o 19 novembro 2021. URL: <http://journals.openedition.org/configuracoes/3947>;DOI:<https://doi.org/10.4000/configuracoes.3947>

COSTA, Célio Juvenal; MENEZES, Sezinando Luiz. Norbert Elias e a teoria dos processos civilizadores. **Revista HISTEDBR** On-line, Campinas, SP, v. 13, n. 53, p. 238–262, 2014. DOI: 10.20396/rho.v13i53.8640203. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8640203>. Acesso em: 20 mar. 2021.

CUNHA JUNIOR, Henrique. Críticas ao pensamento das senzalas e casa grande. **Revista Espaço Acadêmico**, 13(150), p. 84-100, 2013. Recuperado de <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/21122>

DAMATTA, Roberto. **O que faz o brasil, Brasil?** Rio de Janeiro: Rocco, 1986.

\_\_\_\_\_. **Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro.** 6a ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DALMONTE, Edson Fernando. **Mídia: fonte & palanque do pensamento culturalista de Gilberto Freyre.** Salvador: EDUFBA, 2009.

DIMAS, Antonio; LEENHARDT, Jacques; PESAVENTO, Sandra Jatahy. (Orgs). **Reinventar o Brasil: Gilberto Freyre entre história e ficção.** Porto Alegre: Editora da UFRGS; São Paulo: Editora da USP, 2006.

DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen. Prefácio à edição inglesa. In: ELIAS, Norbert. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

ELIAS, Norbert. **A peregrinação de Watteau à ilha do amor.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005

\_\_\_\_\_. **A sociedade de corte: investigação sobre a sociologia da realeza e da aristocracia de corte.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **Introdução à sociologia.** Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. **Mozart, sociologia de um gênio.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.,1995.

\_\_\_\_\_. **Norbert Elias por ele mesmo.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** V. 1 Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994a.

\_\_\_\_\_. **O processo civilizador.** V. 2, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

\_\_\_\_\_. **Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997

\_\_\_\_. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994b.

\_\_\_\_. **¿Cómo pueden las utopías científicas y literarias influir sobre el futuro?**. Santa fé de Bogotá: Utópica Ediciones, 1998.

FERNANDES, Florestan. **A integração do negro na sociedade de classes: no limiar de uma nova era**. V. 2 São Paulo: Globo, 2008.

FREIRE, Rosano. Antonio Candido: Uma abordagem sintética para a sociologia da arte/literatura. **Revista inter-legere**, v. 1, n. 23, p. 60-72, 18 dez. 2018.

FREITAS, Isabella Mendes. O Brasil e as Américas em Gilberto Freyre: das veias abertas pela colonização aos veios abertos para o futuro. **Temáticas**, Campinas, SP, v. 22, n. 43, 2014. DOI: 10.20396/temáticas. v22i43.11415. Disponível em: <https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/tematicas/article/view/11415>. Acesso em: 19 mar. 2021.

FREYRE, Gilberto de Mello. **Casa-grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal**. São Paulo: Global, 2003.

\_\_\_\_. **Nós e a Europa germânica: Em torno de alguns aspectos das relações do Brasil com a cultura germânica no decorrer do século XIX**. Rio de Janeiro: Grifo Edições, 1971.

\_\_\_\_. **Sociologia: introdução ao estudo dos seus princípios**, por Gilberto Freyre. 5.a ed. Rio de Janeiro: Editora José Olympio; Brasília, Instituto Nacional do Livro, 1973.

GAHYVA, Helga. Tempos da Casa Grande: as primeiras críticas à obra inaugural de Gilberto Freyre. **Revista de C. Humanas**, Viçosa, v. 10, n. 2, p. 245-255, jul./dez. 2010.

GARCÍA, González García, José M. Literatura y sociología en el proceso de la civilización, **Revista Española de Investigaciones Sociológicas**, nº 65, 1994. pp. 55-77

GOETTER, Jones Dari; SARAT, Magda (Orgs.). **Tempos e espaços civilizadores: diálogos com Norbert Elias**. Dourados: Editora da UFGD, 2009.

GOLDMANN, L. **Sociologia do romance**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1964.

HEINICH, Nathalie. **A Sociologia de Norbert Elias**. Bauru, SP: EDUSC, 2001

KILMINSTER, Richard. Introdução. In: \_\_\_\_ ELIAS, Norbert. **Teoria Simbólica**. Oeiras: Celta Editora, 1994b.

KAMEL, Ali. **Não somos racistas: uma reação aos que querem nos transformar numa nação bicolor**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LANSON, Gustave. L'Histoire Littéraire et la Sociologie. **Revue de Métaphysique et de Morale**, v. 12, n. 4, 1904, p. 621–42.

LAVILLE, Christian. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas** Porto Alegre :Artmed; Belo Horizonte: Editora UFMG, 1999.

LEHMANN, David. GILBERTO Freyre: A reavaliação prossegue. **Horizontes Antropológicos**. Porto Alegre, ano 14, n. 29, p. 369-385, jan./jun. 2008.

LEITE, Dante Moreira. **O caráter nacional brasileiro: história de uma ideologia**. 6. ed. rev. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

LEITE, Sylvia Helena Telarolli de Almeida. **Chapéus de palha, panamás, plumas, cartolas: a caricatura na literatura**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1996.

LIMA, Mário Hélio Gomes de. **Gilberto Freyre**. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LUKÁCS, Georg. **teoria do romance: um ensaio histórico filosófico sobre as formas da grande épica**. -São Paulo: Duas Cidades, Editora 34, 2009.

MESQUITA, Gustavo Rodrigues. **O projeto regionalista de Gilberto Freyre e o Estado Novo: da crise do pacto oligárquico à modernização contemporizadora das disparidades regionais do Brasil**. 286 f. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal de Goiás, Faculdade de História, 2012.

\_\_\_\_. Gilberto Freyre e o Estado Novo: a trajetória de uma relação ambígua. **Cadernos do Desenvolvimento**, Rio de Janeiro: v. 8, n. 12, pp.207-229, jan.-jun. 2013.

MACHADO, Luana Goulart. A Relação “Indivíduo e Sociedade” Na Literatura à Luz de Goldmann, Norbert Elias e Bourdieu. **Revista Café com Sociologia**, Maceió: V. 6, n. 2. p. 72-83, mai./jul. 2017.

MENNELL, Stephen. Civilising offensives and decivilising processes: between the emic and the etic. **Human Figurations: Long-term Perspectives on the Human condition**. V. 4, n.1, January 2015. link: <http://hdl.handle.net/2027/spo.11217607.0004.109>

MOTA, Carlos Guilherme. **Ideologia da cultura brasileira: 1933-1974: pontos de partida para uma revisão histórica**. 4. ed. São Paulo: Ática. 1978. disponível: <http://www.cadernosdodesenvolvimento.org.br/ojs-2.4.8/index.php/cdes/article/view/170/163>

NEIBURG, Federico; WAIZBORT, Leopoldo. Apresentação. In:\_\_\_\_ (Orgs.). ELIAS, Norbert. **Escritos & ensaios; 1: Estado, processo, opinião pública**. Rio de janeiro: Jorge Zahar Ed, 2006.

OLIVEIRA, Amurabi. Gilberto Freyre e o Brasil Meridional. **Soc. estado**. Brasília: v. 34, n. 1, p. 241-259, jan. 2019. Disponível: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-69922019000100241&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922019000100241&lng=en&nrm=iso) acesso 19 Mar. 2021.

\_\_\_\_. Gilberto Freyre e a educação: raça, democracia e ensino de história e cultura afro-brasileiras. **Linhas Críticas**, vol. 21, núm. 44, enero-abril, 2015, pp. 160-177. disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=193538270010>

OLIVEIRA, Osmar Nascimento de.; OLIVEIRA, Terezinha. **O processo civilizador segundo Norbert Elias**. Ix Anped sul 2012, 2012, Caxias do sul. a pós-graduação e suas interlocuções com a educação básica, 2012.

PALLARES-BURKE, Maria Lúcia Garcia. **Gilberto Freyre: um vitoriano dos trópicos**. São Paulo: Editora UNESP, 2005.

RIBEIRO, Luci Silva. **Processo e figuração: um estudo sobre a Sociologia de Norbert Elias**. 281 f. Tese- Campinas: [s. n.]. Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. 2010.

RIBEIRO, Luiz Carlos. **Civilização e cordialidade**. Norbert Elias e Gilberto Freyre: Diálogos sobre um processo. In: VII Simpósio Internacional Processo Civilizador: História, Civilização e Educação, 2003, Piracicaba (SP). 7 Simpósio Internacional Processo Civilizador História Civilização e Educação, 2003.

RODRIGUES, Francisco Xavier Freire. A Sociologia de Gilberto Freyre e o processo civilizador brasileiro. **Akrópolis**, Umuarama: v.11, n.2, abr./jun. 2003. ISSN 1982-1093. Disponível em: <https://revistas.unipar.br/index.php/akropolis/article/view/331>

ROSA, Milton; OREY, Daniel Clark. O campo de pesquisa em etnomodelagem: as abordagens êmica, ética e dialética. **Educ. Pesq.**, São Paulo, v. 38, n. 04, p. 865-879, out./dez. 2012.

SANTOS, Elisângela da Silva. **Monteiro Lobato e suas seis personagens em busca da nação**. 2008. 144 f. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências, 2008

SORÁ, Gustavo. A construção sociológica de uma posição regionalista. reflexões sobre a edição e recepção de 'Casa Grande & Senzala' de Gilberto Freyre. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo: n.36, p. 121-139, 1998. <https://doi.org/10.1590/S0102-69091998000100010>

SOUZA, Antonio Carlos Rocha de. Habitus, “fazimento” e a formação do povo brasileiro: uma discussão a partir das obras “O povo brasileiro” e “Os Alemães”. **Revista Sinais**. Vitória: v. 1, p. 90-101, 2013.

SOUZA, Jessé *et al.* **Ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009

SOUZA, Jessé. **Subcidadania brasileira: para entender o país além do jeitinho brasileiro**. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.

\_\_\_\_. Gilberto Freyre e a singularidade cultural brasileira. **Tempo Soc.**, São Paulo: v. 12, n. 1, pág. 69-100, maio de 2000. Disponível [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-20702000000100005&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-20702000000100005&lng=en&nrm=iso)>. acesso em 19 de março de 2021.

\_\_\_\_. Elias, Weber e a Singularidade Cultural Brasileira. In: \_\_\_\_\_. WAIZBORT, Leopoldo; NEIBURG, Federico (Orgs.) **Dossiê Norbert Elias**. 2.ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SOUZA, Vanderlei Sebastião de. Dos excessos tropicais à moderação dos costumes: um debate sobre a ideia de processo civilizador na obra de Gilberto Freire. **Revista Eletrônica História em Reflexão**, Dourados: v. 2, n. 4, jun. 2009. ISSN 1981-2434. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/historiaemreflexao/article/view/296>>. Acesso em: 19 mar. 2021.

SUTTANA, Renato. Utopia literária, ficção e a possibilidade do imaginário. **ANTARES**, Caxias do Sul: v.9, nº.17 – jan./jun. 2017.

VALARINI, Elizangela; CARVALHO, Márcio de. Apresentação: A história da sociologia alemã e sua recepção no contexto brasileiro. **Revista Em Tese**, Florianópolis: v. 15 n. 2, dez. 2018. ISSN 1806-5023. Disponível em: DOI: <http://dx.doi.org/10.5007/1806-5023.2018v15n2p7>

VELHO, Sergio Eduardo de Pinho; BAUER Wanderleyana Paula Medeiros. "Tupi, or not Tupi that is the question": Perspectivismo Ameríndio e Estudos Organizacionais. **FÓRUM - Rev. adm. empres.** 60 (2) • Mar-Apr 2020. <https://doi.org/10.1590/S0034-759020200207>

VILA NOVA, Sebastião. Cultura e sociedade em Gilberto Freyre. *Ciência & Trópico*. [S. l.], v. 19, n. 2, 2011. Disponível em: <https://periodicos.fundaj.gov.br/CIC/article/view/480>. Acesso em: 22 jun. 2022.

WAIZBORT, Leopoldo. Elias e Simmel. In: \_\_\_\_\_.; NEIBURG, Federico (Orgs.). **Dossiê Norbert Elias**. 2.ed. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2001.

SALUMETS, Thomas. **Norbert Elias and Human Interdependencies**. Montreal: McGill-Queen's University Press, 2001.

TAVOLARO, Sergio Barreira de Faria. A tese da singularidade brasileira revisitada: desafios teóricos contemporâneos. **Dados**, Rio de Janeiro, v. 57, n. 3, p. 633-673, jul./set. 2014. DOI: <https://doi.org/10.1590/00115258201420>.

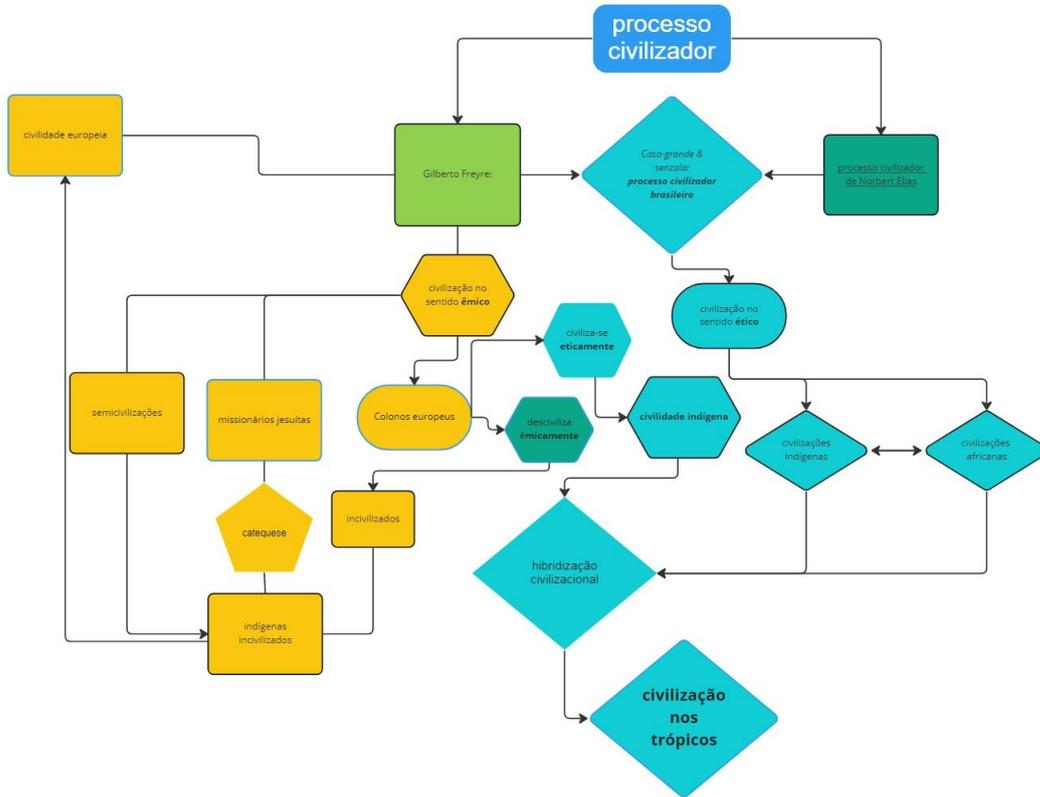
\_\_\_\_. Gilberto Freyre e nossa “Modernidade Tropical”: entre a originalidade e o desvio. **Sociologias** (UFRGS. IMPRESSO), Porto Alegre, V.15, nº 33, mai./ago. 2013, p. 282-317

WEILER, Vera (compiladora). **Figuraciones en proceso**. Santafé de Bogotá: Fundación Social, 1998.

ZANELLA, Liane Carly Hermes. **Metodologia de pesquisa**. 2. ed. rev. atual. Florianópolis: Departamento de Ciências da Administração/UFSC, 2011.

# Anexo

## Quadro conceitual



miro